



AO CORRER DOS DIAS

LENA E JORGE FONTAÍNHAS (CASAL RESPONSÁVEL PELA COMUNICAÇÃO)

Ainda mal refeitos da azáfama natalícia e das festas do ano novo, celebrámos os Reis, depois o Carnaval e, sem quase haver tempo para respirar, damos connosco na Quaresma. Chega de correr. É tempo de parar.

Olhemos um pouco para trás antes de nos debruçarmos sobre o presente e, logicamente, sobre os planos para o futuro próximo ou longínquo, como é de bom tom no princípio dos anos. O novo ano começou há pouco. Ainda é altura.

Se lançarmos um olhar, mesmo rápido, sobre o Encontro Nacional de Novembro, em Fátima, havemos de concordar que foi uma experiência muito importante na nossa vida no Movimento. Nem é preciso que recordemos tudo. Só o facto de dois mil equipistas terem convivido em espírito de verdadeira fraternidade durante dois dias, cantando e rezando e escutando a Palavra, embora não seja acontecimento inédito, é sempre daqueles que enche e acontece a alma, num bom sentimento que perdura. A Eucaristia do Domingo na nova Igreja da Santíssima



Trindade, a primeira Eucaristia pública celebrada nessa Igreja, foi um deslumbramento. E o Dever de se Sentar. ODSS, na tarde de sábado, como ele foi, transformou-se num testemunho do amor conjugal e do Movimento, na sociedade. Houve mais, claro.

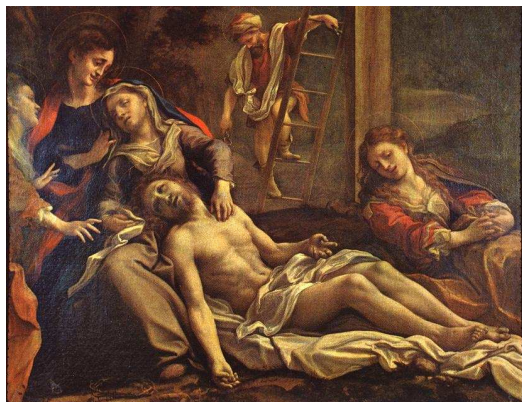
Mas o Dever de se Sentar. O casais debaixo de chapéus-de-chuva de diferentes cores, espalhados pelas escadarias da Basílica e pela Esplanada, paulatinamente conversando sob o olhar do Senhor, os mais novos correndo, de vez em quando, atrás dos filhos pequenos, interpelou e fez surgir muitas perguntas às pessoas que circulavam e se espantavam.

Visto donde quer que se visse, o espectáculo era singular e bonito.

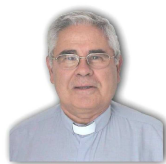
A esta distância, já de três meses, recordamos ainda a serenidade dos pares que conversavam, misturados os recém-casados com os já há uma já longa vida casados, muitos sentados no chão da esplanada. Pensamos em tantos que não conseguem comunicar ou tentam comunicar mas não convidam Deus, nas dificuldades que fazem muitos abandonar o esforço e desistirem do Dever de Se Sentar.

Na realidade, a comunhão no amor não é possível se não for comunicação. Porque é difícil expormo-nos, negamos ao outro um coração que o acolha. Tantos são os preconceitos que impedem que nos esvaziemos, que não nos deixamos encher pelo que ele nos pede. Do mesmo modo, as tensões que nos bloqueiam, frutos em mau estado das memórias de cenas passadas, de longos silêncios que consentimos que se fossem, pouco a pouco, instalando entre nós. Quantos são aqueles que se sentem melhores esposos/as porque não partilham o que pensam e sentem? Quantos não temem que o diálogo vá desaguar numa discussão donde não sai a luz e que, fatalmente, vai conduzir à guerra? Mas o conflito pode ser resolvido pela negociação, de maneira a que ganhem os dois. Não é preciso que um ganhe e o outro perca. Isto até é fácil para aquele que tem mais recursos. Porque só o mais forte pode, voluntariamente, fazer-se fraco e só o que tem pode renunciar a ter. Só o que pode, pode decidir não poder,

assim como fez Cristo pregado na cruz. Condição de Ressurreição.



E estamos na Quaresma. Tempo de reflexão, tempo de doação para os que vivem juntos, mesmo quando não apetece. O que é sempre possível porque continuamos a amar-nos ao nível da vontade profunda. Também o casal, como a pessoa, só existe na relação e a relação tem que ser cuidada. Não será fácil mas o que é fácil empobrece-me e empobrece a relação. Se o esforço custa também constrói. Ofereçamos ao Senhor, nesta Quaresma, o nosso tempo para que seja um longo Dever de Se Sentar. Aceitemos ser desinstalados pela diferença do outro, única maneira de o conhecermos. Não dispensemos as pequenas complicitades nem as comunicações não verbais. Não nos deixemos embrulhar nas nossas complicações. Atravessando constrangimentos e aparências, sem acordar fantasmas, sejamos capazes de escutar e confidenciar tudo o que vive em nós. Isto, com Cristo crucificado e Cristo ressuscitado no coração de cada casal. Aleluia.



“SPES SALVI” PREPARANDO A PÁSCOA 2008

PADRE ANTÓNIO JANELA (CONSELHEIRO ESPIRITUAL DA SUPRA-REGIÃO)

“Como cristãos, não basta perguntarmo-nos: como posso salvar-me a mim mesmo? Devemos antes perguntar-nos: o que posso fazer a fim de que os outros sejam salvos e nasça também para eles a estrela da esperança? Então terei feito também o máximo pela minha salvação pessoal”
Spes Salvi n.º 48.

Aproximando-se a Páscoa, é nos dado agora viver este tempo de preparação que é a Quaresma. Porque não tomar como objecto de reflexão e diálogo a recente encíclica de Bento XVI, “Spes Salvi”?

Bento XVI assume o que constituiu um dos propósitos fundamentais de seu antecessor imediato, João Paulo II. Com toda a energia de seu carácter e de homem de acção, o Papa Wojtyla propôs-se responder ao desafio da secularização. Fê-lo com as suas enormes capacidades e, sobretudo, no campo da acção. Bento XVI assume este mesmo desafio, mas a um nível mais profundo, em diálogo sobretudo com os humanismos hodiernos, situando o diálogo onde, na opinião de alguns, são decididas muitas

das questões mais graves de nosso tempo: ao nível da visão do homem, no âmbito da antropologia. Bento XVI continua neste mesmo empenho convidando a um diálogo e a uma autocrítica tanto à modernidade como à fé cristã,

Sempre com um estilo amável e positivo, o Papa dirige sua análise à situação da cultura actual, em diálogo especialmente com o âmbito alemão – filosófico e teológico – ao qual ele pertence e que tanta influência teve na Europa. Propondo uma reflexão a crentes e não crentes, apresenta uma pergunta radical: **Que espera o homem de hoje?** Neste sentido, a encíclica distingue entre “as esperanças” e “a grande esperança”. “Nós - afirma o Papa - necessitamos

das esperanças – menores ou maiores – que, dia após dia, nos mantêm a caminho. Mas sem a grande esperança, que deve superar tudo o resto, aquelas não bastam”. Nas ciências humanas - filosofia, psicologia, antropologia - a esperança está unida ao sentido da existência, à comunicação e à felicidade, de tal maneira que a falta de motivação - por não ter ninguém e nada esperar - leva consigo um aumento da depressão ou da tristeza profunda que pode desembocar num suicídio físico ou numa morte vital prematura. “Não é a ciência que redime o homem. O homem é redimido pelo amor” assinala Bento XVI, numa crítica às pretensões do pensamento moderno.

É possível viver e aceitar o presente, afirma o Papa, se houver **“uma esperança fidedigna”**, destacando a importância da eternidade, não no mundo actual – “a eliminação da morte ou o seu adiamento quase ilimitado deixaria a terra e a humanidade numa condição impossível” – mas como “um instante repleto de satisfação, onde a totalidade nos abraça e nós abraçamos a totalidade”.

“A verdadeira e grande esperança do ser humano, que resiste apesar de todas as desilusões, só pode ser Deus, que abraça o universo e nos pode propor e dar aquilo que, sozinhos, não podemos conseguir”. Deus é, assim, o fundamento da esperança, não um deus qualquer, mas aquele Deus que possui um rosto humano e que nos amou até ao fim, cada indivíduo e a humanidade no seu conjunto.

Numa linha de continuidade com a sua primeira encíclica, o Papa sublinha a dimensão comunitária da esperança e refuta as críticas de que a salvação proposta pela fé cristã seja “fuga da responsabilidade geral”. “O amor de Deus revela-se na responsabilidade pelo outro”, destaca.

A segunda parte deste documento teológico apresenta uma série de lições, considerações práticas sobre a oração como escola da esperança; o agir e o sofrer como lugares da aprendizagem da esperança; o Juízo como lugar de aprendizagem e de exercício da esperança.

Bento XVI indica que rezar “não é retirar-se para o canto da própria felicidade” e que “o nosso agir não é indiferente diante de Deus” nem para “o desenrolar da história”. “O modo correcto de rezar é um processo de purificação interior que nos torna aptos para Deus e, precisamente desta forma, aptos também para os homens”. “Assim tornamo-nos capazes da grande esperança e ministros da esperança para os outros: a esperança em sentido cristão é sempre esperança também para os outros. E é esperança activa, que nos faz lutar para que as coisas não caminhem para o “fim perverso”. É esperança activa precisamente também no sentido de mantermos o mundo aberto a Deus. Somente assim, ela permanece também uma esperança verdadeiramente humana”.

“A capacidade de sofrer por amor da verdade é medida de humanidade”,

afirma o Papa. No entanto, “esta capacidade de sofrer depende do género e da grandeza da esperança que trazemos dentro de nós e sobre a qual construímos”. Neste ponto, Bento XVI advertindo quem optou pela indiferença perante o amor, a verdade e o bem, assinala que “não é a fuga diante da dor” que cura o homem. A nova encíclica acaba por fazer referência ao ateísmo e a quantos querem “um mundo que deve criar a justiça por sua conta”, esquecendo que “Deus sabe criar a justiça”. Um mundo que deve criar a justiça por sua conta é um mundo sem esperança.

O chamado “juízo final” surge como um “apelo à responsabilidade e como uma resposta “à impossibilidade de a justiça da história ter a última palavra”. Por isso o Papa afasta a ideia de uma restauração universal e fala de inferno e purgatório, porque “com a morte a opção de vida feita pelo homem torna-se definitiva”. “Como cristãos, não basta perguntar-nos como posso salvar-me. Devemos antes perguntar: o que posso fazer para que os outros sejam salvos e nasça,

também para eles a estrela da esperança? Então, terei feito o máximo pela minha salvação pessoal”, conclui o Papa.

A Igreja, num hino com mais de mil anos, saúda Maria, a Mãe de Deus, como “estrela-do-mar”: *Ave maris stella*. “As verdadeiras estrelas da nossa vida são as pessoas que souberam viver com rectidão. Elas são luzes de esperança. Certamente, Jesus Cristo é a luz por antonomásia, o sol erguido sobre todas as trevas da história. Mas para chegarmos até Ele precisamos também de luzes vizinhas, de pessoas que dão luz recebida da luz d’Ele e oferecem, assim, orientação para a nossa travessia. E quem mais do que Maria poderia ser para nós estrela de esperança?”. Por isso o Santo Padre termina a sua encíclica com uma belíssima prece evocando Maria como Mãe da esperança: “Santa Maria, Mãe de Deus, Mãe nossa, ensinaí-nos a crer, esperar e amar convosco. Indicaí-nos o caminho para o seu reino! Estrela-do-mar, brilhai sobre nós e guiai-nos no caminho!”

ESTAMOS A PRECISAR DE MAIS TRADUTORES

Dado o elevado número de traduções que cada vez mais são necessárias, estamos a precisar de mais tradutores de (e para) inglês, francês, espanhol e italiano.

Oferecemos:

- Oportunidade para se dedicarem ainda mais ao Movimento.
- Possibilidade de devolverem uma parte do que dele já receberam ...
- Actualização constante, pois serão os primeiros a ler os textos que traduzirem (!).
- Integração na Equipa Tradutores do Movimento (sem obrigação de presença às reuniões).
- Trabalho de acordo com o vosso tempo livre.

Quem se disponibilizar para este serviço ao Movimento muito agradecemos que envie os seus contactos para o Secretariado (21 842 93 40 ou ens@ens.pt).

Bem hajam.

ANA E VASCO

Enviados para **SERVIR**

ENCONTRO DAS EQUIPAS DE SECTOR

Fátima, 23 e 24 de Fevereiro
de 2008



Equipas de Nossa Senhora



DAR A CONHECER A VIDA E A OBRA DO PADRE HENRI CAFFAREL

ANA E VASCO VARELA (CASAL RESPONSÁVEL SUPRA-REGIONAL)

Queridos amigos,

A todos vós, casais e Conselheiros Espirituais da África do Sul, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Moçambique, Angola e Portugal, enviamos uma saudação calorosa e votos de Bom Ano de 2008. E já somos muitos, pois como mostra a contagem efetuada neste início de ano, já ultrapassámos as mil equipas integradas na Supra-Região Portugal, o que corresponde a cerca de 6.000 casais.

Por sermos de dois continentes e por causa da língua que nos une a outros países onde se fala ou vivem portugueses, temos consultas ao nosso site (ens@ens.pt) oriundas das mais diversas paragens (ver mapa mundo apresentado nesta Carta).

Tem sido o espírito do Segundo Fôlego, bem presente hoje em todo o Movimento, que nos tem levado a aliar a nossa formação, como casais cristãos, ao empenhamento apostólico e missionário. E vamos continuar esse caminho não só fora das fronteiras de Portugal, com a recente decisão de nos dedicarmos também à Guiné, mas também nas dioceses de Bragança e Beja, prosseguindo os esforços já iniciados no passado.

Esta acção missionária também já está a produzir frutos para os equipistas de Portugal, que muito beneficiaram com os testemunhos verdadeiramente cristãos dos casais e Conselheiros Espirituais de Angola, Moçambique, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe, que participaram, pela primeira vez, num painel no Encontro Nacional de 2007 (17 e 18 Novembro).

Neste Encontro tivemos oportunidade de apresentar os resultados do inquérito sobre o “Discurso de Chantilly” (cujo resumo incluímos nesta Carta), e verificámos a grande apêndia do Movimento por conhecer melhor a obra do fundador (foram vendidos os 500 livros que tínhamos levado para Fátima). Mas, ao mesmo tempo houve uma fraca adesão à Associação dos Amigos do Padre Caffarel (apenas 10 inscrições!), que interpretamos também como falta de motivação pelo desconhecimento que existe, ninguém ama o que não conhece...

Constatamos pois a necessidade de dar a conhecer melhor o pensamento e a obra do Padre Henri Caffarel, fun-

dador das ENS, o que nos levou a definir uma nova prioridade e a tomar diversas medidas na última reunião da Equipa da Supra-Região (Fátima, 11 a 13 Janeiro 2008):

- Divulgar a biografia do Padre Caffarel através do livro já editado em Português: **“Henri Caffarel, um homem cativado por Deus”**;
- Divulgar os **18 Editoriais do Padre Caffarel** publicados nas Cartas Verdes iniciais;
- Incluir estes editoriais nos **CADERNOS DE PILOTAGEM**, conforme proposta do 2º Encontro Nacional de Formadores (Fátima, 12 de Janeiro de 2008);
- Divulgar um texto fundamental do Padre Caffarel (de 1958), onde apresenta um novo conceito de espiritualidade, a espiritualidade conjugal, revelando as graças e as exigências do Sacramento do Matrimónio, documento essencial para a compreensão do seu pensamento sobre este Sacramento: **“Por uma Espiritualidade do Cristão Casado”**;
- Abrir uma **nova secção “Henri Caffarel”** na Carta periódica, com textos seus, começando já nesta Carta de Fevereiro com este texto fundamental sobre a Espiritualidade Conjugal;

- Editar, em parceria com a Editora Principia, mais dois livros do Padre Caffarel: **“Aux Carrefours de l’Amour”** (Fevereiro 2008) e **“Présence à Dieu”** (Novembro 2008);
- Adotar para **tema do próximo ano** (2008/2009) um tema preparado em França com base em textos do Padre Caffarel;
- Incluir este tema do Padre Caffarel no conjunto de temas propostos pelo Movimento às **equipas que terminam a pilotagem**;
- Introduzir textos do Padre Caffarel nas diversas **sessões de formação** organizadas pelo Movimento, conforme proposta do 2º Encontro Nacional de Formadores (Fátima, 12 de Janeiro de 2008);
- Traduzir para Português, logo que esteja disponível, o livrinho sobre o Padre Caffarel que está a ser elaborado pela Equipa Satélite respectiva.

Que estas leituras nos reconduzam às fontes do nosso Movimento e sejam ajuda e estímulo para caminhar, a dois, mais e melhor para a Santidade, desenvolvendo o que nos é próprio: A Espiritualidade Conjugal.

Um abraço em Cristo.

AO ENCONTRO DA ERI

Aproveitando a estadia em Portugal da Equipa Responsável Internacional (ERI), por ocasião do Colégio Internacional de 2008, estamos a organizar um **Encontro com a ERI**, oportunidade única para os equipistas de Portugal. Será no dia **26 de Julho de 2008**, em Fátima, no Centro Pastoral Paulo VI (Sala do Bom Pastor).

Será um Encontro onde iremos conhecer em detalhe a organização do Movimento a nível Internacional, a realidade das Zonas apresentada pelos respectivos casais responsáveis membros da ERI e as novas Equipas Satélite, que são da responsabilidade da Tó e Zé Moura Soares.

A presença de muitos equipistas, todos estão naturalmente convidados, será uma manifestação da vitalidade do Movimento em Portugal, mostrando que estamos activos e actuates não só dentro das nossas fronteiras mas também nos países africanos de língua oficial portuguesa. Estarão também presentes todos os regionais, incluindo os de Angola e Moçambique.

Uma presença significativa será um sinal do nosso bom acolhimento, já que a ERI é nossa convidada. De facto, este Colégio Internacional realiza-se em Portugal a convite da Supra-Região. Contamos pois com a vossa presença, sabemos que a hospitalidade não é palavra vã na nossa terra.

PROGRAMA DO ENCONTRO COM A ERI

14:30 h - Acolhimento

15:00 h - Oração

15:15 h – Abertura pelo Casal SR de Portugal (Ana e Vasco)

15:30 h – Mensagem do CR ERI (Maria Carla e Carlo)

15:45 h - Apresentação das 4 Zonas e do Projecto Equipas Satélite

16:45 h – Diálogo com a ERI

17:00 h – Missa (concelebrada pelos CE ERI e CE SR Portugal)

18:00 h – *Magnificat*

TODOS OS EQUIPISTAS ESTÃO CONVIDADOS PARA ESTE ENCONTRO COM A ERI

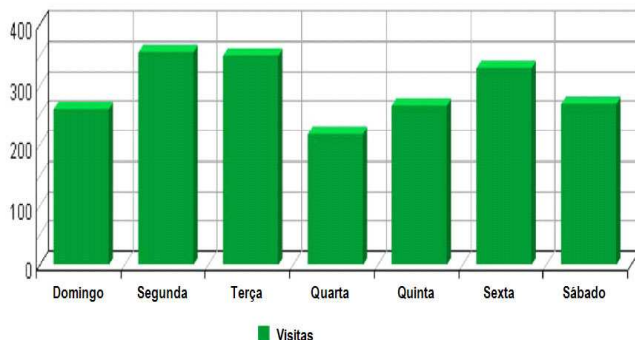
Quem visita o site das ENS?

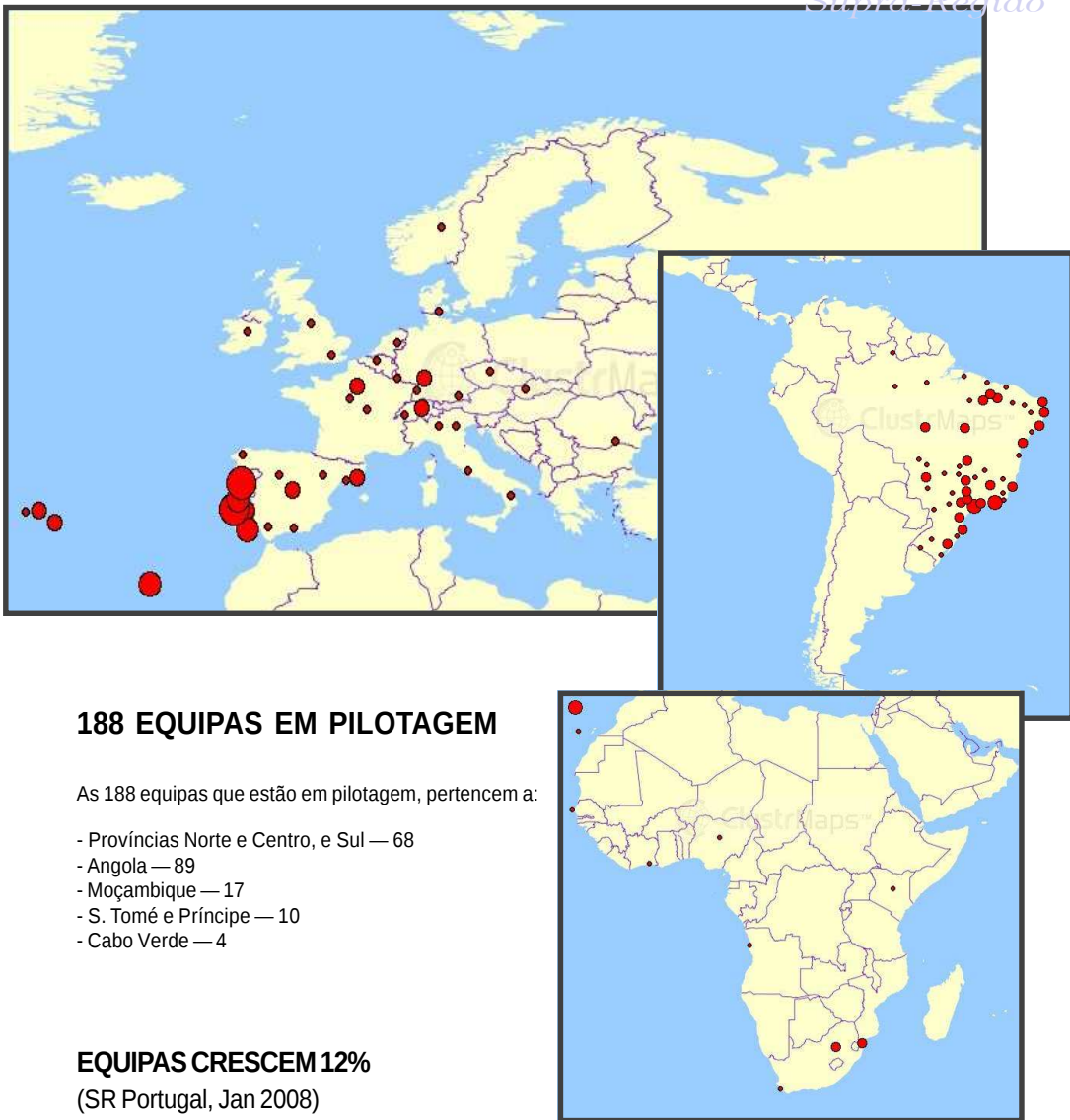
Em 24 de Dezembro de 2007 colocámos no site das Equipas um contador que identifica a origem dos visitantes do site. A apresentação gráfica é bastante elucidativa e os mapas mostram-nos onde vive quem nos visita. Desde a data de início da contagem e até ao final de Janeiro, cerca de cinco semanas portanto, foram registadas mais de 3.000 visitas.

Este novo contador peca, no entanto, por defeito pois o contador original, que ainda funciona, dá-nos resultados bastante mais fiáveis embora sem o pormenor geográfico e indica uma média que se estabilizou em cerca de 300 visitas diárias, com uma duração média de 10 a 18 minutos cada. O gráfico mostra os resultados de uma semana típica.

Estes números levam-nos a meditar no alcance que o nosso Movimento tem em todo o mundo e na responsabilidade que todos temos para com os amigos que nos fazem confiança e que lêem aquilo que publicamos. A atenção de todos os equipistas, a todos os níveis da estrutura do Movimento, é fundamental para que o site se mantenha actualizado e que corresponda à expectativa daqueles o visitam.

VISITAS AO LONGO DO TEMPO





Em 2007, na Supra-Região Portugal, o Movimento **cresceu 11,7%**, graças sobretudo a Angola e Moçambique.

Em 1 de Janeiro de 2008 as estatísticas do Movimento eram as seguintes:

- **1053 equipas** (havia 943 equipas em 1 Janeiro 2007)
- 188 equipas em pilotagem (143 em 2007)
- 5620 casais (4.940 em 2007)
- 226 viúvas (206)
- 36 viúvos (33)
- 684 conselheiros espirituais (665)



Equipas de Nossa Senhora

ENCONTRO EQUIPAS SECTOR

Fátima, 23 e 24 Fevereiro 2008

ENVIADOS PARA SERVIR

«Pois também o Filho do Homem não veio para ser servido, mas **para servir e dar a sua vida** em resgate de todos.» Mc. 10, 45

A Equipa de Sector, à semelhança da equipa de base, reúne-se em nome de Cristo, aprofunda o conhecimento mútuo, reza e medita a Palavra de Deus, reflecte e celebra as alegrias da sua caminhada em conjunto. As propostas são analisadas conjuntamente e as decisões tomadas e assumidas colegialmente. A ela cabe **unir, ligar, formar, animar e difundir** o Movimento, propondo aos casais um Caminho de **Amor, Felicidade e Santidade**. É em função destas missões que a Equipa de Sector orienta as suas actividades. Por tudo isto dizemos que ela **é a comunidade mais essencial à vida das equipas**

«O Sector é uma comunidade de equipas que querem caminhar juntas e ajudar-se mutuamente nessa caminhada.» (Guia das ENS)

OBJECTIVOS

- * **Rezar** juntos.
- * **Reflectir** sobre a missão e as responsabilidades das equipas de sector.
- * **Ganhar forças** para O servir melhor.
- * **Reforçar a unidade**.

DESTINATÁRIOS

- * **Casais e Conselheiros Espirituais**, membros das Equipas de Sector.
- * **Casais e Conselheiros Espirituais** convidados para o Serviço.

ACOLHER Em Fátima

Reunião da ERI 16 a 20 Julho 2008

Colégio Internacional 20 a 26 Julho 2008

Encontro com a ERI 26 Julho 2008 (13h-18h)

Encontro da Equipa da SR com a ERI
27 Julho 2008 (9h-13h)



Equipas de Nossa Senhora

EQUIPISTAS, HOMENS E MULHERES FIÉIS A UM CARISMA

PADRE ANGELO EPIS (CONSELHEIRO ESPIRITUAL DA ERI)

A partilha ajuda-nos a verificar quando Deus passa na nossa vida e a tornarmo-nos autênticos e exigentes companheiros de viagem a fim de descobrirmos os planos de Deus na vida dos outros equipistas.

Enquanto escrevo este editorial, as Equipas de Nossa Senhora prepararam-se para celebrar o 60.º Aniversário da “Carta das Equipas de Nossa Senhora” por todo o mundo onde elas existem. Procuro deixar-me iluminar pela experiência vivida pelo Padre Caffarel no seguimento de Jesus, para repetir certos desafios sobre “A Equipa comunidade da Igreja”. Com efeito, nós não fazemos unicamente parte da Igreja mas somos, também, os guardiães dum carisma que o Espírito Santo nos deu. O itinerário proposto pela Carta não é um acessório mas um dom a receber, para viver e para enriquecer no tempo através da história de cada um de nós.

Lemos no Evangelho de Marcos (3, 13-15) “Jesus subiu depois a um monte, chamou os que Ele queria e foram ter com Ele. Estabeleceu doze para estarem com Ele e para os en-

viar a pregar...”. A união com Cristo, fim primeiro dos equipistas, como dizia o Padre Caffarel, permite a cada um entrar na profundidade da relação com Ele, base e fonte do caminho de cada cristão e, portanto, de cada casal chamado a viver a espiritualidade ao longo dos caminhos dos homens.

Numa sociedade caracterizada pela tendência para o individualismo, para a cultura do sucesso, para o “faça você mesmo”, o bem-estar e o sucesso frequentemente seduzem-nos até colocarmos neles a nossa segurança. Convido cada um de nós, casais e conselheiros espirituais a refazer o caminho do “deserto”, a fim de verificar em quem pomos a nossa esperança, libertos dos numerosos ou raros ídolos, dos numerosos ou raros falsos casais em que nos tornamos e, sobretudo, a redescobrir que “se vem para as Equipas por Deus e



que aí se permanece por Deus". Frequentemente, o Padre Caffarel insistiu sobre a necessidade de redescobrir a espiritualidade como um chamado para todos.

"A espiritualidade é a ciência que trata da vida cristã e dos caminhos que conduzem ao seu pleno desabrochar". Não se trata de nos afastarmos do mundo, mas de aprender, com o exemplo de Cristo, como servir Deus na vida e no mundo. A espiritualidade não é apenas feita de certos aspectos como a oração ou a ascese, mas conduz ao serviço de Deus onde vivemos: na família, no trabalho, na cidade.

No cerne do percurso espiritual dos casais, o Padre Caffarel baseia a sua reflexão sobre o amor, sobre as estreitas relações entre o amor de Deus e o amor humano. A chave: "O amor humano é a referência que nos ajuda a compreender o amor divino. Porque pode fazer de dois seres um só, salvaguardando a personalidade de cada um, o amor permite-nos adquirir a compreensão da misteriosa união de Cristo com a humanidade e do casamento espiritual da alma com o seu Deus" (sobre o amor e a graça, p. 44). Atingimos o coração da reflexão: partindo da experiência do amor do casal, pode descobrir-se o amor de Deus, a sua fidelidade, o seu desejo do nosso bem; simultaneamente os esposos desejam a felicidade um do outro, tanto no plano humano como no do seu crescimento religioso; sem estas dimensões, o seu amor quedar-se-ia imperfeito e, diz o Padre Caffarel, "mesmo mutilado".

É por tudo isto que é importante fazer a experiência do deserto para chegar a um grande amor, a uma paixão que conduza a uma identificação com Cristo, o Deus feito homem, a experimentar os seus sentimentos e a seguir os seus passos. Ao longo deste caminho descobre-se Deus como o valor supremo da vida.

Temos consciência da nossa fragilidade e de todas as tentações às quais estamos expostos; percebemos, em cada momento da nossa vida, quanto necessitamos do outro, do nosso cônjuge, da nossa equipa, da comunidade social e eclesial para que estejam ao nosso lado a estimular-nos, a iluminar-nos, a revelar-nos as escolhas erradas a que a nossa fraqueza nos podia conduzir.

Sublinho dois aspectos do nosso caminho em equipa: a partilha e a pilotagem. A partilha é o resultado dum caminho pessoal e dum dever de se sentar bem vivido no interior do casal. Assim, na reunião de equipa, manifesta-se a ajuda recíproca, seja como comunicação espiritual, seja como o assumir da responsabilidade em direcção à comum vocação para a santidade.

A partilha ajuda-nos a verificar quando Deus passa na nossa vida e a tornarmo-nos autênticos e exigentes companheiros de viagem a fim de descobrirmos os planos de Deus na vida dos outros equipistas.

A pilotagem tem uma função delicada na equipa. Os casais, hoje, de resto como sempre, são capazes, dotados, têm possibilidades, mas para liber-

tar todas as suas forças têm necessidade de alguém que os ajude a reconhecer-las, a cultivá-las, a fazê-las frutificar. No princípio, a vida duma equipe depende muito das ocasiões que se lhe oferecem e das pessoas que encontra. Um acompanhamento exige pilotos “mestres e guias”, que saibam estimular, apoiar, iluminar. Devem disponibilizar-se para um caminho sereno e aprofundado de “discernimento” sobre a sua vida conjugal. A pilotagem tem que levar para a reunião, de forma clara e transparente, o Cristo vivo do Evangelho que se manifesta na Palavra, nos Sacramentos e especialmente na Eucaristia e nas relações humanas.

As motivações humanas e espirituais que levam um casal a comprometer-se nas Equipas de Nossa Senhora, devem ser, sobretudo hoje, purificadas e filtradas à luz da radicalidade evangélica para evitar o risco de construir, ao longo dos anos, falsas motivações. Num dado momento elas acabam necessariamente numa crise de identidade e de escolha, provocando cansaços e dificuldades para viver a vida em equipa. “A lealdade exige que os membros dum Movimento adiram a ele ou nele permaneçam, unicamente se as suas intenções corresponderem ao ideal proposto pelo movimento. O casal piloto, que acompanha a nova equipa no seu discernimento, deve ter bem claro que o primeiro objectivo a atingir é meta comum a cada pessoa: “humanizar a vida”.

É neste processo, que se relaciona com Cristo, que se instaura a desco-

berta do método proposto pela Equipa de Nossa Senhora. Não é a quantidade de equipas que nos preocupa! É o “interesse” por cada pessoa, o desejo que cada casal possa crescer e tornar-se livre, isto é, capaz de amar e desejoso de percorrer o caminho da santidade. A escolha foi feita e tem futuro quando o casal descobre a sua vocação para o amor, aprendendo a viver bem inserido na sua realidade, a aceitar as pessoas sem preconceitos nem classificações, a cultivar em profundidade o desejo de viver e de fazer crescer a vida em qualquer circunstância.

Assim como a sua pertença, as dinâmicas da equipa onde o casal se introduz para viver, não têm uma importância menor. A equipa de base é o lugar onde se integram harmoniosamente a liberdade e o método, a fantasia e a disciplina, a inovação e o serviço. O casal deve compreender que estar juntos, trocar experiências, conhecer-se, criar coisas confrontar-se com os outros faz parte da vida quotidiana a partir da qual começa o caminho da santidade. O conselheiro espiritual é o “companheiro de viagem” que, tomando a sua experiência de Deus pela sua diferente vocação, enriquece a equipa e é enriquecido por ela, através duma relação que mergulha no amor e no encontro com Cristo presente na sua vida e na dos outros.

8 de Dezembro, solenidade da Imaculada Conceição de Maria, reveste-se para nós duma importância particular. Não foi por acaso que o Padre Caffarel escolheu a denominação de

Equipas de Nossa Senhora. A ligação com a Mãe do Senhor é profunda e significativa. Escrevia ele: “este amor de Nossa Senhora não é um sentimento frouxo: ele é um deslumbramento face à mais radiosa e santa das criaturas, é reconhecimento filial dirigido à mais Mãe de todas as mães, é vontade activa de lhe agradecer, de a ajudar na sua missão, que é precisamente de maternidade junto de todos os homens...” (Maio 1952).

Maria é o modelo daquilo que Deus realiza na pessoa que permanentemente escuta, totalmente disponível, aberta a caminhos desconhecidos. Maria, por outro lado, está presente e activa nos momentos chave da vida do seu Filho e da primeira comuni-

dade cristã. Pelo exemplo de Maria, o equipistas aprende a reconhecer a sua própria pobreza, a cantar a grandeza do Senhor e as maravilhas que Ele realiza nas criaturas.

O Magnificat, rezado e vivido dia após dia, conduz a uma fé forte e corajosa, que nos permite dizer o nosso “aqui estou” e que nos leva a seguir fielmente o Mestre, fazendo ressoar em nós as palavras de Maria em Caná: “Façam o que Ele vos disser” /Jn 2, 5). Deste modo somos capazes de conservar a coragem com esperança e amor aos pés da Cruz, de cada cruz, e junto dos crucifixos que, mesmo hoje, achamos no mundo e que encontramos no nosso caminho de testemunhas do Ressuscitado.



NOTÍCIAS DA ZONA EURÁSIA

JAN E PETER RALTON (CASAL DE LIGAÇÃO PARA A ZONA EURÁSIA)

UM NOVO CASAL RESPONSÁVEL DA ZONA EURÁSIA

Apresentação de Jan e Peter Ralton

Em primeiro lugar queremos agradecer a Elaine e John Cogavin a sua dedicação às Equipas de Nossa Senhora e a sua amizade ao longo destes últimos seis anos. É com uma

viva emoção (e um certo grau de inquietude) que começámos em Julho o nosso mandato como Responsáveis da Zona Eurásia na Equipa Responsável Internacional. É enorme a nos-

sa admiração face à energia, sabedoria e dedicação que Elaine e John demonstraram durante o seu mandato e ser-nos-á difícil atingir o mesmo nível. Sabemos, contudo, que nos devemos empenhar com todas as nossas aptidões e tentar contornar as nossas fraquezas e esperamos, durante esta caminhada, aprender muito e contribuir para o desenvolvimento e para o bem estar das Equipas da Zona Eurásia.

A NOSSO RESPEITO

Somos Jan e Peter Ralton. Nascemos ambos na Austrália e vivemos em Melbourne, no sudeste do continente. Peter é um especialista em avaliações de bens mobiliários. Trabalhou para o governo do Estado de Vitória durante vários anos e especializou-se na análise de bens mobiliários e avaliações por computador. Neste últimos anos, reformou-se em parte e trabalhava alguns dias por semana em casa. Isto permitiu-lhe dedicar mais tempo à sua função de Responsável da Supra-Região Oceânia que assumíramos dezoito meses antes. Mais recentemente foi convidado para Director da Divisão do Instituto Australiano dos Bens Imobiliários de Vitória. Jan deixou o trabalho a seguir ao nascimento dos nossos filhos e trabalhou, desde então, essencialmente a partir de casa. Ambos fizemos parte de várias associações e dedicámo-nos aos nossos interesses pessoais. O de Peter é o desporto e, em particular, o cricket, o de Jan o acompanhamento das crianças e das famílias socialmente desprotegidas.

Temos três filhos e dois netos. Os nossos filhos e as suas famílias são uma fonte de grande felicidade e de interesse para nós. Dois dos nossos filhos (e a nossa nova neta) vivem longe de Vitória (a mais de 800 km) e por isso a nossa conta telefónica é excessiva e gostamos sempre que apareça uma razão para os visitar. Felizmente, o nosso neto e os pais vivem muito perto.

AS EQUIPAS NA NOSSA VIDA

A nossa vida de equipa sempre foi muito importante para nós. Mesmo no princípio, havia apenas a nossa equipa e o Encontro Anual. Festejámos o 30.º aniversário da nossa equipa e muitos dos equipistas do início ainda se mantêm. Quando convidámos os casais e os conselheiros espirituais a juntarem-se-nos, achámos que íamos despertar e aprofundar a nossa espiritualidade e a do grupo inteiro.

A nossa primeira experiência para além da nossa própria equipa levou-nos a aceitar a pilotagem duma nova equipa, já lá vão muitos anos. Isso forçou-nos a aprofundar o que eram as Equipas assim como as questões mais importantes relacionadas com os Equipistas. Admiramos extraordinariamente e temos em alta estima os membros dos diferentes grupos ao nível do Sector, Região e Supra-Região com quem trabalhamos durante onze anos. Apreciamos enormemente os numerosos amigos que encontrámos durante a nossa participação no Colégio Internacio-

nal nos cinco últimos anos. Todas estas pessoas nos mostraram a grande alegria do Movimento das Equipas, o que muito enriqueceu a nossa vida.

OS SEIS ANOS QUE SE SEGUEM

O ponto a atingir no nosso futuro será apoiar activamente a Zona Eurásia e, em particular, as Supra-Regiões Transatlântica e Oceânia e a Região da Índia. Prevemos que, durante estes anos, a Índia se tornará uma Supra-Região dado o seu crescimento actual. Também assumimos a missão de partilhar com os outros, na Zona, tudo o que as Equipas nos deram tão generosamente. Espera-

mos ver crescer novas equipas isoladas e sectores como a Nova Zelândia, as Filipinas, o Malawi e a Coreia e de sermos, assim, capazes de suscitar um maior número de equipas nos seus países.

O sudeste da Ásia e os países anglofonos de África merecerão a nossa principal atenção durante os próximos anos. Temos, neste momento, vários casais que viajam na Zona, em regiões onde as Equipas não existem ainda. Através destas missões eles vão tentar formar novas equipas. O nosso papel será encorajá-los e apoiá-los nos seus esforços. Agradecer-vos-íamos se vos lembrásseis deles nas vossas orações.



GENEVIÈVE E HERVÉ DE CORN

ASSOCIAÇÃO DOS “AMIGOS DO PADRE CAFFAREL”

PORQUE QUEREMOS PEDIR A BEATIFICAÇÃO DO PADRE CAFFAREL?:

Monsenhor Lustiger, arcebispo de Paris, dizia do padre Caffarel que ele era um profeta! Hoje, todos estão de acordo para afirmar que o padre Caffarel sempre soube ver os sinais dos tempos e os antecipar. Reconhece-se, hoje, a plena actualidade da sua Palavra.

A sua vida foi marcada por numero-

sas conversões na origem das quais ele esteve, e pela sua irradiação espiritual.

As suas intuições, a sua perseverança e a sua humildade perante a vontade divina, estão na origem de muitos Movimentos que respondem hoje às necessidades do nosso tempo.

Por isso é importante tornar conhecida a sua irradiação, a sua espiritualidade.

Dar a conhecer e a reconhecer o padre Caffarel, também é uma maneira de dar a conhecer os Movimento que o têm na sua origem, dos quais as “Equipas de Nossa Senhora”

“Qualquer beatificação é, ao mesmo tempo, um dom e um reconhecimento dum dom de Deus à Sua Igreja. Com efeito, a Igreja tem por missão essencial ser a mestra da Santidade para todos os Cristãos”.

Padre Grendene – Brasil

1) FUNÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS “AMIGOS DO PADRE CAFFAREL”:

Como para qualquer beatificação, foi criada uma associação para apoiar a acção em seu favor.



Ela visa apoiar o padre Marcovits, padre postulador da causa do Padre Caffarel e prover às necessidades materiais necessárias para:

- Reunir o conjunto dos documentos produzidos pelo padre Caffarel.
- Assegurar a leitura crítica de historiadores e de teólogos
- etc...



Marie-Cristine Génillon, vice-postuladora, ocupa-se em reunir o conjunto dos documentos, publicações ou outros sobre o Padre Caffarel.

O padre François Fleischmann, ex-Conselheiro Espiritual da ERI presta igualmente um apoio precioso.

A pedido dum editor, Gérard e Marie-Cristine de Roberty, antigos Responsáveis da ERI, produziram um pequeno fascículo de 60 páginas, em formato A6, sobre a vida e a personalidade do padre Caffarel. O prefácio foi redigido por Monsenhor Guy Thomazeau.

Qualquer publicação sobre o padre Caffarel é bem-vinda e serve para completar o dossier de beatificação.

2) BALANÇO DO TRABALHO EM CURSO (FONTE: PADRE MARCOVITS, BALANÇO DE JULHO DE 2007):

O postulador e a vice postuladora da Causa da beatificação encontraram, até esta data, 37 testemunhas francófonas e 7 testemunhas não francófonas. Receberam 8 testemunhos escritos, francófonos e 15 testemunhos escritos, não francófonos. Enfim, um certo número de testemunhos escritos mais curtos, foram enviados ou anunciados.

A bibliografia (datas do aparecimento e traduções) dos livros do Padre Caffarel foi estabelecida e os diversos artigos escritos por ele em diferentes revistas foram reportoriados. Também o inventário de todos os fascículos e brochuras das Edições fundadas pelo Padre Caffarel, as “Editions du “Feu nouveau”, foi feito.

Estão em curso (graças à participação eficaz de Mgr. Fleischmann) o inventário e a dactilografia de todos

os editoriais e artigos escritos pelo Padre Caffarel, nas revistas que ele fundou: “L’Anneau d’Or” (1945-1967), “Cahiers sur l’Oraison (1957-1989), “La Chambre Haute” (1973-1978), bem como os da Carta das Equipas de Nossa Senhora, de 1942 até 1973, sob os seus diversos títulos. Foi começada a pesquisa parcial (não tendo a totalidade ainda sido reunida) da revista do movimento das viúvas, “Offertoire” cujo primeiro número data de 1947.

Foram recebidos e inventariados oito dossiers de arquivos de pessoas que trabalharam com o Padre Caffarel (entre os quais arquivos de família dos membros da primeira equipa).

Está em curso (com a preciosa ajuda duma equipista) o trabalho de grande fôlego que representa a pesquisa dos arquivos das Equipas de Nossa Senhora, até 1973.

3) UMA EQUIPA “SATÉLITE” PARA RECOLHER OS ESCRITOS DO PADRE CAFFAREL:

Em seguimento às decisões do Colégio de Durham 2007, uma Equipa Satélite (Internacional) foi criada. É composta por um casal do Congo, um casal da Argentina, e um casal francês encarregado de animar esta equipa.

A tarefa desta equipa consiste em elaborar um documento sintético de 40 páginas sobre a vida e o pensamento do Padre Caffarel. Este documento será posto à disposição de todas as regiões e supra-regiões na

altura do Colégio de Fátima, em Julho de 2008.

4) QUE DEVEMOS FAZER PARA AJUDAR NESTE ESFORÇO?:

Aquando do Colégio de Durham, foi dito claramente que os equipistas não conhecem ou não conhecem bem o Padre Caffarel. Antes de se falar de beatificação, é necessário conhecer o Padre Caffarel dando a conhecer a sua vida, o seu papel fundamental na criação do movimento, as suas instituições e o seu pensamento.

As acções para aí se chegar são numerosas e não vamos enumerá-las aqui. Cada Supra-Região ou Região isolada nomeou um correspondente da associação para animar a comunicação.

Como casais das ENS, a melhor maneira de ajudar consiste em que cada um se informe sobre a personalidade e o pensamento do Padre Caffarel pela leitura das suas obras, pela consulta do “site” da Internet, pela escolha dum tema sobre o Padre Caffarel, etc... e dá-lo a conhecer.

Uma maneira eficaz de ajudar a causa da beatificação consiste também em se inscreverem como membros da associação. É importante que sejamos numerosos para demonstrar claramente a nossa vontade de ir até ao fim... Obrigado, pois, a todos vós...

E-mail:

association-amis@henri-caffarel.org

Site: “Os Amigos do Padre Caffarel”:

<http://www.henri-caffarel.org>

MENSAGEM DO VATICANO PELOS 60 ANOS

Vaticano, 20 de Novembro 2007

Queridos amigos,

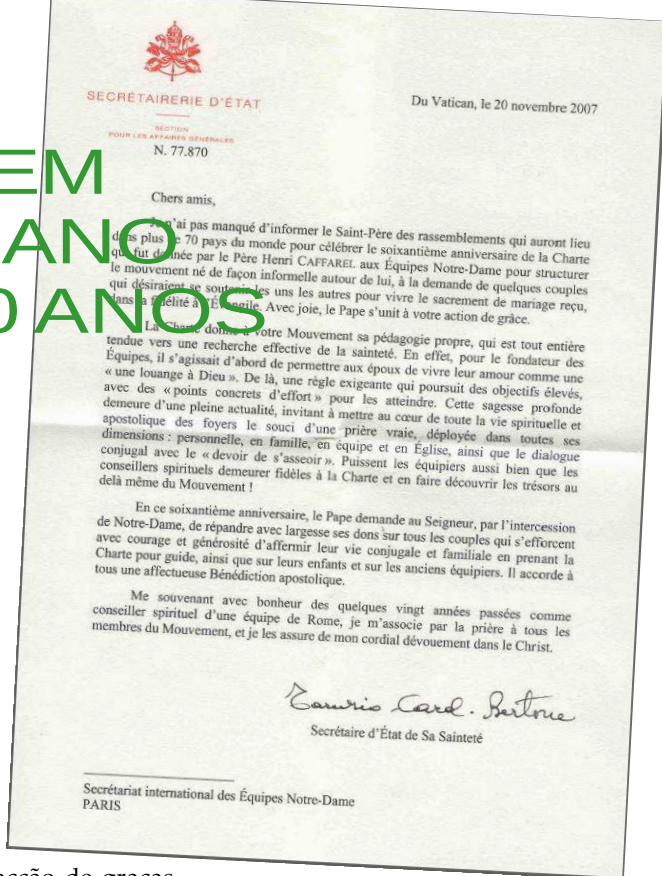
Não deixei de informar o Santo Padre dos encontros que terão lugar em mais de 70 países do mundo para celebrar os 60 anos da Carta que o Padre Caffarel deu às Equipas de Nossa Senhora para estruturar o movimento nascido de maneira informal à volta dele, a pedido de alguns casais que desejavam ajudar-se uns aos outros a viver o sacramento do matrimónio recebido, na fidelidade ao Evangelho. Com alegria, o Papa une-se à vossa acção de graças.

A Carta dá ao vosso Movimento uma pedagogia própria, que tende na totalidade para uma procura efectiva da santidade. Com efeito, para o fundador das Equipas, tratava-se em primeiro lugar de permitir aos esposos viver o seu amor como “um louvor a Deus”. Daí, uma regra exigente que visa objectivos elevados, com “pontos concretos de esforço” para os atingir. Esta sabedoria profunda permanece plena de actualidade, convidando a colocar no coração de toda a vida espiritual e apostólica dos lares a preocupação duma oração verdadeira, desdobrada em todas as suas dimensões: pessoal, em família, em equipa e em Igreja, assim como o diálogo conjugal com o “dever de se sentar”. Possam os equipistas assim como os conselheiros espirituais permanecer fiéis à Carta e dêem a conhecer os seus tesouros para além mesmo do Movimento!

Neste 60.º aniversário, o Papa pede ao Senhor, por intercessão de Nossa Senhora, que derrame com prodigalidade os seus dons sobre os casais que se esforçam com coragem e generosidade por consolidar a sua vida conjugal e familiar tomando a Carta como guia, assim como sobre os seus filhos e os antigos equipistas. Sua Santidade concede a todos uma afectuosa Bênção apostólica.

Recordando com alegria os quase vinte anos passados como conselheiro espiritual duma equipa de Roma, associo-me pela oração a todos os membros do Movimento e asseguro a todos a minha cordial dedicação em Cristo.

Secretário de Estado da Santa Sé



CONHECER A ERI e o Movimento

ENCONTRO COM A ERI

Fátima, 26 Julho 2008

(13h-18h)

Inscrições em Abril



Equipas de Nossa Senhora



POR UMA ESPIRITUALIDADE DO CRISTÃO CASADO

PADRE HENRI CAFFAREL

(L'Anneau d'Or, Nº 84, 1958)

Convidaram-me para vos falar daquilo a que costumamos chamar “espiritualidade dos cristãos casados”¹. Alguns teólogos recusam esta expressão, outros defendem-na. O Padre Congar, no seu livro “Balizas para uma teologia do laicado”², escreve para justificar este termo, que ele mesmo emprega: “Não se entrará aqui no debate há pouco instituído em redor da palavra espiritualidade. Os que, dando à palavra toda a sua precisão e toda a sua densidade teológica, afastaram a ideia de uma espiritualidade do clero diocesano ou do laicado, recolheriam facilmente a nossa aprovação. Mas os que, tomando a palavra num sentido concreto, descritivo, se esforçam por recolher os elementos duma espiritualidade do clero diocesano, do apostolado ou do laicado, encontrar-me-iam acolhedor e simpaticamente atento.”

A “TENTAÇÃO DA SANTIDADE”

Proponho-me pois dar-vos uma introdução à “espiritualidade do cristão casado”. Mas, desde o início, reafirmemos que: não há várias santidades, há apenas uma perfeição cristã. São Tomás de Aquino definiu-a assim: «Todo o ser é perfeito desde que atinja a sua finalidade, que é a sua última perfeição; ora, a última finalidade da vida humana é Deus e é a caridade que nos une a Ele, segundo as palavras de S. João: “Aquele que permanece na caridade está em Deus e Deus nele.” É pois especialmente na caridade que consiste a perfeição da vida cristã.» Para o leigo, para o religioso, a santidade é a mesma, define-se do mesmo modo.

Todo o cristão – e portanto também todo o cristão casado – é chamado à perfeição.

No entanto, é necessário reconhecer que quando tomam consciência disso, os leigos entram por vezes em pânico diante desta perspectiva da santidade. Nada é tão impressionante como esta confissão de Jacques Rivière: «Meu Deus afasta de mim a tentação da santidade. Não é para mim. Contentai-vos com uma vida pura e paciente que eu farei todos os esforços para vos dar. Não me priveis das

¹ Estas páginas reproduzem as notas tomadas numa conferência feita há uns meses pelo Padre Caffarel numa reunião de preceptoras de noviças de diversos Institutos religiosos da região de Paris.

² Título em Francês: “*Jalons pour une théologie du laïcât*”.

alegrias deliciosas que conheci, que tanto amei, que tanto aspiro a reencontrar. Não confundais. Eu não sou da espécie que precisas. Eu sou casado e pai, sou escritor. Não me tenteis com coisas impossíveis. Perderia o meu tempo nisso, – tempo que posso empregar de outra forma ao teu serviço!»

NECESSIDADE DE UMA ESPIRITUALIDADE DO CRISTÃO CASADO

Portanto, uma só santidade à qual todos são chamados e da qual se deve dizer aos cristãos que são feitos para ela.

Mas espiritualidades? Espiritualidades, ou seja, caminhos para atingir esta santidade? Que têm de específico, o que caracteriza estes diversos caminhos? Primeiro, como sugere o Padre Congar, o estado de vida. É bem evidente, a doutrina cristã, que é a mesma para todos, não pode ser vivida da mesma maneira por um monge, por uma religiosa que ensina, por um membro de um Instituto secular, por um homem ou uma mulher casados. Podemos desde já definir uma espiritualidade particular para cada um destes estados.

O que especifica igualmente as espiritualidades, são as grandes orientações dadas pelos fundadores das diferentes Ordens: o louvor de um lado, a reparação de outro, ou ainda a tónica colocada na pobreza: aspectos diversos que apresentam, na Igreja, santos com fisionomias extraordinariamente variadas. Dois cristãos mediócras assemelham-se, enquanto que dois santos são sempre muito diferentes, embora habitados os dois por uma caridade heróica. Tipos de santidade variados, caminhos variados, tudo isso para realizar esta única santidade e oferecer à nossa admiração uma face múltipla de Cristo, que permanece contudo o mesmo: a única face de Cristo.

Em que consiste a espiritualidade do cristão casado? Poder-se-ia dizer, dir-se-á talvez um dia, que há *espiritualidades* do cristão casado. De resto, actualmente não se vêem tipos de casais diferentes? Seria interessante e instrutivo possuir uma série de estudos sobre os casais ligando-se, pelas ordens terceiras ou outro vínculo, às grandes ordens religiosas. Mas deixemos isto, não é o nosso assunto. Tentemos apenas ver o que vale para todos os casais.

NÃO É PLÁGIO

Em primeiro lugar, em poucas palavras, o que não é a espiritualidade do cristão casado. Não é um plágio da espiritualidade monástica. Fiquei com uma consciência aguda disso no dia em que, após uma conferência, se me dirigiu uma mulher de certa idade, muito entusiasta, que me disse que a tinha profundamente interessado; incomodado por tal demonstração disse-lhe: “Mas minha senhora, porquê essas felicitações inesperadas? – Eu vou dizer-lhe tudo, Senhor Padre.» Preparo-me para ouvir uma confidência, que parecia ter alguma dificuldade em

sair! «O Senhor sabe, o Coronel (era assim que ela designava o seu marido, só havia um coronel no mundo!), quando casámos, evidentemente nessa altura era apenas um pequeno tenente, mas já era profundamente cristão, era mesmo oblato de... (esqueci-me de que abadia); tinha um grande sentido da abnegação e da penitência, e mesmo, Senhor padre, posso dizer-lhe que ele usava um cilício ³, mas acrescentaria que era eu que sofria com isso!» Compreendi então porque me felicitava tão calorosamente de preconizar uma espiritualidade conjugal: para que os maridos aprendam que não lhe é recomendado usar um cilício se é a sua mulher que se quer mortificar.

Portanto, primeiro conceito a eliminar: uma espiritualidade conjugal puro plágio da vida religiosa.

NEM EVASÃO, NEM INDIVIDUALISMO

Segundo erro a afastar: a espiritualidade de evasão. Uma mãe de família profundamente cristã, que tivesse recebido certamente grandes graças da oração, estava relacionada com todos os religiosos e religiosas da sua região; fazia muitos retiros nos seus mosteiros. Cada dia da sua vida, entre as 9 e as 11 horas da manhã, ninguém – nem os empregados, nem as crianças, e mesmo o marido – devia entrar no seu quarto. Ora, um dia chegou em que este homem foi procurar consolação junto de outra, ligeiramente menos mística. E a família provavelmente ter-se-ia quebrado se Deus não tivesse chamado a si a esposa, o que permitiu ao marido contrair, em paz com a sua consciência, um novo casamento. Sem dúvida, seguidamente, ao encontrar o caderno espiritual da sua primeira mulher, ele compreendeu melhor aquela que tinha sido a sua companheira durante longos anos, e ele mesmo se converteu a uma vida mais cristã. Mas aí está bem o tipo de uma vida espiritual de evasão que não tem em conta as responsabilidades conjugais e sociais.

Outro erro: uma vida espiritual individualista. Em muitos domínios, os cônjuges seguem uma unidade de visão e de acção que é habitual no plano do casal. Mas não fazem questão de comunicar no plano espiritual. Vive-se com Deus cada um por si. Cada um segue o seu pequeno caminho pessoal, afastado e abrigado do outro. Como um solteiro. Cada um diz: «eu», sem pensar no «nós» criado pelo Sacramento.

NÃO HÁ CONFUSÃO

Quarto erro – eliminando os erros desbrava-se o caminho! Uma vida espiritual que seria uma confusão. Que confessor não viu chegar, um dia, um jovem casal: «Senhor padre, queremos confessar-nos os dois juntos. – Mas não, meu

³ Pano áspero usado por algumas ordens religiosas para mortificação.

caro amigo, gostava mais de vos confessar um após o outro. – Mas, o padre Untel confessa-nos os dois juntos! – Bem, pode ser, mas... se assim querem, faremos as coisas sucessivamente!» Evidentemente este desejo é tocante, parte de um bem natural e traduz uma orientação verdadeira, mas que vai um pouco longe... Os cônjuges têm razão de pedir aos seus padres que sejam tratados como homem e como mulher casados, como cônjuges. Qual não foi a minha surpresa, um dia, ao ler aquela carta de um camponês da Savoia - ele não tinha feito o curso de teologia mas via singularmente bem: «Após o casamento, a nossa vida espiritual também muda, somos dois em um; doravante, as nossas almas não devem ser mais ou menos vizinhas, nem mesmo justapostas, mas duas almas intimamente unidas, duas almas que não devem caminhar para Deus separadamente, paralelamente, mas bem juntas. Os esposos não sabem geralmente exprimir isto, mas sentem-no mais ou menos nitidamente; eles desejam meios espirituais adaptados ao seu novo estado. Se estão habituados a uma direcção espiritual, sentem ainda mais esta necessidade; esperam, a partir do seu casamento, ser dirigidos em função da sua nova vida, em função da outra alma que não deve ser mais a alma-irmã, mas a alma-esposa. De facto, geralmente nada é alterado. Continuamos, certamente, a fazer caminhar as duas almas o melhor possível, mas como se cada uma delas fosse a única a dever santificar-se independentemente da outra. Este problema que acabamos de referir também afecta o padre; os esposos têm a impressão que este não os segue tanto na sua nova vida, impressão geralmente agravada pela sua atitude mais reservada, mais facilmente distante. Com as dificuldades de adaptação e a ajuda do diabo, muitos entre eles acabam por acreditar que o seu casamento os põe à parte, um pouco à margem, quase fora da religião. Para os que tinham, antes da sua união, uma vida espiritual fervorosa, isto provoca muitas vezes verdadeiras crises de vida interior, que se traduzem por um abrandamento da vida religiosa e quase sempre por redução do apostolado. Ora duas almas que se unem deveriam fazer mais que somar o seu potencial espiritual, elas deveriam multiplicá-lo. Na realidade acontece o contrário: este potencial diminui, quando não cai mesmo a zero.»

«Podemos encontrar muitas causas da baixa da irradiação e da acção nestes jovens casais de elite. A mais grave é, quase sempre, a falta de unidade espiritual entre os esposos. Unimos os corpos, os corações, mas não unimos as almas. Na prática é necessário orientar os esposos para uma espiritualidade adaptada ao seu estado de casados, a toda a sua vida; para uma *espiritualidade do casal*. Isto exige toda uma mística e toda uma ascese. (O nosso jovem camponês tinha pensado de forma bem singular neste problema!) Vós, os padres, trabalhais para renunciar, para se ultrapassarem, para se separarem de vós próprios para irem directamente para Deus, e isso é difícil. Nós, os esposos, a nossa vocação é caminhar para Cristo juntos, um e o outro, um com o outro, um pelo outro. As imperfeições do nosso cônjuge podem impedir-nos de caminhar para Deus, assim como as nossas podem fazer abrandar a sua velocidade; é pois menos simples, não é certamente mais fá-

cil, e compreendeis, com certeza, como a vossa direcção e a vossa ajuda nos são indispensáveis.»

Vejam como ele coloca admiravelmente a questão. Tentemos então descrever esta espiritualidade que os casais reclamam e da qual têm grande necessidade para salvaguardar a sua vida conjugal.

- O matrimónio oferece aos esposos ajudas e comporta perigos próprios;

- A espiritualidade conjugal deve convidá-los a cristianizar toda a sua vida e a fazer resplandecer a Redenção do seu casal.

AS AJUDAS DO MATRIMÓNIO

O CÔNJUGE

Que ajudas são propostas aos cristãos casados? Pois eles têm ajudas próprias, que são um bem para si – ajudas de ordem natural e de ordem sobrenatural.

Primeiro, esta ajuda que deve ser a *união conjugal*, o facto de serem *dois juntos*, para caminharem juntos para esta palavra para a qual Deus os chama: santidade. Não falamos daqueles casais em que o cônjuge se arrisca a ser um obstáculo. Certamente, por toda a parte o melhor pode tornar-se o pior. Mas há casais em que os dois cônjuges compreenderam, no dia do casamento, que se devem ajudar um ao outro, e que são cônjuges com uma finalidade. O fim sobrenatural do casamento é educar para Deus os filhos gerados e entre ajudar-se, marido e mulher, a progredir no caminho para a santidade.

Em que é que vai consistir esta ajuda entre marido e mulher? Primeiro no *controle mútuo*. Talvez a palavra «controle» tenha uma ressonância um pouco desagradável, mas tem a vantagem de ser clara; vemo-nos com os olhos de outro. É uma observação que me fizeram os viúvos: «antigamente, eu via-me no olhar do meu marido, e nesse olhar eu descobria o que, no meu comportamento, não era conveniente; hoje, estou só, e nunca compreendi tão bem como agora até que ponto ter um companheiro é uma ajuda preciosa.»

Controle, olhar de outro, e também conselho desse outro. A mulher pode encontrar grande enriquecimento na forma de ver e viver a fé cristã, pois que no plano espiritual também é válida a lei da complementaridade. Não se trata de copiar o homem, e ainda menos que o homem não deva copiar a sua mulher, mas cada um deve encontrar no outro elementos que irão equilibrar, estabilizar e desabrochar a sua vida espiritual.

Um controle, um conselho, um apoio; eventualmente *um guia*. Os jovens maridos convencem-se facilmente que podem prover tudo à sua mulher: o amor é uma dessas riquezas! Mas atenção para não chegar ao que seria uma desordem:

um marido – ou uma mulher – fazendo de director de consciência! Em tal matéria, as mulheres são em geral mais imperialistas que os homens. Isso não impede que cada um possa ser para o outro um guia extremamente precioso, sem no entanto suplantarmos o padre. O pobre padre! Que sabe ele daquela esposa que se lhe confessa? Certamente, ele sabe o que ela lhe diz, mas ele conhece bem mal a sua vida! O marido, ele, apercebe-se que os cozinhados se queimaram, que a mesa não está posta, que há pó por todo o lado... Mesmo se ele reconhece que a sua mulher é uma grande mística, ele achará desejável que ela junte aos seus dons, alguns mais práticos para executar as suas tarefas. De tudo isto o padre, ele, nem sonha. Nós não sabemos grande coisa dos nossos penitentes, no confessional, enquanto que o marido é o realista, os filhos têm exigências, e a mulher pode encontrar ao pé deles ajudas infinitamente preciosas para se orientar para uma vida espiritual autêntica.

Um homem dizia-me um dia: «Odette, é a minha consciência!» Com estas simples palavras, ele exprimia uma realidade própria do matrimónio. Tendo casado com uma mulher profundamente cristã, ele andava com ela por todo o lado como a sua própria consciência; mesmo longe, ela lembrava-lhe o que ele devia fazer ou o que ele devia evitar.

O AMOR HUMANO

A primeira ajuda que a vida conjugal oferece: o cônjuge. Juntemos – não é de todo a mesma óptica – o amor humano. O amor é uma realidade muito grande, muito santa, que se enraíza no mais carnal do ser, mas que se deve desabrochar no mais espiritual. Este amor humano de um homem e de uma mulher um pelo outro, ainda que se situe em zonas exteriores, é uma introdução a um amor todo interior. Nós somos feitos assim, o sensível desperta o espírito. A sexualidade, da qual facilmente dizemos mal, é incitação a sair do egoísmo, orientação de um para o outro de dois seres que se arriscavam a morar cada um na sua torre de marfim. Essa atracção carnal – bem vivida entenda-se – faz com que as pessoas se juntem e, pouco a pouco, acedam a um amor de um nível cada vez mais elevado, até esse amor completamente banhado no amor de Deus a que chamamos caridade conjugal.

Quando de repente emerge o amor na vida de um rapaz ou de uma rapariga, é realmente «a grande oportunidade». Nós padres, vemos isso frequentemente nestes rapazes ou nestas raparigas, que já estão como que prisioneiros de si mesmos; é como se a sua alma estivesse dentro de uma carapaça que se fosse petrificando ao longo dos anos; O apelo do amor, o encontro do amor, é como, de um só golpe, uma fissura nesta carapaça; é a possibilidade, para estes seres, de uma entrega, e para as suas almas, de aceder finalmente à luz e de viver em plenitude a sua vida. «Esta força que nos chama de fora de nós mesmos, diz-nos uma heroína de Claude I, porque não confiar nela e segui-la? Porque não acreditar e

entregar-nos a ela?» Digamos-lhe pois, a este jovem homem e a esta jovem mulher: tenham confiança no amor, mas tenham confiança prometendo a vós próprios responder a todas as suas exigências. Se forem leais com o amor, o amor levar-vos-á muito longe e muito alto; ele vos mostrará um amor de Deus sempre mais profundo; ele far-vos-á ver em Cristo o Esposo da alma cristã. Uma mulher casada dizia-me um dia: «Compreendo cada vez melhor que o verdadeiro casamento é o da alma com o seu Deus.» Precisamente, foi o seu casamento humano que lhe fez descobrir que ele é encarregado, com efeito, de representar e preparar: a união da alma com Deus. A união do homem e da mulher, toda a Bíblia nos diz, todos os autores espirituais o declaram, é a imagem da união de Cristo e da Igreja, da união do Cristo e de cada alma. E é vivendo com lealdade o seu casamento, estudando as leis que regulam o amor do homem e da mulher, que podemos descobrir gradualmente o que deve ser a intimidade da alma com Cristo. Quando os filhos vêm, à sua volta, trazem um imensa riqueza, mas exigem também um despojamento formidável. Formidável e necessário, porque o nosso caminho para a santidade é feito ao mesmo tempo de morte e ressurreição, de abnegação e crescimento na caridade. Os filhos, esse fardo do qual não nos livramos... os filhos, que fazem com que um homem e uma mulher não possam mais viver limitados a si. Uma mãe de família escrevia: «Não creio que haja um estado que exija mais o dom de si que a vida de mãe de família! Este dom, com efeito, é único, insubstituível. Se uma religiosa que se ocupa de uma obra fica doente, prossegue esta mãe, ela sabe muito bem que, substituída por uma religiosa de igual valor, a obra continuará como antes – ou mesmo melhor. Nós, ao contrário, sabemos que ninguém nos pode verdadeiramente substituir se não cumprimos a nossa tarefa; estamos presas na engrenagem do dom de si. Talvez seja aí, nesta tensão, neste sofrimento do dom de si constante, absoluto, que encontraremos o que outros procuraram no exercício dos três votos.» Sim, esta vida é terrivelmente penosa: acaba a independência, trata-se de depender: depender do cônjuge e dos filhos, depender de todas as necessidades de uns e dos outros.

O MATRIMÔNIO, SÍMBOLO DAS REALIDADES DIVINAS

Uma outra ajuda oferecida pelo matrimônio, é precisamente o seu valor de símbolo do mundo divino e das realidades divinas. Eis uma página viva, cheia de interesse: «Posto perante a obrigação de rezar, escreve uma correspondente das Equipas de Nossa Senhora, lancei-me à água sem saber bem como nadar, e depois, de repente, fez-se luz; era necessário sem dúvida, e antes de tudo, criar-se um estado de alma de intimidade com Deus; mas então, é muito simples, estou treinada nesta ginástica pela nossa vida conjugal! Quando quero contribuir para fazer das nossas noites passadas juntos momentos de intimidade verdadeira, calo em mim todo o peso das preocupações domésticas, preocupações com as crianças, de trabalhos a fazer; procuro colocar-me, coração, inteligência e alma, liberta de tudo isso, disponível ao meu marido, à escuta das suas preocupações, dos seus

pensamentos, das suas fraquezas; e seguidamente, talvez, falemos dos nossos filhos, das minhas próprias preocupações, do meu trabalho, mas num clima purificado. A referência à nossa vida conjugal terá sido, para mim, a primeira iniciação à oração, à preparação da oração. Parece-me que para nos ensinar a rezar, os padres deveriam dizer-nos: vivam intensamente a vossa vida conjugal, purificai-a, ou pelo menos, esforcem-se por fazê-lo com todos os meios que tenham. É que compreendi. Várias vezes, tendo tido a impressão de bater com os pés, tinha tido desejo de mergulhar-me em Santa Teresa d'Ávila, por exemplo, e depois, algo me parava e dizia que há outra biografia a consultar: a que nós escrevemos cada dia os dois.» Esta confiança está cheia de verdade: é mesmo isso, com efeito, que os casais devem descobrir no seu amor humano: uma iniciação ao amor cristão, ao amor de Cristo.

AS AJUDAS SOBRENATURAIS

Mas se o matrimónio traz ajudas naturais já preciosas, é sobretudo uma realidade sobrenatural. O matrimónio cristão completo, em todas as suas realidades, é sobrenatural e sacramental.

É um sacramento. Falamos do sacramento do matrimónio, mas é melhor dizer: o matrimónio é um sacramento, quer dizer que o sacramento não é um título, não é algo que se acrescenta; é este dom, de um ao outro, do homem e da mulher, que é matrimónio, que é sacramento. Poder-se-ia conceber que um homem e uma mulher se unissem, e que o padre, com uma bênção, lhes conferisse um sacramento; mas este sacramento, vê-se logo, seria como algo de acessório, ele não estaria interiorizado no seu amor. Com efeito é o seu dom mútuo que é sacramento, e é toda a sua vida de dom mútuo que é esta fonte de graças. Se Cristo disse: «Quando dois ou três se reunirem em meu nome, eu estarei no meio deles», por maioria de razão isto é verdade quando os que estão unidos, o estão por um sacramento. E por um sacramento que dura, e por um sacramento que é uma fonte de graças que nunca seca.

Mas precisemos bem: Quando dizemos que o matrimónio é um sacramento, isto quer dizer que todas as realidades do casal são portadoras de graças para os esposos que o vivem segundo a vontade divina. É na e pelo contexto da vida conjugal que Cristo comunica a sua graça a cada um dos esposos.

Como para os outros sacramentos, a acção de Cristo só é eficaz na medida em que o acolhemos. Por conseguinte, é necessário abrir-se a ela pela fé, pela humildade, pela cooperação que ela exige. E isto não apenas um dia, mas sempre. Porque o casamento não é como o vestido de noiva, que se coloca uma noite, devotamente, numa caixa, em cima de um armário, e que se acaba por esquecer. O sacramento do matrimónio é uma realidade viva, que está sempre lá, e à qual se deve constantemente fazer apelo. Os cônjuges deveriam fazer muitas vezes um

acto de fé, nomeadamente na sua oração conjugal, neste sacramento que só lhes pede para agirem, para os unir, para os purificar, para os livrar do mal.

Fé, humildade, espera também: os sacramentos operam na medida em que tenhamos fome dos dons que nos oferecem. E depois, cooperação, com certeza. Se não nos esforçamos a amar, se não trabalhamos para tornar a união mais profunda, se não desempenhamos as tarefas, a acção do sacramento fica como que travada. Mas se, pelo contrário, as desempenhamos verdadeiramente como convém, então o sacramento é realmente este dom maravilhoso de Deus aos cristãos casados que faz do seu casal uma célula da Igreja, uma parte integrante do mistério de Cristo – mistério de morte e de ressurreição. Este mistério que se vive na grande Igreja, vive-se também nesta «Igreja em miniatura», segundo a expressão de S. João Crisóstomo, que é o casal cristão.

OS PERIGOS DO MATRIMÓNIO

O matrimónio oferece pois ajudas inestimáveis para o caminho para a santidade, mas incontestavelmente comporta perigos, os mesmos dos quais se resguardam os religiosos pelos três votos: perigos dos bens materiais, pelo voto de pobreza; dos amores humanos, pelo voto de castidade; da fantasia e da independência, pelo voto de obediência. Os nossos cristão casados não têm estes três votos, e com razão! É que seria enganar-se estranhamente convidá-los a assemelhar-se o mais possível com os religiosos. Quem não o vê? Seria barrar-lhes o caminho para a santidade. Isso seria votá-los a um perpétuo complexo de inferioridade. Como poderiam assemelhar-se aos religiosos que pelos votos se despojam do dinheiro, da vida sexual, da independência, enquanto que a sua vida quotidiana, dos casados, os conduz sem cessar a estas realidades? Não é por conseguinte renunciando a estas realidades mas em se esforçarem por vivê-las cristãmente, que eles farão resplandecer a Redenção de Cristo neste triplo domínio. Mais precisamente, o uso cristão dos bens deste mundo oferece sérias dificuldades. Falemos um pouco delas.

OS BENS MATERIAIS

Primeiro os bens materiais. A preocupação pelo pão de cada dia é em geral uma obsessão do pai de família. E quando ele trabalha dez horas por dia, às quais se podem acrescentar duas horas de trajecto, ida e volta, não lhe resta muito tempo para os exercícios religiosos. A preocupação e a procura dos bens materiais suprimem a liberdade de tempo, que poderia ser infinitamente precioso para uma vida mais humana e mais cristã.

É não apenas o tempo, mas a liberdade de espírito que é devorada pelas tarefas profissionais, por todas as exigências desta vida de trabalho, tanto o trabalho

fora das tarefas do casal como as actividades domésticas da mãe de família. E estas exigências impõem-se a todos.

Além disso, quando chegamos a um certo conforto, os bens materiais dispensam o esforço e uma certa austeridade de vida, e aí temos outro perigo, não menos grave. É sobretudo uma coisa da qual a riqueza afasta: é a humilhação. Um inspector das finanças, homem pouco habituado à miséria, morava em Paris durante a “ocupação”; tinha muitos filhos; como todos os outros parisienses, tinha de ter muita habilidade ⁴ para se abastecer dos alimentos necessários; saía aos Domingos, de bicicleta, para os campos circundantes; e apesar de inspector das finanças que era, quando entrava na quinta, o cão atirava-se aos seus pés; e quando batia à porta da casa da quinta, era despachado por um empregado doméstico que não se deixava nada impressionar pelo Senhor Inspector das Finanças. “Nunca me tinha dado conta, disse-me ele um dia, a que ponto o nosso dinheiro, a nossa situação social, nos põe ao abrigo da humilhação.»

Os bens materiais não dispensam apenas da humilhação; dispensam também do abandono a Deus. Pierre Dupouey escrevia à sua mulher, algum tempo antes de morrer: «Se vier a desaparecer, não te preocupe demais o amanhã; não esqueças que um pouco de incerteza do futuro é o melhor aguilhão da confiança, do abandono a Deus. O grande mal dos ricos, é que o seu ouro os põe ao abrigo da Providência, das suas maravilhosas, ternas e paternais delicadezas; eles programam toda a sua vida no seu cérebro e não têm, como nós, uma parte ligada a Deus.» Sim, os pobres têm uma parte ligada a Deus, e eis porque toda a Bíblia canta a glória dos «anavim» ⁵, porque Cristo disse: «Felizes os pobres».

É preciso por conseguinte mostrar às pessoas casadas o desfile de todas estas dificuldades. Convidá-las a poupar tempo, sabendo de resto que não lhes é fácil; exortar ao espírito de pobreza, que consiste em usar cristãmente os bens materiais - e é às vezes mais difícil que despojar-se de todos os bens; ensiná-los também a passar à prática este espírito de pobreza, que não deve permanecer apenas um espírito. Actualmente, facto característico, cristãos laicos têm esta inquietação da pobreza evangélica. Por exemplo, este casal provido de uma boa situação e de numerosos filhos. Frequentemente me perguntavam: «Temos razão em manter a nossa situação? Não deveríamos ir viver pobres entre os pobres?» Mas isso colocava grandes problemas: educação dos filhos, família... Procuravam e não encontrando, eram infelizes. Ora um dia, disseram-me o seguinte: «Não podemos deixar de ter um salão, uma sala de jantar para receber convenientemente os nossos convidados, mas oferecemo-nos, no nosso casamento, um quarto extremamente luxuoso; pois bem, decidimos, se não desaprovar, vender esses móveis. Procuraremos uns mais modestos, e com o valor da venda, poderemos

⁴ No original «il lui fallait user de ruses de Sioux».

⁵ Os pobres da Bíblia, os «**anavim**» são os humildes, os que procuram Deus : Sofonias 2,3.

procurar para duas famílias alojadas num só quarto, um alojamento mais conforme com as suas necessidades.»

O AMOR HUMANO

Uma segunda série de obstáculos pode ser encontrada no amor humano. Ao dizer amor humano, não falo apenas da vida carnal, mas também do amor espiritual dos cônjuges um pelo outro – e entendo espiritual, primeiro no sentido humano do termo. Esta ligação de dois seres um pelo outro, se não é corrigida sem cessar, curada, transfigurada pela caridade de Deus, é muitas vezes um verdadeiro obstáculo ao desabrochar da vida cristã. Menos liberdade de espírito, menos liberdade de coração, uma espécie de rede que se tece, que se fecha pouco a pouco... São Paulo disse: «O que é casado é partilhado» Sim, ele é partilhado, tem-se de fazer um esforço muito grande, muitas vezes, para que o amor do cônjuge não relegue o amor de Deus para um segundo plano. O mesmo se passa com os filhos. Sabemos a que ponto as mães de família podem tornar-se possessivas, e a que ponto tudo o que há nelas de egoísmo se pode precisamente fixar nos seus filhos.

Por pouco que tenhamos estado em contacto com casais, também sabemos todos os problemas que se colocam com a limitação dos nascimentos, a obrigação de uma continência frequentemente muito dura de respeitar.

A INDEPENDÊNCIA

Terceiro perigo. Que por vezes dizemos aos casais que confiam em nós: Há para vós algo de mais perigoso que os bens materiais, mais perigoso que a carne: é a vossa *independência*, é o espírito de independência, o espírito de insubmissão. Insubmissão da mulher face ao marido, insubmissão do casal face ao clero, face à Igreja. Estamos alarmados, actualmente, com esta «espiritualidade da insubmissão», se podemos dizer, de muitos leigos: vontade própria, ideias pessoais, críticas acérrimas... Que fazer? Convidá-los primeiro a uma submissão mútua. Quando amamos um ser, submetemo-nos a ele, abdicamos da vontade – no entanto, bem entendido, tudo se passa em ordem. O amor é uma grande escola de dependência, com a condição que seja verdadeiro e justo. Submissão ao outro, submissão às exigências do casal. Duma certa maneira, não podem evitar esta submissão; mais ainda eles devem aceitá-la como uma dependência amada e escolhida; então, não há nada mais benéfico, mais purificante como esta dependência de todos os dias, de manhã até à tarde, e de dia e de noite.

E também submissão, abandono, à vontade de Deus. Numa vida de família, este abandono não tem o carácter metódico, pontual, uniforme, da obediência religiosa, mas não é menos meritório, e muitas vezes inesperado... Testemunha

esta mãe de família da qual me contaram recentemente uma aventura pitoresca: Ela dispunha-se a fazer devotamente a sua oração da manhã quando, de repente, ele ouve barulhos no quarto ao lado; precipita-se... e finalmente encontramo-la no metro, com o seu filhinho nos braços; ele tinha um enorme penso na testa: acidente grave, sem dúvida... cedemos-lhe o lugar. Ao fim de dois minutos, ela dá uma bofetada no filho. Indignamo-nos em silêncio. O pequeno começa a brincar de novo com o chapéu da sua mãe: nova bofetada! Então uma senhora idosa, discretamente, aborda esta jovem mulher: «Escute, minha senhora, compreende... quando um pequeno sofre muito, temos de ser indulgentes... Seja mais doce com ele. – Ah! sim, ah! você pensa, eh bem, vai ver!» Então, pouco a pouco, ela desfaz o enorme penso, e que vemos? O miúdo tinha colocado um certo instrumento na cabeça, pouco glorioso, que não pomos lá habitualmente... E a sua mãe, não o tendo conseguido retirar, levava o seu filho ao médico para extrair este instrumento! E mesmo na altura em que ela ia fazer as suas orações! Eis um caso para nos lembrarmos das palavras de Pascal: «Se Deus nos desse mestres seus, oh! como era necessário obedecer-lhes de boa vontade; a necessidade e os acontecimentos são assim, infalivelmente!» «E sim, a vontade de Deus, minha senhora, manifestou-se assim! – Não me vai fazer crer que Deus quis que o meu filho metesse este instrumento na cabeça? – Claro que não, mas a vontade de Deus é, estando o miúdo assim, que renunciáis à oração e o conduzaís ao homem que terá a arte de o retirar!»

Submissão à vida, submissão aos acontecimentos, e também submissão ao padre, ao conselheiro espiritual.

FALTA DE FORMAÇÃO

Entre os perigos, realçamos o mais grave: falta de formação para uma verdadeira vida cristã. Para eles, não há noviciado! «Se o casamento tivesse um noviciado, dizia São Francisco de Sales, não haveria muitos professos!» É possível, mas de facto esta formação sobre a espiritualidade dos cristãos casados falta gravemente aos que enveredam pela via do matrimónio. Para esta formação não têm nem tempo, nem professores, nem escola! Embarcamo-los numa vida espantosamente difícil, sem os preparar para ela: há aí algo de singularmente grave!

O l'Anneau d'Or, pelo seu lado, estabeleceu como missão trazer aos noivos e aos casais esta espiritualidade do cristão casado. Com alguns casais pusemos de pé um *Centro de Preparação para o Matrimónio*, em Paris (16^e), 17, rua Dufrénoy. As iniciativas multiplicam-se. Isso não impede que estejamos ainda longe do fim.

Um dos grandes meios de formação, são os retiros fechados de noivos e casais. Os mais benéficos, são os de cinco dias, onde os esposos vêem juntos. Cada um no seu quarto, e vive no silêncio completo, excepto numa longa troca de pontos de vista entre marido e mulher, no 4.º dia, para procurarem juntos como vi-

ver mais perfeitamente a sua vida de família. Não fomos nós quem impôs estas exigências: foram os próprios casais que chegaram ao ponto de as desejar. Eles descobriram que se fica extraordinariamente unido e que a união é singularmente reforçada quando, durante cinco dias, se recebem os mesmos ensinamentos, se reza juntos, sem no entanto falar entre si.

Enfim, para os casais como para os religiosos, é bem difícil viver a vida cristã se não a vivemos em comum. O exemplo que nos deram os primeiros cristãos deve ser seguido. Os nossos grupos de casais, as Equipas de Nossa Senhora, são estas pequenas comunidades, a que eu chamaria um «ambiente de alimento sobrenatural» onde, precisamente, encontramos esta entre ajuda que permite aos casais abrirem-se e desabrocharem para a graça de Cristo.

* * *

Faltaria mostrar agora o rosto dos casais que se esforçam por viver segundo esta espiritualidade conjugal. Contentar-me-ei com umas breves ideias.

Trata-se de cristianizar toda a vida familiar. E primeiro, de voltar a procurar o sentido cristão de todas as realidades familiares, e de se colocar a questão: «Basicamente, qual é o pensamento de Deus sobre o amor, sobre a paternidade e a maternidade, a sexualidade, a educação, sobre todas as grandes realidades do casal?» E não somente descobrir, mas ainda querer realizar a ideia de Deus sobre todos estes assuntos.

Falta ainda voltar a procurar o que chamamos de bom grado um estilo cristão do casal: o estilo cristão das relações entre pessoas: entre os esposos, entre pais e filhos, entre pais e avós, entre o casal e os amigos; um estilo cristão da envolvente: da casa, do mobiliário, do vestuário, das refeições, das despesas; um estilo cristão das actividades quotidianas: o trabalho, o lazer, o levantar, o deitar, as insónias, a hospitalidade. Como fazer para que tudo isso seja cristão, pareça cristão, que tudo isso resplandeça da graça de Cristo? Um estilo cristão dos dias: o Domingo não se vive como o Sábado, o Sábado como a 6.^a feira, a 6.^a feira como os outros dias da semana; um estilo cristão dos grandes acontecimentos: o nascimento, a doença, as dificuldades, o matrimónio, a morte... Viver cristãmente estes acontecimentos. E tudo isso, «para que Deus seja glorificado em todas as coisas», como dizem os beneditinos.

Por último, não estando o casal isolado na cidade e na Igreja, esta espiritualidade conjugal e familiar é também espiritualidade do empenhamento do casal nas tarefas humanas e nas tarefas da Igreja. Mas isso é matéria para outra conferência.

Para dar muito **FRUTO**

ENCONTRO NACIONAL DE RESPONSÁVEIS

Fátima, 6 e 7 de Dezembro de 2008



Equipas de Nossa Senhora

A ORAÇÃO DO MAGNIFICAT

PADRE HILARY HAYDEN *

UMA ORAÇÃO?

Muita gente considera o Magnificat difícil de rezar. Não se dirige a Deus de forma pessoal. Jesus não é mencionado. Ao falar do que Deus fez num passado aparentemente distante, não contém petições para o presente. Como é que eu posso rezar isso?

É uma oração tão difícil que nos surpreende que seja usada diariamente na Liturgia das Horas, a oração da Igreja. É o ponto alto da oração de Vésperas. Por que é que esta oração tem um lugar tão proeminente desde há tantos séculos?

A resposta está em perceber de onde é que o Magnificat surge na Bíblia e em ver como é usado nela. Se conseguirmos ajustar as nossas “visões espirituais” a essa perspectiva bíblica, podemos encontrar riqueza e inspiração nesta difícil oração.

DÊ A SI PRÓPRIO UM PRESENTE DE NATAL!

A História do Natal encontra-se nos Evangelhos de S. Lucas e de S. Mateus. Vamos centrar-nos nos dois primeiros capítulos de S. Lucas. Dê a si próprio o presente de ler estes dois capítulos com toda a atenção. Será de

grande ajuda ler na Bíblia as notas relativas a estes dois capítulos. Pode dar trabalho, mas que belo presente não será aprofundar o significado do nascimento de Jesus nas nossas vidas! A familiaridade com o texto é o primeiro passo para rezar a partir da Escritura. Coragem!

O CONTEXTO DO MAGNIFICAT

Todos nós temos a experiência de interpretar mal uma coisa dita quando esta está desligada da conversa de que faz ou fez parte. É a esse todo que chamamos “contexto”. O evangelista Lucas é um artista, como podemos ver na forma como ele conta, no capítulo 1 do seu Evangelho, os preliminares do nascimento de Jesus. Temos de ver como o Magnificat encaixa na história.

Podemos entender o “contexto” num sentido muito mais amplo. Por um lado, Lucas escreve numa tradição, a tradição das relações entre Deus e Israel, a cuja forma escrita chamamos Antigo Testamento. O seu espírito está impregnado dessa tradição, desses escritos. Por outro lado, escreve cerca de 70 anos após o nascimento de Jesus. Ele olha para esses acon-

tecimentos como um crente cristão; com uma fé e uma visão só possíveis depois da morte e da ressurreição de Jesus e do envio do Espírito Santo a todos os que acreditam. Não tinha nada que se parecesse com a documentação de que George Weigel dispôs para a sua recente biografia de João Paulo II. Os Evangelhos eram documentos de fé, escritos com fé para proclamar o mistério de Jesus. São históricos na medida em que descrevem acontecimentos reais em determinados momentos no espaço e no tempo. Mas o objectivo religioso dos Evangelhos dá-lhes a sua forma única. Temos que conhecer as convenções utilizadas pelos escritores sagrados. Em muitos aspectos, diferem dos métodos muito precisos utilizados hoje pelos historiadores.

A HISTÓRIA DE DOIS NASCIMENTOS

No capítulo 1, S. Lucas entretete as histórias de como aconteceram os nascimentos de João Baptista e de Jesus. “No tempo de Herodes, rei da Judeia” (v. 5), o sacerdote Zacarias estava no exercício das suas funções sacerdotais no santuário do Templo. Apareceu-lhe o anjo Gabriel, que lhe disse que ele tinha achado graça diante de Deus. Ele e a sua mulher, Isabel, que era estéril, vão ter um filho na sua velhice, a quem darão o nome de João. Zacarias não acredita e Gabriel diz-lhe que ele vai ficar sem poder falar até que as suas palavras se realizem. Zacarias volta para casa e Isabel concebe.

No sexto mês de Isabel, Gabriel aparece a Maria, “uma virgem desposada com um homem chamado José” (v. 26), dizendo-lhe que o Senhor está com ela. Maria ficou muito perturbada com a saudação do anjo, mas Gabriel diz-lhe que não tenha receio porque ela achou graça diante de Deus. Terá um filho que será chamado Jesus. Gabriel dá-lhe a conhecer o grande destino desse filho. Maria pergunta-lhe como pode ser isso uma vez que é virgem. Gabriel responde: “O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra” (v. 35). Além disso, a sua parente Isabel também concebeu um filho, “porque nada é impossível a Deus” (v. 37). Maria declara o seu assentimento: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”

Maria vai visitar Isabel a uma cidade não longe de Jerusalém. Quando Maria saúda Isabel, o filho desta salta-lhe no ventre. Isabel responde: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre... Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor” (vv 45.45).

A resposta de Maria a Isabel é um cântico, a que chamamos Magnificat. O capítulo prossegue com a história do nascimento de João Baptista. Ao ser circuncidado, recebe o nome de “João”. Zacarias recupera a fala e pronuncia o cântico a que chamamos “Benedictus”, a primeira palavra da sua versão latina. O segundo capítulo conta a conhecida história do nascimento de Jesus em Belém.

O CÂNTICO DE LOUVOR DE MARIA

O contexto imediato deste cântico é o encontro entre Maria e Isabel. Isabel sabe (como?) o que aconteceu a Maria e dá-lhe a tripla bênção. Esperávamos que, a seguir, Maria abençoasse Isabel? Ela não o faz, antes bendiz o Senhor e agradece-Lhe. Porquê esta alteração no desenrolar da história? Já voltamos a isso, mas, primeiro, vejamos o objectivo de Lucas ao colocar este texto neste lugar.

Este cântico de louvor é um reflexo do significado da Encarnação para Maria e para nós. Liga este acontecimento à realidade do Evangelho segundo a perspectiva de Lucas. Como?

Maria começa por exprimir alegria e louvor a “Deus, meu Salvador” (vv. 46.47). Continua dando as razões da sua alegria. Nos versículos 48 e 49 descreve a inversão da sua situação, de humildade a exaltação. O versículo 50 inicia uma reflexão sobre o significado do acontecimento num contexto mais amplo, a misericórdia de Deus “sobre aqueles que O temem”. Os versículos 51 a 53 narram a misericordiosa inversão da situação de pessoas no passado e no presente. Nos versículos finais (54 e 55), a vinda de Jesus é vista como Deus “que toma Israel pela mão” realizando as promessas feitas a Abraão.

Vejamos uma interpretação feita por Luke Timothy Johnson ¹:

«Aqui Maria torna-se a representante, se não a personificação, de Israel. A misericórdia que lhe é mostrada

reflecte e exemplifica a misericórdia mostrada para com o povo... Vemos que os epítetos aplicados a Deus no cântico são também atributos do Filho que ela espera. Deus é chamado “Senhor”, “Salvador” e “Santo”. Também Jesus já foi chamado “Santo” (v. 34) e “Senhor” (v. 43), e em breve será chamado “Salvador” (2,11).

O que se disse para o nome também é válido para a acção. Deus inverte o estatuto e a percepção humanos: num movimento descendente, dispersa os soberbos, derruba os poderosos, despede os ricos de mãos vazias. Mas, num movimento ascendente, Deus também exalta os humildes, enche de bens os famintos e acolhe Israel. É justamente esta inversão que Jesus anuncia nas suas Bem-aventuranças e imprecações (6, 20-26) e põe em prática no ministério narrativo».

Os grandes temas presentes no Magnificat são a “misericórdia” (ver versículos 50 e 54) e a “inversão”. A misericórdia é um aspecto importante da revelação de Deus na Aliança do Sinai. Deus entra numa relação pessoal com o povo, relação que é marcada pelas virtudes da aliança de amor e fidelidade inquebrantáveis. A “misericórdia” traduz a palavra hebraica para o inquebrantável amor de aliança de Deus. Esse amor realiza-se de forma deslumbrante na vinda de Jesus e na salvação que Ele traz.

A inversão é mais difícil de entender. Como veremos, a inversão é domi-

nante nas fontes do Antigo Testamento do Magnificat. Significa que a maneira de Deus nos tratar é surpreendente e muitas vezes vira de pernas para o ar o nosso civilizado sentido dos valores humanos. A inversão tem a ver com a presença, com o poder e com os desígnios de Deus nas nossas vidas. O Magnificat diz-nos que Deus não tem uma actuação directa. A inversão é expressa nas fortes imagens de derrubar os poderosos dos seus tronos e de exaltar os humildes; de encher de bens os famintos e de despedir os ricos de mãos vazias. Tendo presente que se trata de poesia, que significam para nós estas imagens? A citação acima sugere que o Magnificat antecipa a apresentação das Bem-aventuranças por Lucas, uma bênção sobre “vós, os pobres” e uma impreciação sobre “vós, os ricos”. Teria Lucas um preconceito contra a riqueza em si? Certamente que não, mas é forte o ensinamento de que a riqueza e o poder podem ser ídolos, fins em si mesmos, de forma que Deus não possa ser Deus para nós.

A intenção de Deus é expressa pelos verbos no passado nos versículos 51-54. Estará Deus menos activo no presente do que no tempo de Moisés e da Aliança, ou no tempo de Jesus? Se Deus é Deus, a resposta só pode ser não. A nossa fé chama-nos a participar na preocupação de Deus para com os pobres. E isto não vem de um mero sentimento humanitário; faz parte do plano de Deus para actuar no presente para a salvação da humanidade.

O MAGNIFICAT: FORMA E FONTE

O Magnificat é um hino de louvor. Não se dirige a Deus na segunda pessoa nem contém petições. Na forma, é muito semelhante àqueles salmos que louvam o Senhor. Por exemplo, o Salmo 145 começa assim:

Exaltarei a tua grandeza, ó meu rei
e meu Deus;

hei-de bendizer o teu nome para
sempre

Todo o salmo é, no seu conteúdo, semelhante ao Magnificat.

Deveremos pensar que, depois da saudação de Isabel, Maria respirou fundo e pronunciou esta oração? Na obra citada acima, Johnson sugere que Lucas usa uma convenção comum aos historiadores antigos. Para tornar mais evidente o significado de uma situação, o escritor põe um discurso na boca de uma pessoa. Sabemos pelo Magistério da Igreja que essa convenção não contradiz de forma alguma a inspiração divina da passagem ou do Evangelho.

Vimos que o Magnificat não parece resultar directamente do encontro de Maria com Isabel. Se examinarmos os dois textos que se seguem, vemos uma comparação do Magnificat com o cântico de Ana no Primeiro Livro de Samuel. Outras frases do Magnificat são citações de ou alusões a outros textos do Antigo Testamento. Pode dizer-se que constitui um mosaico dessas citações. Parece que Lucas, a partir da tradição, compôs um novo hino que expressa a nova rea-

lidade revelada por Jesus. O Magnificat está, pois, na continuidade do Antigo Testamento. Jesus é a realização das promessas “a nossos pais, a Abraão e à sua descendência, para sempre” (v. 55).

REZAR O MAGNIFICAT

Comparada com Zacarias, o sacerdote com funções oficiais no Templo, Maria era uma pessoa insignificante, uma jovem noiva que vivia numa aldeia insignificante. Como Johnson diz, “ela está entre as pessoas mais fracas da sua sociedade: é jovem num mundo que valoriza a idade; mulher num mundo governado por homens; pobre numa economia estratificada”².

O facto de ter achado “graça diante do Senhor” e de ser “cheia de graça” mostra que Lucas compreende que a acção de Deus é surpreendente e muitas vezes paradoxal, quase sempre invertendo as expectativas humanas. “Então, e nós?”. Maria é a Primeira Discípula do seu Filho, nosso Senhor. Podemos considerar-nos membros insignificantes da Igreja de Deus. Se levamos o Evangelho a sério,

todos somos chamados a ser discípulos como Maria foi e é. Como discípulos, o nosso papel na Igreja tem uma qualidade surpreendente e inesperada. Pelo baptismo, somos um com Cristo, como Maria também é. Recebemos o Espírito Santo para nos guiar no nosso caminho, sejam quais forem os nossos dons, seja qual for a nossa situação.

Os verdadeiros discípulos estão preparados para a inversão provocada por Jesus. Rezar o Magnificat lembra-nos as grandes coisas que o Senhor fez por nós. Encoraja-nos a seguir, como membros do seu Corpo, o caminho de Jesus que leva, através da cruz e da ressurreição, à vida eterna que nos está prometida. Na situação do mundo hoje, que podemos fazer para nele descobrir o poder, a presença e o desígnio de Deus? Pensemos nas idolatrias de hoje: ganância, injustiça e opressão. O Magnificat ajuda-nos a encontrar uma resposta. Rezemos o Magnificat!

¹ Luke Timothy Johnson, *The Gospel of Luke* (Collegeville: The Liturgical Press, 1991), pp. 43-44.

² *Ibid.*, p. 39.

* Capelão no Estado de Virgínia, Estados Unidos da América.

Nota. — O calendário de meditação (pág. 51) é da autoria de Michael Leavy, membro das Equipas de Nossa Senhora, nos EUA.

1 Samuel 2, 1-8 Ana diz:

Exulta o meu coração de júbilo no
SENHOR.

N'Ele se ergue a minha frente,
a minha boca desafia os meus
adversários,
porque me alegro na tua salvação.

Ninguém é santo como o SENHOR.
Não há outro Deus fora de Ti,
ninguém é tão forte como o nosso
Deus.

Não multipliqueis as vossas palavras
orgulhosas.
Não saia da vossa boca a arrogância,
porque o SENHOR é um Deus de
sabedoria.
Só Ele sabe descobrir as vossas
acções.
O arco dos fortes foi quebrado
e os fracos foram revestidos de vigor.
Os saciados tiveram que ganhar o pão
e os famintos foram saciados.
Até a estéril foi mãe de sete filhos
e a mulher que os tinha numerosos,
ficou estéril.

O SENHOR é que dá a morte e a vida,
leva à habitação dos mortos e tira de
lá.

O SENHOR despoja e enriquece,
humilha e exalta.
Levanta do pó o mendigo e tira da
imundície o pobre,
para os sentar com os príncipes e
ocupar um trono de glória;
porque são do SENHOR as colunas da
terra
e sobre elas assentou o mundo.

Lucas 1, 46-55 Maria diz:

A minha alma glorifica o Senhor
e o meu espírito se alegra em Deus,
meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da
sua serva.
De hoje em diante, me chamarão bem-
aventurada todas as gerações.

O Todo-poderoso fez em mim
maravilhas.
Santo é o seu nome.

A sua misericórdia se estende de
geração em geração
sobre aqueles que O temem.

Manifestou o poder do seu braço
e dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos
e exaltou os humildes.

Aos famintos encheu de bens
e aos ricos despediu de mãos
vazias.

Acolheu a Israel, seu servo,
lembrado da sua misericórdia,
como tinha prometido a nossos pais,
a Abraão e à sua descendência,
para sempre.

Domingo

*A minha alma glorifica o Senhor
e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.*

Hoje é dia de descanso. Que eu possa empregar o meu tempo na reflexão sobre a "grandeza do Senhor" e sobre tudo o que Ele tem feito por mim. Quando entrar na presença de Deus, que a minha alma se alegre realmente n'Ele!

Segunda-feira

*Porque pôs os olhos na humildade da sua serva.
De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada
todas as gerações.*

Ao iniciar a semana, recordo que, independentemente da minha posição na vida, sou realmente a humilde serva de Deus. Uma vida de serviço e de humildade é uma vida de santidade.

Terça-feira

*O Todo-poderoso fez em mim maravilhas.
Santo é o seu nome.*

Que fez Deus por mim? Durante o dia, reflico nos talentos que Ele me deu, nos desafios que pôs diante de mim. Que eu veja ambos como dons de Deus, dons que me hão-de fazer santo.

Quarta-feira

*A sua misericórdia se estende de geração em geração
sobre aqueles que O temem.
Manifestou o poder do seu braço,
e dispersou os soberbos.*

Durante o dia, reflico no que significa temer a Deus. Será ter medo, ou respeitar ou reverenciar o meu Deus? Paradoxalmente, quando me ponho humildemente diante de Deus com um sentimento de reverência, quando me reconheço fraco, sou forte. Que eu hoje me lembre da importância de ser fraco e humilde, para poder pôr para trás o meu orgulho. Só então poderei de facto amar o meu próximo.

Quinta-feira

*Derrubou os poderosos de seus tronos,
e exaltou os humildes.*

A nossa sociedade dá tanto valor ao poder. Durante o dia, ajuda-me, Senhor, a lembrar-me de que ser poderoso não é coisa a que se aspire. Que eu seja humilde em todas as minhas relações com os amigos, com a família, com os colegas de trabalho. Assim é que serei elevado, e comigo todos aqueles com quem eu contactar.

Sexta-feira

*Aos famintos encheu de bens
e aos ricos despediu de mãos vazias.*

Hoje lembro-me dos que têm fome. Talvez possa dar um pequeno passo para me associar a eles comendo um pouco menos ou contribuindo para um abrigo para os sem-abrigo ou participando em alguma distribuição de alimentos. Possa eu hoje tornar-me um com os famintos e apreciar as suas dificuldades.

Sábado

*Acolheu a Israel, seu servo,
lembrado da sua misericórdia,
como tinha prometido a nossos pais,
a Abraão e à sua descendência, para sempre.*

Reflectindo no cântico de Maria, lembro-me de que ele foi o "Sim" de Maria a Ti, Senhor. Olhando para a semana que passou, disse "Sim" quando me chamaste?

Como é que fui "servo" em vez de "rei"? Dá-me, Senhor, a força de repetir este exercício na semana que vai entrar.

MENSAGEM DO PAPA PARA A **QUARESMA 2008**



«Cristo fez-Se pobre por vós»

(cf. 2 Cor 8, 9)

Queridos irmãos e irmãs!

1. Todos os anos, a Quaresma oferece-nos uma providencial ocasião para aprofundar o sentido e o valor do nosso ser de cristãos, e estimulamos a redescobrir a misericórdia de Deus a fim de nos tornarmos, por nossa vez, mais misericordiosos para com os irmãos. No tempo quaresmal, a Igreja tem o cuidado de propor alguns compromissos específicos que ajudem, concretamente, os fiéis neste processo de renovação interior: tais são a oração, o jejum e a esmola. Este ano, na habitual Mensagem quaresmal, desejo deter-me sobre a prática da esmola, que representa uma forma concreta de socorrer quem se encontra em necessidade e, ao mesmo tempo, uma prática ascética para se libertar da afeição aos bens terrenos. Jesus declara, de maneira peremptória, quão forte é a atracção das riquezas materiais e como deve ser clara a nossa decisão de não as idolatrar, quando afirma: «Não podeis servir a Deus e ao dinheiro» (Lc 16, 13). A esmola ajuda-nos a vencer esta incessante tentação, educando-nos para ir ao encontro das necessidades do próximo e partilhar com os outros aquilo que, por bondade divina, possuímos. Tal é a finalidade das colectas especiais para os pobres, que são promovidas em muitas partes do mundo durante a Quaresma. Desta forma, a purificação interior é corroborada por um gesto de comunhão eclesial, como acontecia já na Igreja primitiva. São Paulo fala disto mesmo quando, nas suas Cartas, se refere à colecta para a comunidade de Jerusalém (cf. 2 Cor 8-9; Rm 15, 25-27).

2. Segundo o ensinamento evangélico, não somos proprietários mas administradores dos bens que possuímos: assim, estes não devem ser considerados propriedade exclusiva, mas meios através dos quais o Senhor chama cada um de nós a fazer-se intermediário da sua providência junto do próximo. Como recorda o Catecismo da Igreja Católica, os bens materiais possuem um valor social, exigido pelo princípio do seu destino universal (cf. n. 2403).

É evidente, no Evangelho, a admoestação que Jesus faz a quem possui e usa só para si as riquezas terrenas. À vista das multidões carentes de tudo, que passam fome, adquirem o tom de forte reprovação estas palavras de São João: «Aquele que tiver bens deste mundo e vir o seu irmão sofrer necessidade, mas lhe fechar o seu coração, como pode estar nele o amor de Deus?» (1 Jo 3, 17). Entretanto, este apelo à partilha ressoa, com maior eloquência, nos Países cuja população é composta, na sua maioria, por cristãos, porque é ainda mais grave a sua responsabilidade face às multidões que penam na indigência e no abandono. Socorrê-las é um dever de justiça, ainda antes de ser um gesto de caridade.

3. O Evangelho ressalta uma característica típica da esmola cristã: deve ficar escondida. «Que a tua mão esquerda não saiba o que fez a direita», diz Jesus, «a fim de que a tua esmola permaneça em segredo» (Mt 6, 3-4). E, pouco antes, tinha dito que não devemos vangloriar-nos das nossas boas acções, para não correremos o risco de ficar privados da recompensa celeste (cf. Mt 6, 1-2). A preocupação do discípulo é que tudo seja para a maior glória de Deus. Jesus admoesta: «Brilhe a vossa luz diante dos homens de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem vosso Pai que está nos Céus» (Mt 5, 16). Portanto, tudo deve ser realizado para glória de Deus, e não nossa. Queridos irmãos e irmãs, que esta consciência acompanhe cada gesto de ajuda ao próximo evitando que se transforme num meio nos pormos em destaque. Se, ao praticarmos uma boa acção, não tivermos como finalidade a glória de Deus e o verdadeiro bem dos irmãos, mas viarmos antes uma compensação de interesse pessoal ou simplesmente de louvor, colocamo-nos fora da lógica evangélica. Na moderna sociedade da imagem, é preciso redobrar de atenção, dado que esta tentação é frequente. A esmola evangélica não é simples filantropia: trata-se antes de uma expressão concreta da caridade, virtude teológica que exige a conversão interior ao amor de Deus e dos irmãos, à imitação de Jesus Cristo, que, ao morrer na cruz, Se entregou totalmente por nós. Como não agradecer a Deus por tantas pessoas que no silêncio, longe dos reflectores da sociedade me-

diática, realizam com este espírito generosas acções de apoio ao próximo em dificuldade? De pouco serve dar os próprios bens aos outros, se o coração se ensoberbece com isso: tal é o motivo por que não procura um reconhecimento humano para as obras de misericórdia realizadas quem sabe que Deus «vê no segredo» e no segredo recompensará.

4. Convidando-nos a ver a esmola com um olhar mais profundo que transcenda a dimensão meramente material, a Escritura ensina-nos que há mais alegria em dar do que em receber (*cf.* Act 20, 35). Quando agimos com amor, exprimimos a verdade do nosso ser: de facto, fomos criados a fim de vivermos não para nós próprios, mas para Deus e para os irmãos (*cf.* 2 Cor 5, 15). Todas as vezes que por amor de Deus partilhamos os nossos bens com o próximo necessitado, experimentamos que a plenitude de vida provém do amor e tudo nos retorna como bênção sob forma de paz, satisfação interior e alegria. O Pai celeste recompensa as nossas esmolas com a sua alegria. Mais ainda: São Pedro cita, entre os frutos espirituais da esmola, o perdão dos pecados. «A caridade – escreve ele – cobre a multidão dos pecados» (1 Pd 4, 8). Como se repete com frequência na liturgia quaresmal, Deus oferece-nos, a nós pecadores, a possibilidade de sermos perdoados. O facto de partilhar com os pobres o que possuímos, predispõe-nos para recebermos tal dom. Penso, neste momento, em quantos experimentam o peso do mal praticado e, por isso mesmo, se sentem longe de Deus, receosos e quase incapazes de recorrer a Ele. A esmola, aproximando-nos dos outros, aproxima-nos de Deus também e pode tornar-se instrumento de autêntica conversão e reconciliação com Ele e com os irmãos.

5. A esmola educa para a generosidade do amor. São José Bento Cottolengo costumava recomendar: «Nunca conteis as moedas que dais, porque eu sempre digo: se ao dar a esmola a mão esquerda não há de saber o que faz a direita, também a direita não deve saber ela mesma o que faz» (Detti e pensieri, Edilibri, n. 201). A este propósito, é muito significativo o episódio evangélico da viúva que, da sua pobreza, lança no tesouro do templo «tudo o que tinha para viver» (Mc 12, 44). A sua pequena e insignificante moeda tornou-se um símbolo eloquente: esta viúva dá a Deus não o supérfluo, não tanto o que tem como sobretudo aquilo que é; entrega-se totalmente a si mesma.

Este episódio comovedor está inserido na descrição dos dias que precedem imediatamente a paixão e morte de Jesus, o Qual, como observa São Paulo, fez-se pobre para nos enriquecer pela sua pobreza (*cf.* 2 Cor 8, 9);

entregou-Se totalmente por nós. A Quaresma, nomeadamente através da prática da esmola, impele-nos a seguir o seu exemplo. Na sua escola, podemos aprender a fazer da nossa vida um dom total; imitando-O, conseguimos tornar-nos disponíveis para dar não tanto algo do que possuímos, mas dar-mo-nos a nós próprios. Não se resume porventura todo o Evangelho no único mandamento da caridade? A prática quaresmal da esmola torna-se, portanto, um meio para aprofundar a nossa vocação cristã. Quando se oferece gratuitamente a si mesmo, o cristão testemunha que não é a riqueza material que dita as leis da existência, mas o amor. Deste modo, o que dá valor à esmola é o amor, que inspira formas diversas de doação, segundo as possibilidades e as condições de cada um.

6. Queridos irmãos e irmãs, a Quaresma convida-nos a «treinar-nos» espiritualmente, nomeadamente através da prática da esmola, para crescermos na caridade e nos pobres reconhecermos o próprio Cristo. Nos Actos dos Apóstolos, conta-se que o apóstolo Pedro disse ao coxo que pedia esmola à porta do templo: «Não tenho ouro nem prata, mas vou dar-te o que tenho: Em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda» (Act 3, 6). Com a esmola, oferecemos algo de material, sinal do dom maior que podemos oferecer aos outros com o anúncio e o testemunho de Cristo, em cujo nome temos a vida verdadeira. Que este período se caracterize, portanto, por um esforço pessoal e comunitário de adesão a Cristo para sermos testemunhas do seu amor. Maria, Mãe e Serva fiel do Senhor, ajude os crentes a regerem o «combate espiritual» da Quaresma armados com a oração, o jejum e a prática da esmola, para chegarem às celebrações das Festas Pascuais renovados no espírito. Com estes votos, de bom grado concedo a todos a Bênção Apostólica.

Vaticano, 30 de Outubro de 2007.

LIVROS

RECOMENDADOS PELO MOVIMENTO

NAS ENCRUZILHADAS DO AMOR

Autor: **Henri Caffarel**

Editora: Lucerna (Fevereiro de 2008)

Preço: 8,06 •



Um conjunto de instantâneos que mostram ao natural, na vida de cerca de 30 casais, um gesto, um olhar, um impulso ou uma fuga. Quase sempre num momento em que o casal, seguindo o seu caminho sem se interrogar, chega inesperadamente a uma encruzilhada uma encruzilhada do casamento.

«Não se sai incólume da leitura deste livro. O Padre Caffarel trabalha contra a corrente de uma concepção romântica do amor. Estes textos convidam-nos ao realismo. Neles, trata-se de modo singular dos combates, dos sofrimentos, dos escolhos e até mesmo da dimensão trágica tanto da “conjugalidade” como de qualquer relação entre seres humanos.

Num tempo em que há quem se decida pela precariedade, em que há muito quem esteja disposto a abandonar-se aos determinismos psicológicos, é bom lembrar e lembrar-se das vicissitudes propriamente espirituais do casal e do amor, dessa espantosa aventura em que se trata não só da relação com o outro, mas também da relação consigo próprio, com Deus e com os outros.

Que os leitores deste livro possam compreender em toda a sua verdade este apelo libertador: “Ousai ser felizes!”».

Xavier Lacroix, no «Prefácio».

Nascido em 1903, Henri Caffarel foi ordenado padre em 1930. Exerceu o seu ministério sacerdotal junto dos jovens da Jeunesse Ouvrière Chrétienne e, depois, dos casais (1935), para quem e com quem fundou a revista de espiritualidade conjugal e familiar *L'Anneau d'Or* (1945) e as Equipas de Nossa Senhora (1947). Em 1960, tendo sido nomeado consultor para o Concílio Vaticano II, redigiu para a Comissão para o Apostolado dos Leigos várias comunicações sobre o matrimónio cristão e a missão apostólica do casal e da família. Em 1965, fundou a casa de oração de Troussures, a norte de Paris, onde, durante 30 anos, animou semanas de oração abertas a todos que constituíram oportunidades de formação para a oração e a meditação.

HENRI CAFFAREL - Um homem cativado por Deus

Autor: Jean Allemand

Editora: Lucerna (Novembro de 2007)

Preço: 11,21 •

Henri Caffarel (1903-1996), em quem o cardeal Lustiger viu «um profeta do século XX», sentiu-se cativado por Deus desde a juventude e disse «sim» ao apelo divino. A sua vida tornou-se rumo em Março de 1923, quando «encontrou» Cristo: seria padre para levar os homens e as mulheres do seu tempo a sentirem a experiência de Deus tal como ele a sentia. Fundou as Equipas de Nossa Senhora e a revista L'Anneau d'Or para ajudar os casais a caminharem para a santidade não pelo casamento, e o Movimento Espiritual de Viúvas para lhes mostrar que o amor é mais forte que a morte. Lançou os Cahiers sur l'Oraison e animou semanas de oração em Troussures para ensinar a todos a ciência e a arte da oração interior que prepara para entrar totalmente nos desígnios de Deus e trabalhar para o seu Reino. Além dos momentos que fundou, Caffarel deixou inúmeras obras com o propósito de suscitar «gente que procura Deus», o Deus que ele apaixonadamente amou e serviu.

Jean Allemand foi membro nas Equipas de Nossa Senhora entre 1968 e 1994, tendo integrado a equipa responsável do movimento entre 1973 e 1985.



Henri Caffarel (1903-1996), em quem o cardeal Lustiger viu «um profeta do século XX», sentiu-se cativado por Deus desde a juventude e disse «sim» ao apelo divino.

A sua vida tomou rumo em Março de 1923, quando «encontrou» Cristo: seria padre para levar os homens e as mulheres do seu tempo a sentirem a experiência de Deus tal como ele a sentia. Fundou as Equipas de Nossa Senhora e a revista L'Anneau d'Or para ajudar os casais a caminharem para a santidade não e pelo seu casamento, e o Movimento Espiritual de Viúvas para lhes mostrar que o amor é mais forte que a morte. Lançou os Cahiers sur l'Oraison e animou semanas de oração em Troussures para ensinar a todos a ciência e a arte da oração interior que prepara para entrar totalmente nos desígnios de Deus e trabalhar para o seu Reino. Além dos

movimentos que fundou, Caffarel deixou inúmeras obras com o propósito de suscitar «gente que procura Deus», o Deus que ele apaixonadamente amou e serviu.

Jean Allemand é membro das Equipas de Nossa Senhora em França, trabalhou directamente com o Padre Caffarel desde 1968 e é membro honorário da associação Os Amigos do Padre Caffarel.

A SEXUALIDADE SEGUNDO JOÃO PAULO II

Autor: Yves Semen

Editora: Principia (Outubro de 2006)

Preço: 10,71 •

Durante os quatro primeiros anos do seu pontificado, João Paulo II consagrou as suas audiências gerais de quarta-feira ao mais desenvolvido ensinamento que um Papa algu-



ma vez produziu sobre um único tema – a «teologia do corpo». A abordagem que então fez de aspectos como o corpo, a sexualidade e o casamento viria a revelar-se tão original quanto desconhecida, constituindo um ponto de viragem quer na teologia católica, quer na história do pensamento moderno. Tendo em conta o facto de este ensinamento continuar a ser ignorado não só pelo grande público, mas também pelos casais cristãos e por uma grande parte dos sacerdotes e religiosos, o objectivo deste livro é facilitar e

tornar acessível a todos a descoberta de um pensamento cuja riqueza afasta definitivamente da moral católica qualquer condenação ou desconfiança em relação à sexualidade humana.

Yves Semen, doutorado em Filosofia, é pai de sete filhos e director do instituto europeu de estudos antropológicos Philanthropos, em Friburgo, na Suíça. Lecciona na Faculté Libre de Philosophie (IPC) de Paris e trabalha como conferencista e formador em Ética Social em França e na Suíça.

O Secretariado Nacional implementou um serviço de envio destes três livros, aos equipistas que o solicitem. Pedidos:

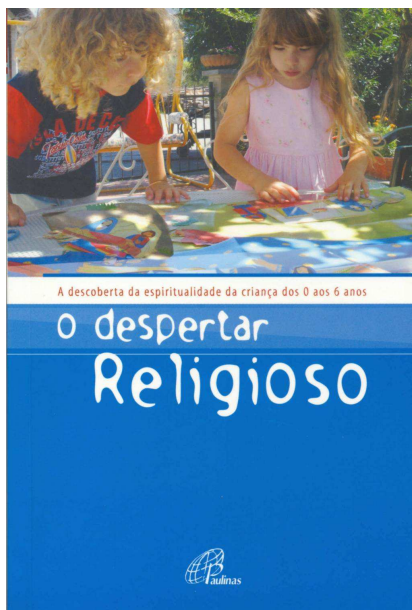
Telef.: 21 842 9340

E-mail: ens@ens.pt

Morada: Av. Roma, 96, 4.º, esquerdo - 1700-352 LISBOA.

Pagamento por cheque ou transferência bancária NIB: 001800002088965300164.

O DESPERTAR RELIGIOSO



Porque a fé é um Dom, desde tenra idade a criança é capaz de estabelecer uma relação de intimidade com Deus, Uma abertura dialogante e criativa com o transcendente, desenvolvendo, assim, uma dimensão espiritual que deve ser valorizada, acompanhada e educada, pois constitui um dos pilares fundamentais da sua identidade.

Neste sentido, o departamento da Catequese do Patriarcado de Lisboa tem vindo, nos últimos anos, a desenvolver várias iniciativas de apoio ao despertar religioso das crianças dos 0 aos 6 anos de idade, consciente de que esta etapa da vida que antecede a catequese é decisiva na formação da personalidade da criança e no lançamento das raízes cristãs.

O Despertar Religioso reúne textos de diversos autores que têm dedicado a sua reflexão à problemática do despertar religioso na infância.

É um contributo precioso para todos os que têm em mãos a mais bela e decisiva das missões: ajudar um coração de criança a despertar para a vida e para Deus.

REZAR

Com os Intercessores

Os **INTERCESSORES** rezam por nós todos os dias.

Para saber mais pergunte,
para aderir inscreva-se:
Secretariado das ENS, T: 21 842 93 40,
E-mail: ens@ens.pt



Equipas de Nossa Senhora

Dezembro 2007 a Fevereiro 2008

NOTICIÁRIO

DAS ENS

CARTÃO DA REUNIÃO DA EQUIPA

O “cartão da reunião de equipa”, em formato tipo BI, com os diversos pontos da reunião, a oração da partilha e o Magnificat, foi distribuído com a Carta de Novembro.

SITE DAS ENS WWW.ENS.PT

Tem sido actualizado e está recheado de informações úteis. O guia sobre a Liturgia das Horas foi actualizado com o Calendário Litúrgico completo do ano 2007-2008. Podemos ainda ver num mapa mundo, de que partes do mundo o site é mais acedido.

MISSÃO A S. TOMÉ E PRÍNCIPE

A Missão a S. Tomé e Príncipe, realizou-se de 27 de Outubro a 8 de Novembro de 2007 para dar tempo à Donzília para recuperar da queda que deu e do braço que partiu. Segundo a conversa que tivemos com a Donzília e Felisberto, consideramos que os objectivos foram atingidos. O relatório que eles prepararam está publicado nesta Carta.

MISSÃO A ANGOLA

A Missão a Angola realizar-se-á em Agosto de 2008, conforme planeado, e o seu programa será elaborado pelo Regional de Angola e discutido por e-mail.

MISSÃO AO ALENTEJO

No seguimento dos recentes esforços de divulgação do Movimento, em territórios de Portugal onde ainda não há equipas, iniciamos uma missão no Litoral Alentejano, por indicação do Senhor Bispo de Beja. Com o Senhor Cónego Janela identificámos os párocos de Santo André, Sines, Melides e Santiago do Cacém, com quem nos reunimos na noite de 18 de Janeiro acompanhados pela Equipa Santiago do Cacém 1, para lhes apresentar o Movimento e solicitar apoio para o seu lançamento nas suas paróquias. Também esteve presente o Vigário Geral da Diocese de Beja, Senhor Cónego Domingos. Ficaram marcadas sessões de informação para os dias 14 e 17 de Fevereiro para dar início a algumas equipas com casais piloto da Santiago do Cacém 1 e das Regiões mais próximas. Dois casais da equipa de Santiago disponibilizaram-se para este serviço ao Movimento.

RITMO DE CRIAÇÃO DE EQUIPAS

O ritmo de criação de equipas caiu para metade nos últimos três anos. Temos de cuidar também da expansão, um dos objectivos fixados para este ano. A preocupação pela evangelização não se pode ficar pelos esforços em África, Bragança e Alentejo. Às Regiões e Sectores cabe uma responsabilidade importante pela difusão do espírito do Movimento e pela sua expansão. O Tema do ES2008 “Enviados Para Servir” é um alerta para todos nós.

ENCONTRO DE EQUIPAS DE SECTOR (ES2008)

Será já no próximo mês de Fevereiro de 2008 (23 e 24). Estes encontros realizam-se de 4 em 4 anos (o último foi em 2004) pelo que esta é uma oportunidade a não perder. Será também uma oportunidade de formação e testemunho para os casais convidados para integrarem uma equipa de Sector. Foi enviada uma comunicação, a todos os responsáveis de sector, com questões preparatórias para reflexão em equipa de Sector, e decorre agora o período de inscrições.

DOCUMENTOS DO PADRE CAFFAREL

No Encontro Nacional de 2007 constatou-se a necessidade urgente de dar a conhecer a obra do Padre Caffarel. Para tal temos de avançar em diversas direcções e em simultâneo, pois o assunto é urgente. Na reunião da Supra-Região de Janeiro foi proposta, e aceite, a edição de mais dois livros (Aux Carrefours de l'Amour e Présence à Dieu). Foram já distribuídos por e-mail os 18 editoriais das cartas verdes francesas iniciais (traduzidos pela equipa Porto 2), foi tomada a decisão de passar a incluir textos do Padre Caffarel em todas as edições da Carta periódica e foi adoptado um tema da SR França com textos do Padre Caffarel para Tema do próximo ano (2008/2009).

EDIÇÃO ESPECIAL DA CARTA FUNDADORA

Para comemorar os seus 60 anos e para se poder distribuir aos casais em pilotagem, foi produzida uma versão especial, a preto e dourado, da CARTA Fundadora. No EN2007 foi oferecida a todos os participantes, que muito a elogiaram.

DOCUMENTO “O MÉTODO DAS ENS”

Este documento, constituído por 8 cadernos: A Equipa - Comunidade Cristã, A Reunião de Equipa, Os PCE e a Partilha, O Retiro Espiritual, O Dever de se Sentar, A Regra de Vida, A Palavra de Deus e A Oração nas ENS, foi distribuído no EN2007 e foi muito bem acolhido e elogiado.

LIGAÇÃO DA ZONA EURÁFRICA

No final do mês de Novembro foi enviado o habitual relato das actividades da Supra-Região à Maru y Paco, que estiveram connosco em Setembro e em Novembro. Na reunião da ERI do início de Dezembro, e após a apresentação efectuada pela Maru y Paco sobre as actividades em Portugal, apresentação essa esclarecida pela informação que recolheram ao vivo nas visitas que nos fizeram, a ERI fez uma referência especial e elogiosa ao trabalho desenvolvido na Supra-Região Portugal.

A ERI COMEMOROU OS 60 ANOS DA CARTA EM PARIS

A ERI organizou um encontro em Paris em 8 de Dezembro de 2007, com todos os anteriores membros da Equipa Responsável Internacional. Este encontro, que teve como lema: “Memórias e Perspectivas”, correu muito bem e as conclusões finais serão apresentadas no Colégio 2008, em Fátima.

SR PORTUGAL EM SINTONIA COM A ERI NA COMEMORAÇÃO OS 60 ANOS DA CARTA

A 8 de Dezembro de 2007, ou em data próxima, realizaram-se Eucaristias em vários pontos do país, a nível de Sector ou de Região, para comemorar os 60 anos da Carta Fundadora, em união com o encontro promovido pela ERI em Paris. Para apoiar estas celebrações foi traduzido e enviado a todas as Regiões o documento recebido da ERI para a Acção de Graças pelos 60 anos da CARTA Fundadora.

ENCONTRO COM OS CASAIS DE ÁFRICA E AS EJNS

Realizou-se em 20 de Novembro, com todos os casais e CEs de África que participaram no EN 2007, com a presença dos casais que integraram as missões a África, os provinciais (excepto o do Norte e Centro dada a distância), o casal responsável pelo Secretariado, os responsáveis internacionais das Equipas de Jovens de Nossa Senhora e o seu Conselheiro Espiritual Internacional, o Senhor Padre José Manuel Pereira de Almeida.

AS EQUIPAS RECEBEM O BISPO DO MINDELO (CABO VERDE)

Foi num jantar em casa do casal Supra-Regional, em 21 Novembro, com o Bispo do Mindelo (Cabo Verde), que estava de passagem por Lisboa, e que congregou ainda o Sr. Padre Ildo Fortes (que lançou as Equipas em Cabo Verde) e o Senhor Cónego António Janela, CE da Equipa da SR. Foi uma excelente oportunidade para reforçar a convicção do Senhor Bispo no Movimento das ENS e no bem que pode fazer pelos casais de Cabo Verde.

COLÉGIO DE 2008

O Colégio de 2008 terá lugar em Fátima, de 20 a 26 de Julho de 2008, antecedido pela reunião da ERI, de 16 a 20 de Julho. No final de Novembro de 2007 foi efectuada a organização das diversas reuniões (ERI, Colégio, Zona, Encontros da ERI com os equipistas de Portugal e com a Equipa da SR) e elaborado o respectivo documento de preparação, que foi enviado à ERI para decisão na sua reunião do início de Dezembro. A ERI aprovou em Dezembro todo o programa proposto. A nosso cargo fica: toda a logística e apoio de secretariado, transportes, acolhimento e partidas, equipamento incluindo o de tradução simultânea, a celebração de abertura, apresentação de um tema, organização da visita do dia 23 (Batalha, Óbidos e Nazaré), o encontro com os equipistas e a reunião com a SR. A SR organizará ainda para os membros da ERI, uma visita a Lisboa com almoço no dia 16.

REUNIÃO DA ERI COM EQUIPISTAS PORTUGUESES

A ERI também se encontrará com Equipistas de Portugal no Sábado 26 de Julho, à tarde, e com a Equipa da Supra-Região no Domingo 27, de manhã. Para os equipistas portugueses, será um momento histórico e uma oportunidade para um encontro directo com a ERI e para conhecerem melhor o Movimento nas diversas zonas do Mundo.

REUNIÃO DA SUPRA-REGIÃO DE JANEIRO (11 A 13)

Realizou-se em Fátima, na Residencial Santo Amaro, a reunião da SR, que acolheu os casais Formadores para o seu 2.º Encontro Nacional com o tema: “Conhecer Caffarel para o dar a Conhecer”. Outros pontos fortes foram a avaliação do EN2007 (17 e 18 Novembro), bem como a preparação do Encontro de Equipas de Sector de Fevereiro de 2008 (23 e 24). O tempo de formação esteve a cargo do Padre Janela sob o tema “**Salvos na Esperança**”.

AS EQUIPAS NO ENCONTRO NACIONAL DA PASTORAL FAMILIAR

O Casal SR esteve presente em Fátima dia 19 de Janeiro no Encontro dos secretários Diocesanos de Pastoral Familiar e dos Movimentos Nacionais ligados a esta pastoral.

O GRUPO DA FAMÍLIA (CNMO) CONTINUA A REUNIR

Foi em 29 de Janeiro de 2008 e as Equipas estiveram lá.

AS EQUIPAS NAS JORNADAS DO CNMO (CONSELHO NACIONAL DE MOVIMENTOS E OBRAS)

O Casal SR estará presente em Fátima entre 8 e 10 de Fevereiro de 2008, nas Jornadas do Conselho Nacional de Movimentos e Obras

PRESEÇA NA REGIÃO PORTO

A convite da Região o Casal SR e o Casal Provincial participaram na homenagem realizada às equipas Porto 1 e Porto 2 por ocasião do 50.º aniversário da criação da primeira e da pilotagem da segunda.

No seguimento deste evento a SR está a preparar um fim-de-semana de aprofundamento, com o tema: “A Beleza e a Grandeza do Amor Humano”, baseado em textos do Padre Caffarel, cuja primeira realização será no Porto (casa de Vilar) para casais do Porto. Pretende-se com esta acção entusiasmar e ajudar a animar a Região que, apesar dos esforços do regional e provincial, tem estado algo adormecida.

DESDOBRAMENTO DOS SECTORES DA REGIÃO LISBOA

Após a multiplicação da Região Lisboa em Setembro de 2007, dando origem às novas Regiões Lisboa 1 e Lisboa 2, procedeu-se ao desdobramento dos seus Sectores. Este trabalho foi coordenado pela Rita e Pedro (regional) com o apoio da Rita e Gastão (provincial) e dos responsáveis dos Sectores das Regiões Lisboa 1 e Lisboa 2, tendo para tal sido feito levantamento dos anos de formação de todas as equipas, dividindo cada sector em quatro grupos: Equipas criadas antes de 1975, antes de 1985, antes de 1995 e depois de 1995.

Feito este levantamento, desdobraram-se todos os sectores, para que, de quatro sectores surgissem seis, de forma a que em cada um dos novos sectores existam aproximadamente o mesmo número de equipas criadas antes de 1975, antes de 1985, antes de 1995 e depois de 1995.

O único sector que não sofreu alterações foi o sector I. Constituído maioritariamente por equipas que se encontram geograficamente fora da cidade de Lisboa (Famões, S. João da Talha, Loures, Odivelas, Ramada, Póvoa de Santa Iria e Vialonga), tenderá a formar uma nova Região. Para já, e enquanto durar o processo de formação da nova região, o sector I fica, de pleno direito e com todo o gosto, na Região Lisboa 2.

PADRE PORTUGUÊS ESTUDA ESPIRITUALIDADE CONJUGAL

O Padre José Augusto da diocese de Leiria-Fátima, que está a estudar o tema da Espiritualidade Conjugal para uma tese de Doutoramento em Roma, esteve no passado dia 14 de Dezembro no Secretariado, por sugestão do Senhor Padre Janela, a consultar a revista *L'Anneau d'Or*.

DA IGREJA

«SALVOS PELA ESPERANÇA», NOVA ENCÍCLICA DO PAPA

No dia 30 de Novembro foi publicada a nova encíclica de Bento XVI em vários idiomas: latim, espanhol, italiano, francês, inglês, português, polonês e alemão. Esta segunda encíclica medita sobre a carta de São Paulo aos Romanos (8, 24): «De facto, foi na esperança que fomos salvos. Ora uma esperança naquilo que se vê não é esperança. Quem é que vai esperar aquilo que já está a ver?».

CELEBRAÇÕES NA IGREJA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

Na nova igreja do Santuário de Fátima, no período do Inverno, serão celebradas missas, aos sábados às 11 h, e nos domingos e dias santos, às 11, 15 e 16:30 h, e as Vésperas serão cantadas às 17:30 h. Diariamente, o horário para visita à Igreja da Santíssima Trindade mantém-se, das 11 h às 18 h, fora do tempo de celebração.

PROJECTISTA DA IGREJA DA SANTÍSSIMA TRINDADE PUBLICA LIVRO COM ESBOÇOS DO SANTUÁRIO

O arquitecto Alexandros Tombazis, autor do projecto arquitectónico da nova igreja da Santíssima Trindade, tomou a decisão de publicar um livro de esboços com imagens da nova igreja e de outros espaços do Santuário de Fátima. Intitulada «Fátima», a publicação explica, nas primeiras páginas, a razão de ser deste trabalho, essencialmente visual: «Partilhar memórias comuns, uma experiência maravilhosa, o espírito de um lugar muito especial».

A edição de 1.000 exemplares, com o arranjo dos designers «Metropolis S.A.», encontrar-se-á à venda na Livraria do Santuário de Fátima.

REITORES DE SANTUÁRIOS REÚNEM-SE EM FÁTIMA

Os Responsáveis dos santuários portugueses reuniram-se na Casa de Nossa Senhora do Carmo, em Fátima, nos dias 14 e 15 de Janeiro, naquele que foi o II Encontro de Reitores de Santuários de Portugal.

Trata-se de uma iniciativa nascida após um primeiro encontro ocorrido à margem do congresso anual da Associação de Reitores de Santuários (ARS) de França, que decorreu no Santuário de Fátima, a 16 de Janeiro de 2007. De acordo com o Padre José Melo, da Comissão Organizadora, este II Encontro tem como objectivo «reflectir sobre a pastoral dos santuários em Portugal e a sua relação com a vivência da fé na nossa Igreja, tendo em conta que os santuários ocupam um espaço importante na vida dos cristãos».

NOVO BISPO COADJUTOR DE VILA REAL

D. Amândio Tomás, novo Bispo coadjutor de Vila Real, ordenado Bispo em Roma por João Paulo II, a 6 de Janeiro de 2002, é oriundo de Cimo de Vila da Castanheira, em Chaves, onde nasceu em 1943. Natural da Diocese de Vila Real é nela que fica incardinado ao ser ordenado presbítero em 15 de Agosto de 1967. O seu percurso académico leva-o até Roma à Universidade Gregoriana e ao Instituto Bíblico, locais onde se licencia em Teologia e em Ciências Bíblicas respectivamente. As novas habilitações académicas fazem com que passe pela docência no seminário de Lamego e na Faculdade de Teologia na Universidade Católica no Porto. Porém é em Roma que D. Amândio acaba por desenvolver a maior parte da sua actividade. Vice-Reitor do Colégio Português em 1976 e Reitor daquela Instituição desde 1982, permanece em Roma até 5 de Outubro de 2001, o dia em que João Paulo II publicou a sua nomeação para Auxiliar da Arquidiocese de Évora.

No actual triénio, D. Amândio Tomás é o delegado da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) na Comissão dos Episcopados da Comunidade Europeia (COMECE).

NOVO ARCEBISPO DE ÉVORA

O Papa Bento XVI, nomeou D. José Francisco Sanches Alves, até ao momento bispo de Portalegre-Castelo Branco, como novo arcebispo de Évora (Portugal). O pontífice aceitou a renúncia do arcebispo D. Maurílio Jorge Quintal Gouveia, que esteve à frente da arquidiocese portuguesa nos últimos 26 anos, por razões de idade.

O novo Arcebispo de Évora é natural da Diocese da Guarda. Nasceu a 20 de Abril de 1941, na freguesia de Lageosa (Sabugal). Estudou Filosofia e Teologia nos seminários da Diocese da Guarda. Em 1966, a 3 de Julho, foi ordenado presbítero na Catedral de Évora. Em Roma fez o Curso de Ciências da Educação, na Pontifícia Universidade Salesiana, onde obteve o doutoramento em Psicologia. A sua actividade pastoral passou, primeiro, pela Arquidiocese de Évora, onde foi pároco, professor, reitor, entre outras atribuições. A 7 de Março de 1998 foi nomeado Bispo auxiliar de Lisboa, com o título de Gerginiana. A ordenação episcopal celebrou-se em Évora, a 31 de Maio de 1998. Desde essa data, o seu trabalho pastoral decorreu no Patriarcado de Lisboa onde, além de outras actividades, era Vigário Geral e Moderador da Cúria. A 22 de Abril de 2004 foi nomeado por João Paulo II como Bispo da Diocese de Portalegre-Castelo Branco. É vogal do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa e, desde 11 de Abril de 2002, preside à Comissão Episcopal de Acção Social e Caritativa, hoje Comissão Episcopal para a Pastoral Social.

SÍNODO DOS BISPOS

A preparação do próximo Sínodo dos Bispos está a desencadear várias iniciativas para a promoção da Palavra de Deus. Vários bispos e as próprias conferências episcopais escolheram como programa pastoral temas relacionados com a Bíblia.

“A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja” é o tema da XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que vai reunir, no Vaticano, entre os dias 5 e 26 do mês de Outubro, o episcopado mundial.

O tema para o Sínodo, está estreitamente relacionado com o do precedente, “A Eucaristia: fonte e cume da vida e da missão da Igreja”, porque a Palavra de Deus é um dos “dois banquetes” da celebração eucarística.

Todo o material recolhido será examinado pelo Conselho Ordinário da Secretaria Geral do Sínodo, formado por quinze membros, dos quais doze são eleitos pelo anterior Sínodo e três nomeados pelo Papa, entre os dias 22 e 23 de Janeiro, visando à redacção do *Instrumentum Laboris*, que servirá como documento de aprofundamento e reflexão para toda a Igreja.

O Papa nomeou relator geral o cardeal Marc Ouellet, arcebispo de Quebec (Canadá),

ENCONTRO DE RESPONSÁVEIS DA PASTORAL FAMILIAR, FÁTIMA 19 DE JANEIRO

“Cada um de nós e a Igreja, dentro dos diversos movimentos que se ocupam da família, nas áreas sociais e educativas, se temos valores não os podemos calar”. Este foi o apelo que D. António Carrilho, Presidente da Comissão Episcopal do Laicado e Família fez a todos os participantes, entusiasmando-os a anunciar os valores de que estão convictos e deixando para trás o “medo ou a vergonha de apresentar os seus princípios e valores” e acrescentou “não podemos deixar de propor um projecto que consideramos ser importante e ser fonte de alegria, paz e felicidade para as famílias... não se pode desistir, mas antes avaliar e perceber o que se pode ir fazendo, com a criatividade que é exigida em tempos novos que nós vivemos”.

Este caminho passa por uma “concertação e entendimento entre os movimentos e os responsáveis”, aponta. Daí a importância de, todos os anos, congregar todas as pessoas responsáveis no campo da pastoral familiar, seja nas dioceses, ou nos movimentos de âmbito nacional.

“Cada movimento tem o seu objectivo, carisma próprio e finalidade específica, mas é bom haver uma articulação com a actividade territorial, que neste caso é a diocesana”, apresentou o Bispo. Muitos movimentos têm assento nos conselhos diocesanos de pastoral familiar, “mas é importante que a nível nacional exista uma sinfonia quer de perspectivas quer de projectos”.

MAPUTO

LUÍSA E LUÍS SANTOS PEREIRA

Interpelações do lugar



Viver a memória do passado para ajudar a fazer feliz o presente!

Desta vez, Maputo. Uma visita em diferido, com a Luísa lá, para um Seminário sobre Língua Portuguesa, e não só, como se verá, e o Luís na regularidade da sua vida irregular, com trabalho em Lisboa e pelo mundo fora.

Duas particularidades: uma, ocasional – o nosso filho Tiago estava lá a terminar uma semana de trabalho – e outra, prevista, o reencontro com a nossa filha Ana, para uma *primeira* visita à terra onde nasceu.

Em resultado, vem a correspondência (a facilidade da internet e dos mails...), que foi a maneira de estar

um com o outro, de viver esta experiência em conjunto.

– Cheguei agora de jantar com o Tiago. Fomos à Costa do Sol. As amêijoas de entrada e um prato misto de mariscos com camarão, lagostim, lulas e peixe, tudo grelhado. O hotel é bom e simpático, não muito grande e dá para estar à vontade e trabalhar bem.

Regressar 40 anos depois! Para mim, já é tudo pouco mais que bruma... Está mesmo muito longe!

– Tudo é bruma num reencontro. Nada é como era e tudo parece ser o

que era. Recordo tudo, a nossa avenida, o luna park, os estádios das tra-seiras, as acácias vermelhas, a Igreja da Polana, o jardim, a praça da Catedral, o comando naval, a 7 de Março, o porto, a marginal e a praia, mas fica tudo sem se perceber bem onde era em relação à nossa casa. Esta lembro-a bem, as divisões. os móveis, as decorações (poucas mas algumas), as pessoas, tu em particular, o Luís e a Ana, as nossas conversas e discussões, as sestras, sei lá.



Ainda bem que começaste com o Tiago. É um conforto imenso estar num sítio novo, ou de novo, com quem se ama. O Tiago não faz parte das recordações de há 40 anos mas

faz parte da nossa vida desde há quase 40 anos e é como se já existisse então.

– Dizes muito bem o que se sente!
É isso mesmo!

Já dei umas pequenas e poucas voltas pela cidade. Percebi palpavelmente que, para além da guerra colonial, que não teve grande impacto no aspecto da cidade (pelo menos do que me lembro, que, aliás foi no princípio da guerra), a guerra civil só acabou há 12 anos e que durante esse tempo a cidade estava mesmo sitiada. Só podiam ir a outro ponto do país de avião! E as condições chegaram a níveis mínimos de subsistência. Das duas situações, aparece uma cidade agradável e arejada pela sua situação à beira-mar e pelo seu traçado, mas bastante, para não dizer muito, degradada.

É essa a expectativa possível. Não se pode esperar mais. As pessoas que cá ficaram ou as que cá vivem desde há alguns anos dizem que é substancial a evolução mais recente.

A minha impressão geral é de me sentir bem, não tenho medo de andar na cidade, de dia, claro, e por onde anda gente. É agradável, porque anda muita gente nas ruas e uma pessoa sente-se no meio da vida da terra. E é essa a maior diferença que encontro: uma cidade de moçambicanos, quando antes era uma cidade de europeus.

A nossa casa ainda existe, com o mesmo 1020. Mais estragada, claro. Hoje dei uma voltinha com o Tiago

ao fim da tarde, desde o hotel dele, pela beira-mar, traseiras do comando naval, esquina do Scala e volta. As impressões são muitas, tudo tem muita diferença. Mas é muito bonito ver a vida da cidade. Tem magia!

– Que pena não fazeres fotografias. Daria para ver como está hoje. Mas o Tiago algumas terá feito e a Ana muitas fará. De qualquer forma não se consegue fotografar a memória. e é na memória que está a cidade que foi nossa por dois anos. A cidade que lá está hoje é outra, as pessoas são outras, não se lhe reconhecem os cantos. Essa cidade mudou forçosamente e 40 anos são muitos anos, duas gerações. Deixou de ser uma cidade europeia em África para passar a ser uma cidade africana.

Engraçado é falares de magia! Certamente há a magia da cor, dos cheiros, dos sons. Há a magia das gentes, das capulanas, das cores garridas com que elas se vestiam e certamente ainda se vestem. Mas sobretudo há a magia dos nossos tempos aí, que ajudaram a construir-nos uma vida com mais 40 anos felizes e de ultrapassagem das dificuldades. Há a magia de um bebé que aí chegou e cresceu, irrequieto e feliz, a correr passeios com pé acima, pé abaixo, a descobrir o mundo e a fazer-nos descobrir outro mundo. Há a magia da filha que aí nasceu e foi crescendo, e daí saiu ainda bebé querida. Há a magia dos amigos, o Luís em particular. Há a magia das pessoas que connosco conviveram, o Domingos e a sua Elisa Luísa, o Alfredo que queria crescer ainda, o Alberto que to-

mava distâncias. Esta magia é o que te faz enlaçar o passado e o presente e, talvez, olhar um pouco para longe.

Ontem veio cá jantar a Marta e comemorámos o contrato do Afonso. Soube muito bem! Lembrámos-te! E às tuas/nossas preocupações pelo futuro dos filhos! Naqueles tempos esse futuro não saltava à vista, só o imediato das tosses, gripes, sarampos, braços partidos. Era um futuro muito próximo. É engraçado como o tempo nos vai apresentando um futuro sempre mais alargado!

– Fazes chorar as pedras da calçada, quanto mais uma mulher!

Realmente a magia é o enlaçar o passado e o presente, tens razão. E ainda para mais com o Tiago aqui no meio disto tudo! Encontrar um filho do outro lado do mundo! E eu que o deixei no aeroporto uma semana antes. O que sentirão as pessoas que só se reencontram com os filhos ou pais ou... anos e anos depois?!?!...

Mas a magia também vem de ver a cidade cheia de africanos, no seu movimento de pessoas que têm o seu trabalho de profissões de todos os tipos, pessoas que passeiam, que namoram, que estudam, que andam nos chapas ou nos seus carros, que estão nos restaurantes, pessoas com quem nos cruzamos e ouvimos a falar em português entre eles. Um português, aliás, bem próximo do nosso.

A magia vem também de saltar logo a comparação com o desejo que os filhos têm e nós já tivemos de nos emanciparmos, de vivermos a nossa

vida, orientada por nós próprios, mesmo que muitas vezes com sacrifício do bem-estar do “ninho” da infância.

Ainda bem que festejaram o contrato do Afonso! É sempre muito bom ter com quem partilhar a celebração de datas! Agora há-de aproximar-se a conclusão do curso! Que Deus os acompanhe!

– Mais um dia. Desta vez sem bom dia. Vai uma boa noite.

A nossa troca de e-mail já me deu a deixa para a próxima Carta. Mas só depois de S. Paulo. Preciso que me contes, preciso de imagens, preciso de pôr a memória em ordem! Preciso de viver recordações!

– Tem graça que também achei que o e-mail que me enviaste estava mesmo uma boa base para a Carta. Naturalmente não é por acaso...

Ontem deu-me a ideia de ter falhado a tua partida para o Brasil, mas hoje lá me lembrei de que só irás amanhã, portanto, ainda vou a horas. Boa viagem, que te corra tudo bem e que encontres bem a família! Dá-lhes a todos muitos beijinhos! E muitos parabéns ao Frederiquinho pelo dia da sua Primeira Comunhão! A Avó vai lembrá-lo na Missa do próximo Domingo e vai rezar em especial por ele nesse dia! Até pode ser que seja à mesma hora! Desejo que o Frederiquinho passe o dia da Primeira Comunhão muito bem e muito feliz e que seja uma data que marque na sua vida! Espero que ele fique contente com a presença do Avô!

– Estou de volta. Estranha sensação esta da tua ausência! Todos estes dias pensei muito em ti, muito mesmo. Foi excelente! O Frederiquinho gostou imenso que eu estivesse presente, a ajudar a fazer festa! Ele não só sabia muito bem o que era fazer a Primeira Comunhão como viveu o dia em festa! Que bom e que bom eu ter conseguido estar.



A estas horas já a Ana está contigo e já te terá contado como foi. Depois contas-me como foi esse encontro da Ana com a sua terra! Estou “em pulgas” por saber. Divirtam-se e gozem estes poucos dias como dias únicos. Único é único!

– Realmente foi uma excitação! A véspera, a manhã, a hora da chegada! Outra emoção! Fui no carro do hotel ao aeroporto e dou com a “varanda” a funcionar! Diferente, mas parece-me que na base é a que lá estava. Pareceu-me reconhecer a escada por onde o Luís descia e subia. Com o espaço exterior magnífico, calor mas vento, uma pista limpa e arranjada, uns cinco aviões distantes, em pontos circundantes, como se fossem para museu.

Desci e já a Ana estava no guichet do passaporte! Lá nos encontramos! Os beijinhos, os abraços! A lágrima no olho foi a aterragem, vê lá!

De facto, o momento mágico é a chegada, o reencontro! É quase como se tivesse havido um vazio entre Setembro de 1968 e Novembro de 2007 e nos rencontrássemos agora! Realmente, em relação a este espaço, foi assim! E vê-la pisar a terra onde nasceu é especial! Foi das primeiras coisas que disse, foi agradecer isso!... E também a ti, claro!

Os dias estão bonitos, com bom sol, e deu para entrar na cidade com uma luminosidade muito boa, de uma transparência rara e magnífica. O Índico, pela primeira vez, disse logo a Ana! Começámos pela igreja da Polana, onde a Ana foi baptizada, um monte de fotografias, depois já o sol estava mesmo a pôr-se (nas núvens de fim de tarde, sobre o horizonte) e

fomos tomar um refresco ao jardim do hotel Cardoso. É espantosa a vista, muito ampla, a cidade centro, porto, estuário, baía... Chegámos à hora certa, com sol, com meio sol, sem sol, já noite... e para conversar com tempo, sobre a nossa passagem aqui, sobre cada um de nós, tu, eu, o Luís, a Ana, a Avó, o Domingos, o Alfredo, o Alberto, a Marinha, os não fins-de-semana, os passeios... e mais... porque a hora era igual para ver a cidade de noite.

Foi um sonho!

– Que bom! Fico tão contente, emocionado!

Como em sonho, vivi isso tudo de longe, sobretudo vivi a vossa emoção, alegria, contentamento, quase surpresa. Agora fico à espera, devagarinho, dessa reportagem de amor. É tão bom!

Gozem bem estes dias curtos mas façam-nos longos!

Adorei a viagem a Moçambique...foi único sentir onde tinha nascido... quem sabe se os destinos não ficam meio definidos logo à nascença? Meio errante, mas muito enraizado naquilo que é mais forte, a família, o ambiente que nos rodeia, sem deixar de abrir os olhos para o mundo, que é grande e diferente, e pelo menos tentar aprender alguma coisa com isso???

Viver a memória do passado para ajudar a fazer feliz o presente!

Quantos lêem a **CARTA?**

Diga-nos “Eu li a carta” e veja
o resultado no próximo número.

(Carta de Novembro: 13)

Responda por favor
por e-mail: **ens@ens.pt**
telefone: **21 842 93 40** ou
correio: **Av. Roma 96, 4º Esqº,**
1700-352 Lisboa



Equipas de Nossa Senhora

50 ANOS DA PORTO 1 E DA PILOTAGEM DA PORTO 2

TERESA E JOSÉ MANUEL RAMOS



Como é bonito poder olhar a evolução do Movimento e ver como a acção de Deus pode desenvolver e dar um sentido novo a tantas pequenas (ou grandes?) acções humanas marcadas pela fé.

No dia 1 de Dezembro, na Casa Diocesana de Vilar, equipistas da Região Porto reuniram-se para festejar os 50 Anos da Porto 1 e da pilotagem da Porto 2.

Foi um grande momento de celebração e acção de graças. Como é bonito

poder olhar a evolução do Movimento e ver como a acção de Deus pode desenvolver e dar um sentido novo a tantas pequenas (ou grandes?) acções humanas marcadas pela fé.

Depois de o Casal Regional ter acolhido e dado as boas-vindas aos par-

ticipantes, a sessão começou com o testemunho da Porto 1, apresentado pelo casal Susana e Carlos Sousa

Guedes, do qual sublinhamos: o início do Movimento e a sua difusão, a pilotagem da Porto 2 e de outras equipas, o contacto e apoio do Sr. D. António Ferreira Gomes, as pilotagens fora do Porto, a criação da Região de Portugal em 1964, de que foram os responsáveis e o empenhamento no serviço ao Movimento até aos dias de hoje.

O Padre Agostinho Leal, Conselheiro Espiritual da Equipa, enalteceu as qualidades invulgares desta que será sempre a “sua” equipa.

A história da Porto 2 foi apresentada pelo casal Maria José e Rui Cunha. A Equipa dedicou-se especialmente a dois projectos fortes: pilotagens no Porto e fora do Porto e CPM em quatro dioceses. Participou na ECIP e nos Encontros de Equipas Novas e iniciou a Equipa de Apoio Familiar e o Tempo de Esperança. Muitos casais foram quadros do Movimento e a Equipa está na origem da repilotagem. Foi destacada a importância da mística do Movimento no serviço às Equipas e à Igreja.

O CE da Porto 2 é o Frei Bernardo Domingues, no Movimento em Portugal, há cerca de 40 anos. Referiu uma novidade na Igreja nos anos 50:

o apelo à acção dos leigos casados. É em França, em 1953-1954, que tem os primeiros contactos com o Movimento



to, em funções de CE. Em Portugal a sua acção nas ENS começou a estender-se, sobretudo após um retiro com a Porto 1, em que lhe pediram para falar sobre amor e casamento. Desde então tem acompanhado muitos casais e Equipas e produzido numerosos textos sobre a construção da felicidade/santidade em casal. Foi curioso saber ter sido ele a redigir o documento de base das EJNS, depois traduzido em França para o Movimento a nível internacional.

Nesta festa estiveram o Casal Supra-Regional e o Casal da Província Norte Centro.

A Ana e o Vasco Varela exprimiram o seu regozijo por esta merecida homenagem e falaram no actual estado de cansaço espiritual da Região Porto, que se manifesta de várias maneiras: presença pouco numerosa dos equipistas do Porto naquela comemoração e dificuldade em se arranjar



Porto 2

responsáveis de sector. Abordaram a riqueza dos textos do Padre Caffarel, que muitos actualmente desconhecem, e fizeram um apelo forte a que sejamos construtores do Movimento e não inquilinos.

A Donzília e o Felisberto Eira saudaram as duas equipas festejadas e disseram acreditar numa mudança possível na Região Porto.

O Senhor Bispo D. António Taipa participou em toda a festa, tendo encerrado a sessão e celebrado a Eucaristia final.

Na sua riquíssima homilia, o Senhor D. António referiu-se ao tempo em que vivemos como o espaço entre a primeira vinda de Jesus e a definitiva e como este Jesus quer caminhar connosco dando pleno sentido a todos os nossos passos. Das suas palavras permitimo-nos destacar: "... queremos entender as ENS como um grande dom de Deus, como uma graça do Espírito Santo concedida

em favor da Igreja e por ela à humanidade, na sua caminhada para o encontro definitivo com o Filho de Deus.

Esta é a razão da nossa presença aqui. Viemos agradecer ao Senhor essa graça. Significar a nossa gratidão por tão grande dom. Cinquenta anos de vida. Cinquenta anos ao

serviço da sua vocação e da sua missão."

A Eucaristia foi concelebrada pelo Padre Agostinho Leal e pelo Frei Bernardo Domingues. Apareceu um maior número de equipistas, sendo um momento forte de acção de graças, preparado pelas Equipas homenageadas, com a ajuda das EJNS nos cânticos.

No intervalo da sessão houve um lanche com convívio animado, assim como uma exposição de fotografias e documentos relacionados com a vida das duas Equipas.

Tal como referimos na abertura da sessão, e face a tudo o que o Movimento hoje é em Portugal e se pode ligar com o arranque e dedicação das duas Equipas, Porto 1 e Porto 2, temos bem consciência da modéstia da homenagem prestada, superada, é certo, pela admiração e sentimento de gratidão que nos vai na alma e nos irmana a todos.

Às Equipas de Nossa Senhora

Lisboa

Porto, Outubro de 2007

Prezados amigos,

A nossa Equipa - Porto H 12 - existe há perto de 46 anos, pois nasceu em Fevereiro de 1962, tendo ainda, a funcionar em pleno, três casais da primitiva. Constituímos, portanto, uma equipa suficientemente rodada.

Plenamente inteirados das “obrigações” que nos eram propostas, procurámos cumpri-las desde o início, embora com os normais altos e baixos. Mas uma obrigação que *sempre* foi “sagrada” para nós e a do pagamento da cotização anual. Compreendemos perfeitamente que só assim o Movimento pode existir e sobreviver - e ser útil - pois é necessária a organização de todos os seus serviços de apoio, divulgação, distribuição de documentos (com a correspondente tradução e ou feitura de textos, artigos e doutrina, nas paginas das suas publicações), a preparação de retiros, jornadas, encontros e outras actividades, etc., etc.

Porque considerámos sempre a indispensabilidade da nossa contribuição - da qual todos usufruímos - nunca deixámos de a cumprir. Até aconteceu que, uma vez ou outra, um casal com momentâneas dificuldades económicas, não tenha contribuído pessoalmente, mas a Equipa lá esteve para suprir essa deficiência. De tal modo tem sido forte este sentido de responsabilidade, que chegou a haver um de nós que prescindiu das suas (mínimas) férias para não deixar de pagar aquilo que entendia ser sua dívida para com o Movimento.

Situado deste modo o problema, não nos podemos conformar, (e revoltamo-nos até), repudiando com veemência a posição das **“172 equipas com donativo zero em 2006”** (sic), pois é preciso que elas entendam que **estão a defraudar-nos**, a todos os que cumprem, obrigando-nos por vezes a esforços suplementares para eles beneficiarem da sua integração no Movimento, “sem mexerem uma palha”. Apetece perguntar: Quantos, dessas muitas centenas de casais, não fazem gastos supérfluos ou sumptuários? Quantos não deixaram de ir de férias? E quantos sentem remorsos por isso?

Ainda uma palavra, a terminar. É que também não nos conformamos com a leveza ou a prudência com que este facto é relatado na “Carta de Início do Ano”, de 1 de Setembro passado. É preciso denunciar com vigor. **Exigir**, mes-

mo, o pagamento devido, e publicitá-lo, se for necessário. Depois, agir em conformidade e sem tergiversações, caso não haja eco da parte dos faltosos. Não é no Apocalipse que nos é dito **“Porque não és quente nem frio, te vomitarei da minha boca”**? Então, por que se espera por sermos quentes a sério?!

Um abraço da Equipa Porto 12.

Padre João Santos, S.J.
Rosa e Vitorino Fonseca,
Maria Helena Cardoso,
Maria Luísa e Damião Aguiar,
Paulina e José Domingues dos Santos,
Maria da Graça e Carlos Carvalho Dias

CARTA ABERTA DE RESPOSTA À EQUIPA PORTO 12

Queridos amigos,

Recebemos a vossa carta de Outubro e como já não foi a tempo da Carta periódica de Novembro, respondemos na Carta de Fevereiro.

Bem hajam pelo vosso testemunho de fidelidade ao espírito do Movimento. Compreendemos bem a vossa indignação, que é também a de muitos outros casais aos quais deram voz. De facto, embora seja um problema que está a melhorar, não é assunto resolvido pois ainda há muitas equipas que não se quotizam. No final do ano, ainda faltava receber no Secretariado a quotização de 138 equipas ... Ora *“é importante que os membros das ENS contribuam com uma quantia anual (quotização) ... a fim de que o Movimento possa cumprir a sua missão junto dos casais ... sugere-se que se contribua, por ano, com o equivalente a um dia de trabalho do casal... a ausência de meios financeiros não deve jamais ser um impedimento à participação de quem quer que seja nas actividades do Movimento.”* (Guia das ENS). Também na CARTA Fundadora (1947) e no Complemento à CARTA (1976), o mesmo princípio já era afirmado.

É importante que se saiba que a verdadeira dimensão deste problema se tornou mais evidente este ano, quando o Secretariado Nacional começou a ter dados históricos provenientes do novo sistema de controlo de quotizações. Ficámos despertos para este problema das equipas com quotização zero em anos seguidos dado podermos saber com exactidão, equipa a equipa, qual a situação. Evidentemente, a necessidade pelo controlo rigoroso das quotizações é indispensável, para podermos assegurar uma completa transparência

aos equipistas que contribuem com os seus donativos. Claro que tratamos esta informação com a máxima discrição e que temos a natural preocupação pela boa gestão daquilo que é de todos. O orçamento anual, o relatório e contas, são aprovados no plenário da Equipa da Supra-Região e são publicados na Carta periódica.

Para além das despesas normais que o Movimento sempre teve, foi decidido, em 2005, reforçar dois projectos: Formação África e Produção de Documentação. São dois projectos que têm consumido muitos recursos, mas que temos podido desenvolver graças à generosidade dos que contribuem. E, felizmente, os primeiros resultados já estão à vista: Em três anos as Equipas de língua Portuguesa em África voltaram a duplicar (ultrapassam hoje as 200 equipas) e foram produzidos cinco novos manuais, oito cadernos do método das ENS, uma edição especial da Carta Fundadora, para além das Cartas periódicas (três por ano) e suas separatas, dos temas do ano distribuídos a todos os equipistas, do novo Cartaz e Folhetos promocionais do Movimento e do novo Cartão da Reunião de Equipa.

É claro que muito mais se podia fazer se todos fossem como a Porto 12. Então porquê ser tão brando?

Em primeiro lugar temos de nos interrogar sobre a culpa dos responsáveis do Movimento neste estado de coisas. Começando pela Pilotagem, será que os pilotos dessas equipas souberam explicar bem o problema ou por “pudor” o aligeiraram ou mesmo o escamotearam? Será que os responsáveis de Sector, de Região e da Supra Região fizeram o que deviam na informação, sensibilização e exigência? Temos que assumir uma parte da culpa e pelo que nos toca *“mea culpa”*.

Há que sensibilizar as equipas e os equipistas para o problema. Temos de fazer a pedagogia da partilha, em todas as suas dimensões, ajudando os casais a crescer para Cristo, a caminhar para a Santidade, a ser mais casal cristão. Esta é a principal missão do Movimento. Mas quem caminha terão de ser os casais, o esforço terá de ser seu. Como ajuda que somos, lembramo-nos sempre das palavras de S. Paulo: “A caridade é paciente, é bondosa...tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1 Cor. 13).

Mas, porque tudo cremos e esperamos, também temos de ser uma ajuda concreta, um alerta, um estar atento, não nos demitindo da nossa missão para com as equipas e discernindo a cada momento o sentido profundo do que nos é dado observar.

Só então será dado o passo seguinte, directamente com cada uma dessas equipas: “Se o teu irmão pecar, vai ter com ele e repreende-o a sós...” (Mt. 18, 15-16). Nada mais cristão que o face a face.

Um abraço muito amigo,

ANA E VASCO

A EXPERIÊNCIA DE DEUS CONNOSCO NA DOURO SUL



SÓNIA E MANUEL MARTINS

Temos a certeza que Deus esteve connosco na responsabilidade da Região Douro Sul. Não que Ele o tenha dito, mas porque o sentimos no nosso coração. Sentimos a paz e a tranquilidade, que se sente, quando as coisas são agradáveis a Deus. Tivemos altos e baixos, acertos a fazer entre o casal, tentações, desilusões, mas no fim sentimos alegria e felicidade. Assim, não resistimos a contar a “história de Deus connosco” (com licença do Padre António Vaz Pinto) aceitando que também as nossas fraquezas fazem parte do Seu plano.

Acabámos a responsabilidade do Sector de Gaia em Julho de 2002 que muito nos agradou e engrandeceu e o Martins recebeu a notícia de que teria de ser novamente operado ao coração. Fez a operação em Dezembro e, em Janeiro, recebemos a “prenda”, em forma de convite, pelos queridos Acácia e José Coelho para assumirmos a responsabilidade da Região Douro Sul. Sentimos um misto de alegria e medo. O nosso entusiasmo



Em favor da união da Região, o Senhor deu-nos o caminho, indicando-nos quem e quando convidar e para o que fazer.

pelas equipas era e é muito grande, mas o desafio era enorme e poucas as energias. A capacidade para a tarefa não nos assustou porque sabíamos que Deus capacita os escolhidos... se estivermos abertos a Ele e à tarefa! Após um período de reflexão, fomos impelidos a aceitar porque queríamos com o nosso trabalho agradecer

a Deus o facto de estarmos nas equipas e o quanto elas nos valorizaram e iriam valorizar. A um nível mais íntimo acreditávamos que durante esse tempo o Senhor não permitiria que algo de mal na nossa saúde acontecesse, em especial ao Martins.

Como responsáveis do Sector de Gaia, estivemos na Equipa da Região durante 3 anos até 2002. A realidade da Região num ano não se alterou muito, logo não gastámos muito tempo com o seu conhecimento. No Sector podemos escolher os casais de ligação e os outros com quem partilhámos as tarefas. Na Região não. Os casais da equipa mudam à medida que acaba a sua responsabilidade. Mas quis Deus que todos os RS que connosco trabalharam fossem muito queridos, com muito amor ao Movimento e com vontade de fazerem o melhor pelo seu Sector e pela Região. Não tínhamos um projecto, mas linhas mestras para lhes propor: **unir** a Região onde ainda se notavam algumas sequelas e isolamento, **ligar** vertical e horizontalmente (consideramos a ligação tarefa essencial, onde todos se possam conhecer e conheçam o “pulsar” e a intensidade do Movimento), **formar** sempre para não estagnar e **expandir**.

Nos anos anteriores já se tinham formado várias equipas novas, mas era necessário expandir ainda mais o Movimento para manter a vitalidade e o crescimento. Nós pensamos que se difundirmos a alegria de pertencermos às equipas, estas expandir-se-ão com facilidade. A Cidália e o Manuel Domingos aceitaram com ge-

nerosidade trabalhar na equipa de coordenação e informação e, desbravando caminhos desconhecidos, com muita dificuldade, à qual juntámos a graça de Deus e o trabalho dos RIP e RS, as equipas foram-se formando.

No início do ano fazíamos a agenda de actividades dos Sectores, onde propúnhamos que algumas, aí umas duas ou três por ano, se mantivessem de âmbito regional. Era bom para os casais conhecerem outros de diferentes Sectores e era bom também para os RS porque, com as tarefas da elaboração da actividade, formavam equipa uns com os outros. No início da responsabilidade todos nós sentimos medo mas fomo-lo perdendo à medida que fomos caminhando, fazendo e fazendo fazer. Perdemos o temor e ganhámos o amor. Ainda hoje nos sentimos todos como se fôssemos da mesma equipa (família) e, não podemos esquecer que, alguns só trabalharam em conjunto um, dois ou três anos. Foi muito bom ver a entreatajuda e a partilha de conhecimentos e preocupações entre os casais. No tempo dedicado à análise da vida das equipas e do Sector, foi agradável sentir os casais a viverem os problemas dos outros Sectores como se fossem deles próprios. Assim se formaram equipas novas com casais de diferentes áreas geográficas das originais e assim vimos, também, casais a pilotarem em Sectores que não eram os seus. Graças a Deus.

Demos muita importância à ligação, porque achamos que uma equipa mal ligada só tem dois caminhos: ou fica só como um grupo de bons amigos e

ou acaba. Sem ligação as equipas não participam em actividades de qualquer âmbito e também não expõem as suas dificuldades ou carências. Ao longo dos anos da nossa responsabilidade fomos propondo aos RS para implementarem o novo modelo de ligação que é sem dúvida o melhor meio de ligar. A mensagem passa com mais clareza e há partilha e conhecimentos entre os casais das várias equipas que estão a ser ligadas. Temos a percepção que à medida que este meio de ligação se foi propagando o número de casais participantes nas actividades de Sector, da Região e da Supra-Região foi aumentando. Pode não ter sido só pela ligação, mas foi-o em grande medida.

Em favor da união da Região, o Senhor deu-nos o caminho, indicando-nos quem e quando convidar e para o que fazer. Havia união, mas faltava a plena comunhão. Com a luz de Deus deu-se um grande incremento neste campo.

Foram muitos os acontecimentos vividos em casal e na equipa que guardamos com muita satisfação. Há, no entanto, dois momentos que queremos destacar que foram os encontros com os Conselheiros Espirituais, que fizemos em nossa casa e onde em cada uma das vezes estiveram cerca de vinte (50% da Região). A eles agradecemos muito, pois desde a nossa responsabilidade no Sector de Gaia, que todos nos acolheram e deram e dão o seu contributo às ENS. A percepção, foram aqueles que reconhecidamente não podiam mesmo. Que o Senhor os mantenha motivados para

a espiritualidade conjugal. Rezamos por isso, por eles e pelo resto da sua obra.

O nosso Conselheiro Espiritual, Padre José Manuel, foi para nós um conselheiro activo, participativo e “provocativo”, um entusiasta, um alfobre de novos casais para informar, sempre presente nas reuniões, nas actividades e nas preocupações. Quando começou a sua tarefa de CE na Região era CE duma equipa, mas quando acabou já era CE de mais duas! Agradecemos a Deus as maravilhas que nele operou e que nós sentimos com muita felicidade. Bem-haja.

Os nove casais que estiveram connosco deram-nos a conhecer como são variados e ricos os caminhos para Deus. Havia diferenças entre os membros do casal, mas que eram aproveitadas para enriquecer o trabalho. Havia diferenças entre os casais, mas que sempre foram encaminhadas voluntariamente para bem da equipa e da Região. O Movimento saiu mais rico com estes casais, mas estes também saíram mais fortes e felizes. Foi maravilhoso para nós vermos os casais, à medida que o tempo corria, cada vez mais entusiasmados com a tarefa que aceitaram. Tal como nós!

No arranque deste último ano, em que foi apresentado o novo RR, “com a casa cheia”, quisemos despedir-nos de toda esta grande família que levamos no coração e agradecemos ao Senhor, com eles, todo o trabalho feito. Através do Magnificat louvamos o Senhor pelas maravilhas que nos fez

sentir nestes quatro anos. Aproveitamos também e oferecemos, a cada casal da Região, um CD com alguns cânticos que animaram as celebrações realizadas. Damos graças a Deus pelas maravilhas que fez na Sílvia e Pedro (RS Esmoriz) e na Fernanda e Paulo Mota... que ainda não são das ENS, mas que estiveram na maioria das celebrações e gravaram o CD. Que Deus os recompense.

Para comemorarmos e deixar no coração os anos de trabalho (?) em conjunto na Região fomos em peregrinação (?) a Nossa Senhora de Guadalupe em Espanha. Todos num autocarro, aí fomos nós fortalecer a amizade, o casal e equipa e dar graças a Nossa Senhora pelos momentos vividos em conjunto. Deu para tudo: para oração, diversão, revisão de vida (como começou o namoro e entrada no Movimento) e até para saborear a doçura com que o novo casal responsável da Região aceitou a “sacanagem” da praxe que os “veteranos” lhe fizeram no hotel!

Ser RR é também fazer parte duma outra equipa de âmbito nacional: a Supra Região. Vivemos nela momentos inesquecíveis: pelos casais, pelas tarefas, pela formação recebida e pelo conhecimento mais profundo do Movimento que esta equipa nos proporcionou. Durante a nossa perma-

nência tivemos dois casais responsáveis pela SR: o casal Moura Soares (Tó e Zé) e o casal Varela (Ana e Vasco). Diferentes no estilo, mas ambos muito empenhados com as Equipas Nossa Senhora. Bons responsáveis e bons “chefes”. Sempre solícitos... solicitadores e carinhosos!

Assistimos à criação das Províncias (Norte e Centro, Sul e África) e com elas sentimos o inevitável efeito do crescimento do número de equipas e a consequente mudança de orientação com vista a uma maior eficácia. Diminui a coesão sentida quando todo o trabalho da SR era elaborado só por uma equipa, o que agora é dividido. Mas, não havia outro caminho. Reconhecemos que estivemos (e estamos) ao serviço, não só para nos sentirmos alegres com os amigos mas, sobretudo, com o fruto do trabalho que prestamos. A todos os casais que connosco partilharam a experiência chamada Supra Região o nosso obrigado. Que o Senhor mantenha neles a alegria do serviço e da amizade.

Agradecemos a Deus a luz que nos enviou (a nós e ao CE) na escolha e aceitação do casal nosso sucessor (com nada para herdar). Agradecemos a sua disponibilidade e continuamos a rezar por eles para que Ele os ilumine. Bem-haja.

FESTA DE REIS REGIÃO PORTO

LARURA E AROSO MAIA (MAIA 1)

A sabedoria, a familiaridade, o humor pedagógico são sinais constantes que nos marcam e nos ensinam.



5 de Janeiro. Dia de Reis e de Festa. Houve Eucaristia e Convívio. O Encontro foi em Vilar.

À chegada, os casais e as pessoas iam-se cumprimentando, extravasando a satisfação de se voltarem a ver depois de passado mais um ano e se começar uma nova etapa com a estrela da vinda do Menino que se anuncia em cada minuto da nossa vida.

A sala foi-se enchendo, foi-se enchendo. Não havia lugares vazios. E a alegria embelezava o rosto de todos os participantes. Havia uns mais atarefados, porque tinham a seu cargo a animação e o cuidado de ver que nada faltasse. E muito entusiasmo.

A pontualidade do início da Eucaristia fez-se sentir pelo sacerdote presidente, o Frei Bernardo, acompanhado pelo senhor Padre Cabral, duas presenças serenas, simpáticas e profundamente comprometidas.

Os cânticos foram da responsabilidade de uma equipa coral da Maia, presidida pelo Nuno, conceituado

maestro. Harmonizaram a cerimónia e contribuíram para a união festiva.

As crianças sentiram-se à vontade e participaram felizes.

A homilia, além de nos informar também nos formou e convidou à continuação do empenhamento, da partilha, da generosidade e da disponibilidade para servirmos nos desafios que nos forem solicitados e necessários nos cargos da estrutura do Movimento.

Soube-nos muito bem a referência à Maia: é uma nação. É que a Maia também foi a dinamizadora da Eucaristia e do convívio.

A sabedoria, a familiaridade, o humor pedagógico são sinais constantes que nos marcam e nos ensinam.

Houve a passagem de testemunho de alguns Sectores, aguardando-se para breve o preenchimento para os que ainda não têm ninguém e agradecendo a disponibilidade aos que saíram.

No fim, no momento da Acção de Graças, a Teresa Mandim proferiu uma bela oração à Mãe do Menino e a Laura, em nome do casal, pediu também ao Menino que enviasse, a nível pessoal e dos sectores, casais para pertencerem a este Movimento de Espiritualidade Conjugal, de Felicidade e Santidade. É preciso rezar e pedir ao Padre Caffarel para que, ao estar bem mais perto de Nossa Senhora, lhe segrede o nosso desejo e nos ensine a ser orantes como ele e exigentes.

Foi muito bonito, aquando da leitura, confirmar a sala completamente cheia e colorida pelos rostos atenciosos, risonhos e contentes.

A concelebração com o Sr. Padre Cabral foi muito acarinhada.

Todos os presentes e participantes merecem votos de um Ano cheio de esperança e de boa semente com boa colheita nas suas actividades e desempenhos.

E deste nosso jeito entregamos ao Menino ouro, incenso e mirra.

TESTEMUNHO

LISBOA 3

A Lisboa 3 das Equipas de Nossa Senhora conta com mais de 50 anos de actividade continuada, sendo alguns dos seus membros elos da cadeia dos Intercessores, os quais mostraram aos outros um pequeno testemunho inserido na página dos Intercessores de Julho passado, que a todos muito agradou e quisemos fazer vosso.

Assim, a Lisboa 3 composta de um Conselheiro Espiritual, 3 viúvas e 3 casais, tendo os 9 leigos a idade média de 87 aos, continua a reunir mensalmente, com Missa, partilhando com grande amizade, os vários percursos vividos no mês que passou.

Temos sempre presentes as 14 pessoas que pertenceram à Lisboa 3 e que já partiram para o Pai, bem como aqueles que conduzem os des-

tinhas das queridas Equipas de Nossa Senhora.

Não tendo já o fôlego de outros tempos, nem a possibilidade de nos deslocarmos, iremos fixar a nossa acção na Oração e na Carta das Equipas, a qual nos traz a alegria de saber que o Movimento continua vivo e em escala ascendente.

Somos pois uma Equipa muito antiga e um tanto especial, que não podendo “sair do seu cantinho”, se dedicará de alma e coração à oração, baseando-se não só no Movimento das ENS, mas também nas Cartas aos Intercessores.

Gratos pelo muito que recebemos e até quando Deus queira.

H. Dolimier Falgueiro Pinto Leite

2.º ENCONTRO NACIONAL DE FORMADORES

ANA E VASCO VARELA

*“CONHECER CAFFAREL
PARA O DAR A CONHECER”*

O 2.º Encontro Nacional de Formadores realizou-se **em Fátima, em 12 de Janeiro de 2008**, durante a reunião da Equipa da Supra-Região (SR), com início às 11 horas.

O tema do Encontro corresponde à preocupação: **Conhecer Caffarel para o dar a conhecer**, ou seja, como podemos dar a conhecer aos casais o pensamento e a obra do Fundador?

Após o acolhimento e umas palavras de enquadramento do casal Supra-Regional, os participantes dividiram-se em Equipas Mistas por tipo de Formação em que estão integrados.

Os trabalhos desenvolveram-se em três encruzilhadas à volta dos temas: “Conhecer Caffarel”, “A Formação que damos” e “Dar a Conhecer Caffarel”.

Ao fim da tarde celebrou-se a Eucaristia em conjunto com a Supra-Região. Também nas pausas e refeições ainda houve tempo para a partilha e aprofundamento do conhecimento entre formadores e os membros da Equipa da Supra-Região.

As conclusões do Encontro foram de várias ordens:

1. Recomenda-se que:

- Se aposte na qualidade das formações;
- Se organizem sessões de formação de formadores;
- Se dê a conhecer os textos do Padre Caffarel aos casais formadores;
- Se organizem Encontros de Formadores também a nível das Províncias;
- Se dê mais tempo à parte testemunhal das apresentações do que à “teórica”;
- Sejam introduzidos os Editoriais do Padre Caffarel nos Cadernos de Pilotagem;

- Sejam introduzidos textos do Padre Caffarel nas diversas sessões de formação organizadas pelo Movimento;
- Seja equacionada a problemática da formação cristã de base dos casais novos e procuradas respostas adequadas;
- Se repense o *Babysitting* como actividade para os filhos, contribuindo para os integrar com as actividades dos pais;
- Se continue a apostar no novo método de pilotagem que tem tido bons resultados, pois tem-se sentido que as pilotagens têm melhorado em qualidade desde a sua implementação em 2001;
- O período de serviço das Equipas Formadoras seja de 4 anos em vez de 3.

2. Sobre os Encontros de Equipas Novas, recomenda-se:

- A realização de reuniões prévias com os casais piloto com bastante antecedência, pois são muito benéficas;
- Que se dê mais tempo às reuniões de equipas mistas, que devem ser iniciadas por uma explicação cuidada já que são uma experiência nova para estes casais.

3. Sobre as Sessões de Formação I, recomenda-se que:

- As Sessões de Formação I mantenham a duração de 4 dias, para permitir um clima propício à produção dos resultados esperados;
- Reuniões de equipas mistas sejam iniciadas por uma explicação cuidada já que são uma experiência ainda pouco habitual para estes casais.

Foi um dia cheio para o qual contámos com a presença tanto de casais ao serviço como de casais cessantes, tendo saído todos **mais ricos em experiência e mais preparados para a Missão.**



rita e David Duque (Casal Regional de Sintra)

Mais de 50 casais viveram um forte momento de unidade e de comunhão do nosso movimento.

Correspondendo ao desafio proposto pela Supra Região, a Região Sintra realizou no dia 8 de Dezembro, pelas 17 horas, na Igreja de Rio de Mouro, Nossa Senhora da Paz, uma Eucaristia presidida pelo Conselheiro Espiritual da Região, Sr. Padre Mário Pais.

Mais de 50 casais viveram um forte momento de unidade e de comunhão do nosso movimento, evocando e dando graças a Deus pelos 60 anos da Carta.

Sábiamente o Padre Mário fez a ligação entre a carta de S. Paulo aos Romanos *“Tudo o que outrora foi escrito, foi escrito para nossa instrução, para que, pela nossa constância e pelo conforto espiritual das Escrituras, tenhamos firme esperança”*, com o Discurso do Padre Caffarel, feito em Roma em Maio de 1959, para 1.000 casais, destacando e citando mesmo alguns dos seu pontos.

Citando Henri Caffarel, *“Então perguntei a mim mesmo porque não propor uma regra aos cristãos casados desejosos*

EVOcando OS 60 ANOS DA CARTA

8-Dezembro-2007



de progredirem espiritualmente? Não uma regra de monges, mas uma regra para os leigos casados.

Que orientações devia ter essa regra? Mais mística... mais jurídica... estabelecendo obrigações? Teríamos, sem dúvida, que abraçar os dois aspectos. É por esse motivo que a vossa regra – a CARTA das Equipas de Nossa Senhora – numa primeira parte fixa o objectivo que pretendemos alcançar e, numa segunda parte, os meios – método e obrigações – para os atingir”.

Dentro destas obrigações, destacou a relevância da **oração conjugal e familiar**, a oração na **equipa**, o grande momento da reunião, salientando também, para além do dever de se sentar, a **entreaajuda no casal**, a **entreaajuda** na equipa, **entre os casais**, que segundo o nosso fundador, é uma das razões de ser das Equipas.

Para nós casais ali presentes, foi um momento para agradecer a Deus este profeta que nos foi dado, a quem o Espírito soprou e fez intuir esta dinâmica da espiritualidade conjugal, esta graça de sermos casais ENS, mas também relembrar-nos a proposta de exigência contida na carta fundadora, exigência que foi também o “pano de fundo” do Encontro Nacional em Fátima no passado mês de Novembro, exigência a ser vivida



nos vários domínios da nossa vida. Certamente se a vivermos na nossa vida em casal, mais facilmente a aplicaremos ou a viveremos também nos vários domínios da nossa vida, como pais, como profissionais, como cidadãos.

SANTIAGO DO CACÉM 1 APOIA A MISSÃO ALENTEJO

ISAURA E MANUEL CRUZ (SANTIAGO DO CACÉM 1)

No dia 18 de Janeiro de 2008 deslocaram-se ao Alentejo – Santiago do Cacém – o casal Supra-Regional Ana e Vasco Varela, acompanhados do Sr. Padre António Janela (Conselheiro Espiritual da Supra-Região) e do Sr. Padre Vasco Pedrinho.

É reconhecido pela Igreja que o Alentejo é uma “Terra de Missão”.

Foram recebidos pela ENS Santiago do Cacém 1, pelos Sr. Padre Magalhães (Conselheiro Espiritual), Sr. Padre Manuel (pároco de Vila Nova de

Santo André), Sr. Padre Pereira (pároco de Sines), Sr. Padre Dário (pároco de Alvalade do Sado e Ermidas do Sado), e também pelo Sr. Padre Domingos (Vigário Geral da Diocese de Beja).

Esta visita inseriu-se dentro dos planos que o casal Ana e Vasco que o tinham proposto efectuar, conforme anunciaram no Encontro de Abertura das actividades, no Santuário de Nossa Senhora da Atalaia – Montijo – em 27 Outubro de 2007. Os seus planos consistem em ajudar a lançar (o máximo que lhes for possível) mais Equipas no Sector de Setúbal.

Todas as ENS ficaram contentes com tal anúncio.

Desta vez, tocou-nos a nós, Santiago do Cacém 1, apoiar este projecto na parte ocidental da diocese de Beja.

A visita estava apelidada de “visita informal”, mas foi muito proveitosa por vários motivos:

- Jantar convívio entre todos os elementos que não se conheciam entre si.
- Os Srs. padres inteiraram-se melhor da realidade do Movimento das ENS, pelo que todos esperamos mais empenho de sua parte.
- Ficaram calendarizadas para 14 e 17 de Fevereiro, outras visitas para reunião de Divulgação/Informação



a casais das paróquias de Santiago do Cacém e Vila Nova de Santo André, respectivamente, num esforço para entusiasmar casais para formar mais Equipas.

- Ficaram indigitados dois casais para fazerem uma “Acção de Formação de Casais Piloto” em regime intensivo, para poderem Pilotar as possíveis Equipas que se venham a conseguir formar.

... e era apenas uma “reunião informal”... estamos a imaginar se fosse uma reunião de trabalho!!!

É reconhecido pela Igreja que o Alentejo é uma “Terra de Missão”. O terreno é árido, é verdade, mas também sabemos que o produto final, uma vez obtido, é de boa qualidade (conhecemos bem o produto final das vinhas alentejanas).

A disponibilidade foi manifestada.

O Espírito Santo fará o resto!



MISSÃO A S. TOMÉ E PRÍNCIPE

DONZÍLIA E FELISBERTO EIRA (CASAL RESPONSÁVEL DA PROVÍNCIA NORTE E CENTRO)

Estamos seguros de que as ENS vão representar um marco de mudança no conceito de família em S. Tomé e Príncipe. A Igreja virá a reconhecer este contributo num futuro muito próximo.

Integrado no programa de apoio da Supra-Região de Portugal às equipas de África, fomos convidados para, com o Sr. Padre Mário Pais, integrarmos a Missão S. Tomé e Príncipe.

A missão visava os seguintes objectivos: consolidação das equipas existentes e formação às mesmas; estruturação do Movimento; formação aos casais convidados para as estruturas a criar; informação a novos casais; sensibilização de Sacerdotes e “Irmãs” para a mística e carisma das ENS e consequente adesão como CE ou acompanhante de equipa.

Nesse sentido propusemo-nos efectuar: contactos com o Sr. Bispo D. Manuel António Santos e com os Sacerdotes e Comunidades Religiosas Femininas; encontros com todas as equipas ou grupos de equipas e informação a novos casais.

Ao integrar a missão, o Sr. Padre Mário Pais, amigo do Senhor Bispo D. Manuel António e conhecedor já da realidade santomense, transmitia-nos segurança e confiança.

O programa da nossa visita foi elaborado pelo Sr. Padre João Nazaré, com conhecimento do Senhor Bispo, o qual havia recebido já uma mensagem do Casal Responsável Supra-Regional, Ana e Vasco Varela, informando-o da nossa deslocação e dos seus objectivos.

Tudo a postos para a partida, que estava marcada para 15 de Setembro com regresso a 22 do mesmo mês. Mas “o futuro a Deus pertence”. Na noite do dia 10 a Donzília fracturou um braço em resultado de uma queda, impossibilitando-a de viajar. O Espírito apelava à nossa simplicidade e humildade. E como nas ENS não há trabalho individual, teríamos que ser substituídos ou adiar a viagem para mais tarde. Prevaleceu a segunda hipótese: partida a 27/10 com regresso a 08/11.

Não conhecíamos S. Tomé, mas numa conversa havida em Portugal com o Sr. Bispo Resignatário D. Abílio Ribas foi-nos dada uma panorâmica bastante detalhada da realidade familiar naquele país, situando-nos

ainda no meio, na cultura e na espiritualidade daquele povo.

Às 00h45 do dia 27 de Outubro embarcámos em Lisboa na companhia do Sr. Padre Mário. Tínhamos procurado fortalecer a nossa oração e, por isso, partimos confiantes.

Chegámos a S. Tomé às 06h40. Éramos aguardados pelo Senhor Bispo D. Manuel António Santos, pela Irmã Lúcia e por dois casais. E surgiu a primeira surpresa: o Senhor Bispo ajudou a desalfandegar a bagagem (como seria se ele não estivesse lá!), e a carregar as malas para o seu jeep! Ficámos sensibilizados. Seguimos depois na sua viatura até ao Paço Episcopal onde tomámos o pequeno almoço. De seguida levou-nos à casa que as Irmãs Canossianas nos tinham reservado, tendo o Sr. Padre Mário ficado na residência do Senhor Bispo. Esta simplicidade e disponibilidade despertou-nos para uma nova realidade que começávamos a viver. O espírito de ajuda e colaboração é próprio de quem, no meio das suas dificuldades, tem sempre algo para repartir.

Sentíamo-nos cansados, mas a nossa missão não era turística. Por isso tivemos logo nessa manhã o primeiro encontro com o Senhor Bispo, com quem almoçámos também. A parte de tarde foi ocupada com o Sr. Padre João Nazaré, com quem conversámos longamente, colhendo informações sobre a realidade das ENS em S. Tomé, analisando o programa e preparando o Encontro Geral do dia seguinte.

Demo-nos conta logo nesse dia das dificuldades da nossa missão, principalmente no respeitante a: transportes, meios de comunicação (nem o telemóvel, mesmo que caro, era um meio eficaz por falta de rede em diversos pontos), vias de acesso e recursos logísticos. E porque os imprevistos acontecem, nesse mesmo dia ficámos sem máquina fotográfica em resultado da sua queda do jeep. Adquirir outra? Onde?

Num gesto de amizade e estima pelo Padre Mário, as Irmãs Hospitaleiras dispensaram-lhe um jeep para as deslocações. Como foi grande este contributo e como foi útil também o conhecimento que o Sr. Padre Mário tem de S. Tomé, bem como a sua perícia na condução!

Conicionados pelo tempo de que dispúnhamos, tivemos dificuldade em nos adaptar ao ritmo santomense: “leve, leve”. Mas confiávamos no Espírito Santo. Fortalecidos por esta confiança fomos procurando pôr em prática as estratégias que tínhamos definido. Havia que atingir os objectivos que nos levaram àquele País. Logo no dia 28 participamos num Encontro Geral das Equipas de S. Tomé realizado nas Neves. Aprendemos mais do que transmitimos. Os testemunhos ouvidos vinham bem do fundo do coração e reflectiam as preocupações vividas por muitos casais. Fomos despertados para uma realidade que desconhecíamos: a generalidade dos casais celebrou o seu casamento depois de muitos anos de vida em comum. Agora, apesar de apenas há sete meses nas ENS, as

suas vidas têm sofrido uma mudança muito positiva. Há hábitos, resultantes da cultura local, que requerem tempo para irem sendo alterados: diálogo em casal, oração conjugal, vivência familiar, etc. A mudança está a realizar-se, lenta mas significativamente. As quedas são naturais. O seu reconhecimento e o recomeço são uma vitória.

Tivemos mais dois encontros com o Senhor Bispo, a quem fomos transmitindo alguns testemunhos dos casais. Reunimos com todas as equipas. Falámos do espírito, carisma e metodologia das ENS. Ouvimos muitas interrogações e esclarecemos muitas dúvidas. Registámos as suas reacções pela expectativa da visita de um casal de Portugal. E gravámos também o entusiasmo e determinação daqueles casais em se deixarem imbuir da mística das ENS. Estas eram vistas talvez mais como uma actividade paroquial, muito relacionada com o casamento e com a família do que como um Movimento estruturado internacionalmente. A estruturação, foi, aliás, uma das perguntas mais frequentes.

Contactámos com alguns sacerdotes e Irmãs Religiosas, realçando a importância deste Movimento na estruturação da família em S. Tomé. Ficámos com a impressão de que a Hierarquia, apesar de acolhedora, se encontra expectante, algo ainda incrédula perante a realidade familiar existente. Mas manifestámos sempre o nosso optimismo e total confiança no trabalho porque o trabalho que o Sr. Padre João Nazaré tem vindo a

desenvolver é um trabalho de fundo, estabeleceu, desde o início, a família como objectivo prioritário da sua actividade pastoral. Mesmo sem qualquer experiência prática nas ENS, mas pelos contactos estabelecidos aquando da sua estadia no Seminário dos Olivais, acreditou na sua mística, carisma e metodologia, sensibilizou e conquistou casais em diversos pontos da Ilha e constituiu algumas equipas.

No dia 5 de Novembro partimos para o Príncipe. Se há dificuldades em S. Tomé, que dizer do Príncipe?! Mas falemos só das ENS. Há aqui três equipas, cujo grande obreiro tem sido o Sr. Padre Manuel Árias, Colombiano, que numa passagem por Lisboa teve contacto com o Movimento. A Ilha é muito pequena, sem recursos, e os hábitos familiares tradicionais são muito influentes nos seus habitantes, pelo que procura caminhar com prudência. Há, primeiro, que alicerçar as equipas existentes, na perspectiva de serem estes casais a testemunharem, com a vida, a alegria e felicidade da mudança.

Também ali nos reunimos com todas as equipas, encontrando nos casais o mesmo estado de espírito que já referimos de S. Tomé. Registámos a riqueza de muitos testemunhos, especialmente no que respeita às mudanças de relação em casal e à evolução do conceito de igualdade de direitos do homem e da mulher.

O trabalho apostólico só pode ser ali exercido com um grande espírito de missão e de desprendimento, devido

ao isolamento e às enormes carências. Há 30 anos que se mantêm ali 3 Irmãs da Congregação da Sagrada Família, todas açoreanas e com mais de 65 anos. São os “Anjos da Guarda” da população e de quantos se deslocam ao Príncipe no cumprimento de qualquer missão. Foi em sua casa que também nós nos “abrigamos”.

O Sr. Padre João Nazaré, em S. Tomé, e o Sr. Padre Manuel Árias, no Príncipe, têm desenvolvido uma actividade altamente meritória. Desempenhando as missões de Casal Piloto e CE, têm sido fiéis transmissores da mística e do carisma do Movimento. O baixo grau cultural de alguns casais obrigou-os ao recurso a resumos dos temas de estudo, tornando-os mais acessíveis.

Estruturação

Existiam 5 equipas em S. Tomé e 3 no Príncipe. É, no entanto, grande a distância entre estas duas Ilhas. Há avião duas vezes por semana. Porém, se um casal de S. Tomé quiser deslocar-se ao Príncipe, ou vice-versa, terá de reservar o ordenado de 7 meses de um professor para suportar os custos das passagens. Impraticável, portanto, a formação de um Sector único. Tendo em conta esta realidade, formou-se um Sector em S. Tomé e um Pré-Sector no Príncipe, autónomos, integrados na Província África.

Baseados nas sugestões do Sr. Padre João Nazaré e do Sr. Padre Manuel Árias, foram convidados os casais para estas duas estruturas: Casais

Responsáveis de Sector e Casais de Ligação, sendo pedido também a estes a pilotagem de quaisquer novas equipas.

Procurámos preparar estes casais para as diversas missões, distribuindo-lhes depois a documentação respectiva. Todas as equipas se encontravam ainda no 7.º Caderno, portanto ainda em pilotagem. De qualquer forma, foi pedido a dois Casais para acompanharem, como Casais Piloto e com a colaboração dos respectivos CE, duas novas equipas que estavam a ser preparadas. Apesar das dificuldades próprias da inexperiência, estes casais manifestaram-se dispostos a dar o seu melhor, não só em ordem à expansão do Movimento como também, e principalmente, à dinamização das equipas existentes.

Em qualquer dos Sectores vai tornar-se indispensável a colaboração dos respectivos CE, Padre João Nazaré e Padre Manuel Árias, não só no campo espiritual como também no apoio logístico e de transporte.

Por tudo o que nos foi dado observar é indispensável continuar a apoiar as ENS nas duas Ilhas de S. Tomé e Príncipe. Os casais e CE necessitam de sentir o calor humano dos equipistas portugueses. Os casais sentiram-se honrados com a presença de um casal de Portugal que viveu no seu meio, comeu e conviveu com eles e entrou em sua casa. Ao falar-se da quotização foi manifesto o grande apreço pelos equipistas portugueses, que com a sua generosidade possi-

bilitam o apoio aos países de África, suportando os encargos com as deslocações a esses países e ainda a deslocação de casais desses países a Portugal.

Estamos seguros de que as ENS vão representar um marco de mudança no conceito de família em S. Tomé e Príncipe. A Igreja virá a reconhecer este contributo num futuro muito próximo. A Hierarquia não pode ficar, por isso, simplesmente numa posição expectante. Os casais e CE necessitam de sentir o seu apoio.

E para terminar:

- A nossa gratidão ao Senhor Bispo D. Manuel António Santos pela forma simples e generosa com que nos acolheu e pela simpatia que nele sempre encontramos. Jamais esqueceremos a sua disponibilidade de transporte do e para o aeroporto e a inestimável ajuda na Alfândega.
- Um agradecimento ao Sr. Padre Mário Pais, nosso companheiro de percurso, pelo apoio que dele recebemos e pela inestimável colaboração na disponibilização de transporte. As nossas dificuldades aumentaram com o seu regresso antecipado a Portugal.
- A expressão do nosso apreço e simpatia pelo trabalho desenvolvido pelo Sr. Padre João Nazaré em prol da família. Seguro nas suas convicções, consegue, no meio de tanta dificuldade, encontrar ânimo para, com alegria, simplicidade e deter-

minação, realizar um projecto em que acredita profundamente. Também nós acreditamos no seu trabalho e nos frutos que dele irão ser colhidos.

- Igual sentimento de apreço para com o Sr. Padre Manuel Árias, no Príncipe. São enormes as dificuldades no exercício do seu munus pastoral: carências de todo o género, total falta de meios materiais e económicos, isolamento e solidão, obstáculos de uma cultura tradicional, etc. Mas, alimentado pela fé e esperança, mantém-se persistente na sua missão, apostando na família como forma de ir contagiando os ambientes, dar dignidade ao meio familiar e assim caminhar para o conceito de família estruturada. Acredita e aposta nas ENS. Confessou que não conhecia este Movimento mas que, a partir de agora, irá ser um arauto do mesmo, procurando implantar ou apoiar as ENS em qualquer ponto onde seja colocado dado estar a completar ali quatro anos, mas vai acompanhar o seu substituto durante cerca de 3 meses, garantindo que não vai faltar apoio aos casais das ENS.
- O nosso agradecimento também às Irmãs das Ordens Religiosas Femininas pela sua simpatia e disponibilidade para apoiar os casais das ENS e para acompanhar as equipas, já existentes ou a formar. Bem “implantadas no terreno”, as suas Casas são autênticos centros de cristandade e de apoio social.

TESTEMUNHO

Região
Angola

Ao:

Casal Responsável para a Província de África

LISBOA

ASSUNTO: TESTEMUNHO AO ENCONTRO NACIONAL DAS ENS

Somos, **Rosalina Mbayeta** e o **Pedro Ndjamba**, casados a 19 anos. Vivemos nos arredores de Luanda na localidade chamada Benfica.

Temos 6 filhos que crescem muito perto de nós, o que nos dá uma grande alegria.

Às 16h05 do dia 15 de Novembro de 2007 chegamos ao aeroporto Internacional de Lisboa a bordo da aeronave da TAP.

Fomos calorosamente recebidos pelo casal **Fernando Marques**, que se mostrou muito satisfeito com a nossa presença sendo claramente um homem de Deus pela sua simplicidade pela sua capacidade de acolhimento pela maneira como se apresentou.

Não temos palavras para o descrever.

De imediato fomos levados para casa de retiros da Buraca onde nos juntamos aos casais:

- **Osvaldina e Danilson** – S. Tomé
- **Elisa e Afonso** - Moçambique

Padres:

- **Eugénio** – Moçambique
- **Mário** – Cabo- Verde
- **João** – S. Tomé

No dia 16 de Novembro de 2007, às 20h16, partimos de Lisboa para Fátima de autocarro, por sinal muito confortável onde não faltou o ar condicionado, em sintonia com a nossa senhora de Fátima começamos com as orações iniciais do movimento, invocando o espírito de santo, bem como a reza do santo terço.

Chegamos a Fátima as 22h05 minutos seguindo-se do jantar no hotel Católica e consequentemente a recepção das chaves dos quartos para hospedagem e o respectivo descanso.

No dia 17 após o pequeno almoço seguiu-se a recepção do material didáctico para a formação tendo obedecido o programa do encontro.

- 16:30 – Partida de Fátima.

Fomos bem hospedados e a hospitalidade que nos reservaram foi mas do que generosa.

As sessões de estudo que tivemos em Fátima, bem como a reunião de despedida após o jantar de confraternização com a Equipa da supra região permitiram em nós aprofundar os conhecimentos sobre o movimento seu carisma e sua estrutura, assim como as graças que podemos receber pelo facto de pertencermos a este movimento.

Para nós foi uma honra e um enorme prazer termos estado em Lisboa propriamente em Fátima ao serviço do senhor, através de movimento participando no encontro nacional das ENS, onde fizemos novos amigos sobretudo a grande família da região da madeira que connosco viajou de Lisboa para a Fátima. O nosso muito obrigado.

Consideramos como pontos mais alto do encontro nacional das ENS que teve lugar em Fátima de 17 á 18 de Novembro de 2007.

- Painel I - Uma vida equipa

- Dever de se Sentar

- Painel II - (2.º parte) – Pontos concretos de esforço.

Os agradecimentos ao casal **Lai** e **Fernando Marques**, pelos passeios que nos proporcionaram da visita a sítios e monumentos históricos de Lisboa bem como ao estado da Luz, ficámos maravilhados por tudo aquilo que nos testemunharam.

Voltamos de Lisboa com o dever cumprido e a ânsia de um dia voltarmos na graça de Deus pai.

A região de Angola e ao sector Luanda D, das ENS muito obrigado por terem confiado em nós. Deus vos proteja e vos dê a sua benção celestial nesta missão.

Luanda aos 28 de Janeiro de 2008.

O Casal Responsável,

Rosalina Mbayeta e Pedro Ndjamba

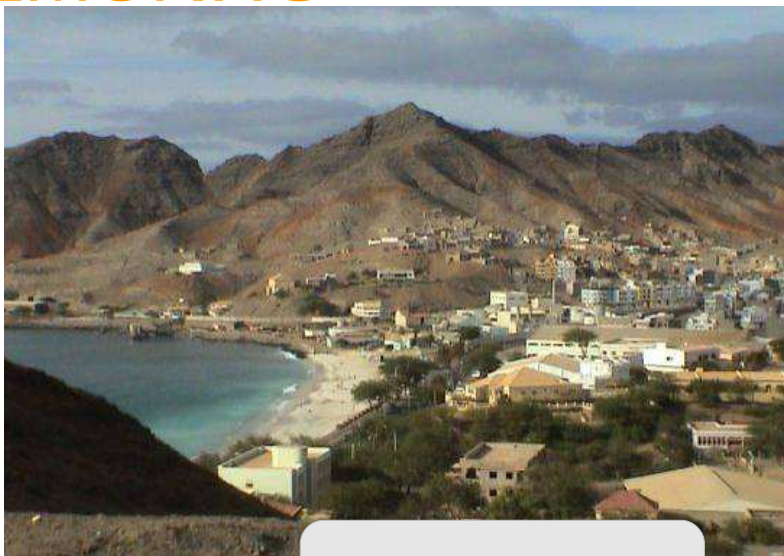
TESTEMUNHO

PADRE JOSÉ CARLOS

Caros amigos!

A minha participação no encontro das ENS foi uma oportunidade para conhecer um pouco mais de perto este movimento, como era o desejo da Diocese de Mindelo, na pessoa do seu Bispo, Dom Arlindo. Pareceu-me que o movimento foi muito bem concebido pelo fundador, padre Caffarel, com objectivos e métodos muito claros. A capacidade de reunir, de fazer reflectir, de conviver e de rezar centenas de casais, com os seus conselheiros espirituais foi, sem dúvida, momentos de graça e de partilha muito interessantes para aqueles que procuram fortalecer a sua vocação de vida conjugal. O movimento está de parabéns, oxalá que ganhe impulso novo a partir desta magna experiência!

Eu, como tive a oportunidade de vos manifestar, na qualidade de pároco de duas freguesias, vindo de ambiente com baixo índice de Matrimónio, registo boas impressões do mo-



Região
Cabo Verde

vimento e acredito que este poderá dar um forte impulso para levantar casais desavindos e sensibilizar pessoas a procurarem e comprometerem no Matrimónio. Nesta linha, queiram saber que fiz já alguns contactos em ordem a dar a conhecer as Equipas.

Aproveito esta oportunidade para manifestar, em nome pessoal, a minha gratidão pela possibilidade que me deram de tomar parte neste Encontro. Creio ser também, de igual modo, o sentimento de gratidão da parte do Bispo da Diocese de Mindelo. Nosso sincero obrigado!

Unidos a Cristo, o Bom Pastor.

ENCONTRO NACIONAL

REUNIU MAIS DE 2000 PESSOAS



CÂNDIDA E JORGE MORAIS (TORRES VEDRAS 2)

O Encontro Nacional das Equipas de Nossa Senhora (Fátima, 17 e 18 de Novembro de 2007) decorreu sob a inspiração das comemorações dos 60 anos da Carta Fundadora. Foi uma oportunidade para se reflectir sobre o caminho percorrido e sobre os projectos para o futuro, pautados pelo sentido cristão da exigência.

O Movimento das Equipas de Nossa Senhora celebrou nos dias 17 e 18 de Novembro no Santuário de Fátima, os 60 anos da CARTA Fundadora. Foi há 60 anos que um grupo de Casais e o Padre Caffarel se propuseram fazer uma caminhada juntos para aprofundarem o sentido do Sacramento do Matrimónio. Surgiu então a Carta das ENS que é o documento que nos ajuda a compreender a mística do movimento e a sua exigência. Como nos ensinava o Padre Caffarel, as Equipas de Nossa Senhora são um Movimento de Iniciação e Aprofundamento, ou seja, um caminho a percorrer pelo casal em direcção à Santidade.

Participaram neste encontro mais de 1.000 casais, vindos de todo o país (continente e ilhas), bem como al-



guns membros das Equipas de Angola, Moçambique, S. Tomé e Príncipe e Cabo Verde, que representaram as equipas de expressão portuguesa em África.

Do Sector de Torres Vedras, estiveram presentes 36 casais.

O encontro começou no sábado com a recitação do terço na Capelinha das Aparições. Durante esse dia, os temas focados interpelaram os casais para que tanto na vida de equipa como no seu crescimento espiritual a exigência fosse uma constante nas suas vidas.

Animado por vários casais e conselheiros espirituais das Equipas, o dia terminou com um Serão de Festa, onde não faltou animação e alegria.

No Domingo foi celebrada a Eucaristia na nova Igreja da Santíssima Trindade, tendo sido encerrado o encontro com as Orientações de Vida do Movimento das ENS até ao ano de 2012.

UM TESTEMUNHO SOBRE O PAINEL I



CARMEN E HUMBERTO SILVA (TORRES VEDRAS 12)

Encontro Nacional das ENS

Foi com muita alegria que estivemos presentes no Encontro Nacional das ENS em Fátima nos dias 17 e 18 de Novembro. Vamos sempre na expectativa de podermos conhecer melhor o nosso movimento e assim enriquecermos a nossa vida em casal.

Foi para nós muito enriquecedor o painel apresentado pelo padre Vasco Pinto de Magalhães cujo tema era “as alegrias e exigências de uma vida de equipa”, o qual nos fez meditar bastante na palavra exigência, não no sentido de obrigação, mas como caminho de alegria. A nossa maior exigência é manter a alegria, o ânimo, o entusiasmo, é ter dentro de nós o amor de Deus, um amor que nos enaltece e nos ajuda a descobrir no fundo de nós mesmos o que de melhor temos. Exigência que nos aparece como geradora de uma missão, por vezes com altos e baixos, desolações, falta de fé, como se no fundo nos fechássemos dentro de nós próprios.

Temos de encontrar o caminho da verdadeira alegria na amizade, na família, crescer na espiritualidade, e, principalmente, estarmos dispostos a servir. Por vezes o que se contrapõe à alegria não é a tristeza mas sim o pessimismo (a desolação espiritual). Por isso, a nossa grande exigência é recriar a alegria.

Temos de estar atentos às falsas alegrias. Não podemos ter uma equipa de casais onde até parece que tudo funciona bem, mas onde, no fundo, pode existir um engano de “estar a fazer bem”. A superstição da espontaneidade é uma armadilha onde não podemos cair.

Temos que estar decididos a reinventar com um amor que está na ordem do querer, sendo o essencial a oração. Juntando alegria e exigência, estamos determinados a construir um futuro cheio de esperança e com uma enorme força de criar o amanhã!

INTERCESSORES

CASAL ABRANCHES PINTO

Transcrevemos aqui um extracto de um texto do Casal Abranches Pinto publicado no Livro “Origens e Percurso das ENS em Portugal”, editado em 2005, ano de comemoração dos 50 anos da chegada do espírito do Movimento a Portugal. É também uma forma de homenagear o Manuel Abranches Pinto, que já partiu para o Pai, pela forma empenhada como desempenhou nos seus últimos anos de vida, em casal, a responsabilidade pelos Intercessores em Portugal.

Lisboa, 14 de Março de 2004

“Os Veladores” – Intercessores

Em 1960, o Padre Caffarel, certamente inspirado pelo Espírito Santo faz um apelo para que se oferecessem voluntários como “Veladores” para rezarem juntos pelos casais cristãos. E é em 1966/7 que, em Portugal, alguns aderem a esta iniciativa. Eram casais das ENS que da meia-noite às seis horas da manhã, em equipa se sucediam na oração pelo Movimento, por cada uma das famílias, especialmente por aqueles que mais precisavam. Era uma oração de uma hora. Uma vez por mês. Cada casal telefonava ao seguinte, em cadeia combinada não só para lhe recordar a oração mas para que o elo não fosse quebrado e todos se sentissem unidos nesta oração. E procurava-se que todas as equipas participassem de modo que existisse como que uma oração contínua, dada a dispersão das equipas por tantos países e continentes.

Mas nem sempre foi possível ao Movimento organizar e acompanhar

esta iniciativa. Por isso em 1968 surgem os “Intercessores” que vão substituir de uma forma um pouco diferente e mais ampla o âmbito dos “Veladores”.

Em 1968 passaram a chamar-se “Intercessores”.

A primeira missão que receberam foi de rezarem, especialmente:

- Pelos noivos que se preparam para o matrimónio
- Pelos casais felizes para que irradiem a graça do seu sacramento
- Por aqueles que são separados pela viuvez
- Pelos casais em dificuldades, experimentados pela doença ou pelo desemprego.
- Por aqueles cujo amor está doente e por aqueles que se separam.

O que distingue os intercessores de outros grupos de oração é exactamente a sua especificidade de oração

pelos casais cristãos. Ora estas intenções não são hoje ainda mais preocupantes e necessárias?

Também recebemos muitas intenções particulares, tantas tão dramáticas e angustiantes e que são igualmente atendidas.

Quem são hoje os intercessores?

São cerca de 2000 homens e mulheres de todas as idades, condições, raças, estados de vida e de cerca de 30 países.

Em Portugal somos 131, o que é muito pouco, mas temos esperança de que esse número aumente substancialmente...Estamos em Lisboa, Porto, Coimbra, Covilhã, Caldas da Rainha, Gouveia, Valadares, Ourém, Mem Martins, Parede, Carvalhos, Queluz, Oeiras, Charneca da Caparica, etc.

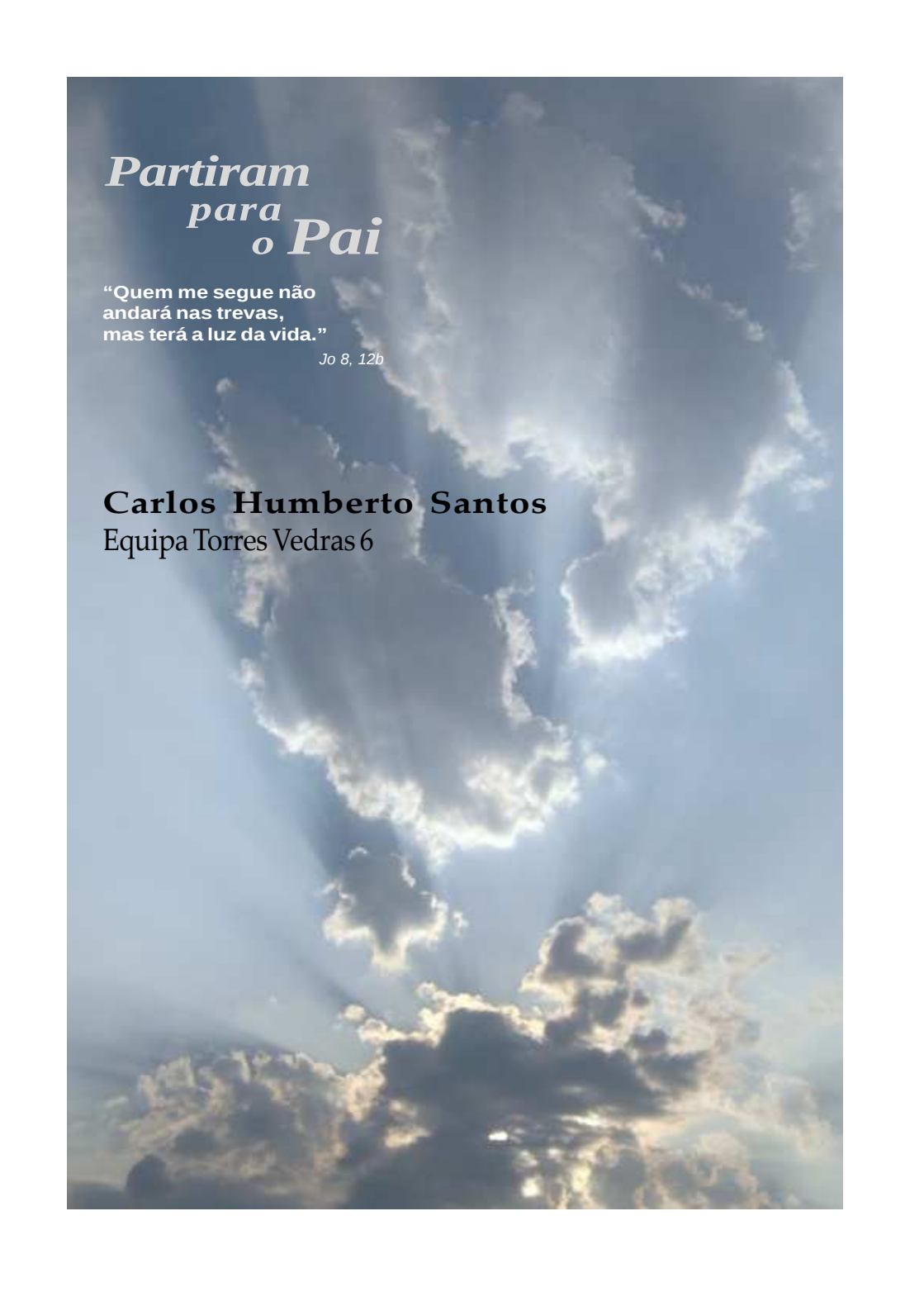
Une-nos o mesmo compromisso de assegurar uma cadeia de orações, rezando, cada um de nós, uma vez por mês – uma hora, que escolhemos e escrevemos num boletim de inscrição juntamente com o nosso nome e direcção e que fica no Secretariado das Equipas de Nossa Senhora. Isto para podermos receber, de três em três meses, a “Carta aos Intercessores” juntamente com duas intenções de orações para esse trimestre.

Esta carta vem de França, é traduzida nos países para onde é enviada e é sempre muito rica de doutrina e ajuda-nos muito a perseverar na nossa missão livremente aceite.

Nos intercessores, além dos orantes (os que rezam uma vez por mês, pelo menos) há os oferentes – os que oferecem as suas “cruzes” e os jejuadores (os que jejuam uma vez por mês). E há os que acumulam as três modalidades. É interessante reparar no logótipo da carta aos intercessores – um orante reza diante de uma vela acesa. Ora isto faz-nos lembrar um testemunho de um casal francês na carta aos intercessores n.º 87, de Julho de 99 em que afirmam: “Ser intercessor na Igreja, hoje, é crer e manifestar de que tudo é possível a Deus”, é ocupar um lugar – certamente oculto – ser uma lâmpada acesa. É entrar nessa grande corrente de homens e mulheres de oração que rezam para glória de Deus e para a salvação do mundo.

Gostamos de pensar que esta pequena chama da nossa humilde oração percorre assim o mundo, passando de mão em mão, acesa e mantida pela mão do próprio Espírito Santo. Vivemos assim o mistério da comunhão dos santos. Somos um elo da enorme cadeia daqueles que nos precederam e daqueles que virão depois de nós.

Mais informação em **www.ens.pt** (Secção Intercessores).
Inscrições pelo tel: 21 842 93 40 ou por e-mail:ens@ens.pt.



Partiram para o Pai

**“Quem me segue não
andarás nas trevas,
mas terá a luz da vida.”**

Jo 8, 12b

Carlos Humberto Santos
Equipa Torres Vedras 6